

**Sandra Mara Lopes de Oliveira**

**Enlaces e Desenlaces do Amor: O sofrimento entre o Insuportável do Amor e o  
Impossível da Separação. Dois Estudos de Casos à Luz da Teoria Psicanalítica de  
Freud e Lacan**



**Universidade Fernando Pessoa  
Faculdade de Ciência Humanas e Sociais  
Porto, 2021**



**Sandra Mara Lopes de Oliveira**

**Enlaces e Desenlaces do Amor: O sofrimento entre o Insuportável do Amor e o Impossível da Separação. Dois Estudos de Casos à Luz da Teoria Psicanalítica de Freud e Lacan**



**Universidade Fernando Pessoa**  
**Faculdade de Ciência Humanas e Sociais**  
**Porto, 2021**

Nome da Autora: Sandra Mara Lopes de Oliveira

Título da Dissertação: O Sofrimento entre o Insuportável do Amor e o Impossível da Separação. Dois Estudos de Casos à Luz da Teoria Psicanalítica de Freud e Lacan.

Declaro, para devidos fins, a originalidade desta dissertação.

---

**Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob orientação da Professora Doutora Marta Matos (UEP- Portugal) e co-orientação do Professor Doutor Leonardo José Barreira Danziato (UNIFOR – Brasil)**

## *Agradecimentos*

*À Pedro Oliveira Charron, meu filho, que pude aprender a ser mãe entre tropeços de ser mulher;*

*Aos meus pais, Pedro Oliveira e Alaide Oliveira, que me possibilitaram à geração e entender a dor da ex-sistência como mulher;*

*Aos meus pacientes que generosamente me fizeram analista;*

*Aos homens que consegui amar e ser amada;*

*À caríssima Prof. Marta Matos, por orientar e acreditar em uma escrita sobre a mulher;*

*Ao caríssimo Prof. Leonardo Danziato a luz de Lacan diz que não existe Um, nem dois, e principalmente, “A relação sexual não existe”;*

*Às mulheres não-todas que insistem todos os dias na possibilidade de uma escrita;*

*Muito obrigado!*

## Resumo

Há mais de um século a psicanálise vem desenvolvendo trabalhos de investigação sobre o tema amor e toda a complexidade que este apresenta na saúde mental. A partir de estudos com pacientes histéricas, Sigmund Freud apresentou a estruturação do aparelho psíquico (primeira e segunda tópica), como também revelou a existência da sexualidade infantil e que no percurso do desenvolvimento infantil o sujeito vivência experiências traumáticas, em seu relacionamento com o Outro, as quais ficam reprimidas a nível inconsciente, sendo eventualmente convertidas em sintomas e dificuldades afetivas na fase adulta. Nesta linha do quadro-epistemológico da psicanálise, propomos um estudo sobre o tema amor no feminino, um olhar da mulher frente às suas emoções e amores. Buscamos, através de dois estudos de caso clínico: duas mulheres, duas reflexões, naquilo que diz respeito à ex-sistência da mulher, uma-a-uma, analisando o amor e o gozo do feminino, a partir da interface entre: por um lado, a observação analítica e estudo de casos de mulheres acompanhadas na prática clínica da investigadora; e por outro, as interrogações que se articulam, designadamente, ao ensino de Lacan, a respeito da inexistência d'A mulher e da relação sexual, como também ao fato de o amor estar intimamente relacionado à falta constitutiva do sujeito da linguagem, ou seja, amar é um exercício constante frente a falta do Eu e do Outro. Assim, as problemáticas que giram em torno do tema amor apontam questões sobre os casos particulares que envolvem a falta, ausência que, em ato, possibilita o desejo; entretanto, também é operador de angústias, quando não há significantes fálicos suficientes para cobrir o corpo de uma mulher. O amor produz, fantasiosamente, a imagem do encontro com o Outro, que faça Um da completude. E é em busca por completude que o sujeito psíquico se mobiliza pulsionalmente, à procura de satisfação, seja pelo amor ou pela dor. Entender o que é amar e ser amada narcisicamente, como semelhante, em que não existam as dessemelhanças e as diferenças, na impossibilidade de separar o Eu-Outro, percorre nosso estudo em busca de circundar o sofrimento experimentado pelas mulheres no todo de uma geração.

**Palavras-chave:** Amor; Falta; Desejo; Separação; Psicanálise.

## Abstract

For over a century psychoanalysis has been developing research work on the theme of love and all the complexity it presents in mental health. From studies with hysterical patients, Sigmund Freud presented the structuring of the psychic apparatus (first and second topic), as well as revealing the existence of infantile sexuality and that in the course of infantile development the subject experiences traumatic experiences in his relationship with the Other, which are repressed unconsciously and eventually converted into symptoms and affective difficulties in the adult phase. In this line of the psycho-epistemological framework of psychoanalysis, we propose a study on the theme of love in the feminine, a look at women facing their emotions and loves. We seek, through two clinical case studies, two women, two reflections, in what concerns the woman's existence, one-to-one, analysing love and jouissance in the feminine, from the interface between: on the one hand, there is the analytical observation and case studies of women followed in the clinical practice of the researcher; and on the other hand, the questions that are articulated, namely, with Lacan's teaching regarding the non-existence of the woman and of the sexual relationship, as well as the fact that love is intimately related to the constitutive lack of the subject of language, that is to say, love is a constant exercise facing the lack of the "I" and the Other. Thus, the problems that revolve around the theme of love raise questions about the particular cases involving lack, absence which, in act, makes desire possible; however, it is also an operator of anguish, when there are not enough phallic signifiers to cover the body of a woman. Love produces, fantastically, the image of the encounter with the Other, who makes One complete. And it is in search of completeness that the psychic subject is mobilised pulsionally, in search of satisfaction, be it through love or through pain. To understand what it is to love and be narcissistically loved, as similar, in which dissimilarities and differences do not exist, in the impossibility of separating the I-Other, go through our study in search of surrounding the suffering experienced by women in the whole of a generation.

**Keywords:** Love; Lack; Desire; Separation; Psychoanalysis.

## Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
<b>OBJETIVOS GERAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>OBJETIVO ESPECÍFICOS.....</b>	<b>14</b>
<b>JUSTIFICATIVA DE PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo I - Construção do Eu: Nascimento do amor.....</b>	<b>16</b>
1.1 Autoerotismo, narcisismo, relação objetal.....	16
1.2 Estádio do espelho e os três tempos lógicos do Édipo.....	22
1.3 O sujeito e o desejo do Outro: alienação e separação.....	28
<b>Capítulo II - O que quer uma Mulher?.....</b>	<b>34</b>
2.1 A relação sexual não existe: fórmula da sexuação.....	34
2.1.1 <i>O lado do masculino.....</i>	<i>36</i>
2.1.2 <i>O lado feminino.....</i>	<i>37</i>
2.2 A mulher não existe: gozo fálico e gozo Outro.....	39
2.2.1 <i>Gozo fálico.....</i>	<i>42</i>
2.2.2 <i>Gozo Outro.....</i>	<i>43</i>
2.3 Ser o falo: o semblante.....	44
2.4 Os litorais do indizível: devastação entre mãe e filha.....	49
2.5 E agora? <i>CHE VUOI?</i> : “Amor é dar o que não se tem, a alguém que não quer”.....	54
<b>PARTE II - COMPONENTE EMPÍRICO</b>	
<b>1 Método.....</b>	<b>59</b>
1.1 Abordagem de pesquisa.....	59
1.2 Amostra/Participantes.....	59
1.2.1 <i>Critérios de inclusão.....</i>	<i>60</i>
1.2.2 <i>Critérios de exclusão.....</i>	<i>60</i>
1.2.3 <i>Instrumento para recolha do material empírico.....</i>	<i>61</i>
1.3 Procedimento.....	61

<b>2 Casos clínicos e seus desdobramentos.....</b>	<b>64</b>
<b>3 Dois estudos de caso clínico.....</b>	<b>72</b>
3.1 Caso 1: Luiza.....	72
3.1.1 <i>Análise do caso clínico Luiza.....</i>	<i>78</i>
3.2 Caso 2: Elena.....	84
3.2.1 <i>Análise do caso clínico Elena.....</i>	<i>91</i>
<b>CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>106</b>
<b>Anexo 1: Parecer do Comitê de Ética do Conep (Plataforma Brasil).....</b>	<b>106</b>
<b>Anexo 2: Parecer da Orientadora Professora Doutora Marta Matos.....</b>	<b>110</b>
<b>Anexo 3: Parecer do Coorientador Professor Doutor Leonardo     José Barreira Danziato.....</b>	<b>111</b>
<b>Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....</b>	<b>112</b>

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Alienação – Falta: 1.....	29
<b>Figura 2:</b> Alienação – Falta: 2.....	29
<b>Figura 3:</b> Alienação.....	31
<b>Figura 4:</b> Separação.....	32
<b>Figura 5:</b> Fórmula da sexuação.....	35
<b>Figura 6:</b> Ciclo da fantasia.....	51
<b>Figura 7:</b> Ciclo da fantasia.....	52
<b>Figura 8:</b> Nó Borromeano .....	66
<b>Figura 9:</b> Nó borromeano.....	70

## INTRODUÇÃO

O amor interessa à psicanálise, disse Freud, como também o disse Lacan (1960-1961/2010). Estes autores se dedicaram a falar sobre o amor, buscaram compreendê-lo na cultura, na arte, nas tragédias do desejo.

A princípio de tudo, antes do amor existir entre pares, éramos um pedaço de carne pulsional em busca de alívio tensional, um corpo que se movimenta em busca de satisfação imediata, desconsiderando a existência de qualquer coisa, qualquer realidade externa, que não seja seu próprio corpo.

Assim chegamos ao mundo do Outro, desconsiderando sua presença, por pouco tempo, pois logo nos deparamos com leis do Outro e que nossa existência dependerá da realidade advinda do Outro. Desse modo, descobrimos que somos “ali-é-nada” ao Outro como destino e que a separação é uma escolha difícil de se concretizar.

No desenvolvimento psíquico do sujeito, seu primeiro investimento amoroso é seu próprio eu (narcisismo primário). E posteriormente, este investimento, antes dirigido ao eu, passa a ser dirigido a um objeto, que é envolvido por libido que o contorna e retorna ao próprio eu (narcisismo secundário). Freud (1914-1916/2010) afirma que no estado de enamoramento, há um “esvaziamento” libidinal do eu em direção ao objeto e que a relação amorosa se opera quando ocorre o investimento da libido no objeto e o retorno deste ao eu. Assim poderemos pensar que em nossas relações amorosas buscamos um amor narcísico, ou seja, amamos o outro para poder amar a nós mesmos, e então não adoecemos da dor de existir.

E Freud, em *Introdução ao narcisismo* (1914-1916/2010), revela, a partir de sua frase ícone “Se você ama, sofre. Se não ama, adocece” (p. 29), a importância das relações afetivas, como também a complexidade das relações baseadas no amor narcísico, devido à báscula de semelhanças e dissemelhanças na busca incessante de completude.

Unir e separar, amar e des-amar, alienar-separar. Entre junção e disjunção ao outro-Outro com o desejo do Outro, o sujeito se depara com seu sofrimento por não conseguir tamponar aquilo que lhe falta, pois no desejo não há objeto. E no amor, se existe amor, o sujeito é castrado, limitado na sua potência, pois o amor mostra-nos limites, falhas e dor. Dessa forma, o sujeito é obrigado a com-viver com a falta de um pedaço que caiu de seu ser sem possibilidade de encontro, pois no amor somos castrados.

Nossa investigação tem como enfoque o amor no feminino sob o olhar e o sentir da mulher, trazendo à luz estudos desde Freud até os ensinamentos de Lacan. Buscamos em Freud, (1914-1916/2010, p. 33), paradigmas naquilo que corresponde ao “tipo narcísico” de amor, o qual ele considerou ser correspondente a maneira de amar da mulher; e prosseguiremos com Lacan, naquilo que chamaremos de o insuportável do amor e impossível da separação, para compreendermos a posição do lugar da mulher como objeto de desejo do Outro nos enlances amorosos.

Lacan, através de aforismo “A mulher não existe” (1972-1973/2008, p. 79), revela a dimensão deste universo feminino apresentado pelo Não-Todo fálico, como também a maneira erotomaniaca de amar e de não conseguir separar a si do Outro, do olhar e do desejo do Outro. Ser amada confunde-se com ser desejada, ser olhada, ser objeto causa de desejo do homem, podendo chegar ao sofrimento psíquico quando não se vê mais sob o olhar do desejo do Outro.

A mulher, ao amar de forma erotomaniaca, faz-se o objeto causa do desejo do Outro, vendo neste aquele que poderá fazer dela um ser valioso. Além disso, a mulher tem em sua forma de amar o desejo de encontrar no homem a possibilidade de retorno ao narcisismo primário, fonte de onipotência e totalidade, e assim tamponar sua angústia frente ao sentimento de ser um ser marcado pela falta.

Iniciamos uma investigação teórica e, posteriormente, unir-se-ão fragmentos discursivos de duas mulheres que estiveram em análise com a investigadora da pesquisa, tendo finalizado seu processo analítico há dois anos. Dois casos clínicos, duas mulheres e duas histórias empíricas, nos ajudarão na compreensão das interfaces teórico-praxis da clínica do real.

Desse modo, para embasamento e análise dos discursos, foi necessária uma pesquisa que pudesse percorrer momentos primordiais do desenvolvimento psíquico, um olhar desde épocas primitivas do sujeito em relação ao seu próprio corpo, à presença e à ausência do outro-Outro, mostrando: a importância do autoerotismo pulsional e erógeno, do narcisismo como uma nova operação psíquica, permitindo que, de maneira especular, haja identificações, sejam imaginárias e simbólicas, em direção à constituição do sujeito, indo do sem sentido ao duplo sentido, do imaginário ao simbólico, em busca de um dizer que produza um novo diz-curso.

E neste processo de um dizer da mulher, no feminino, percorreremos questões referentes ao amor e à angústia do abandono naquilo que confere à incessante busca de

um significante fálico, do gozo fálico, que lhe dê uma razão de existir fora do repuxo do gozo-Outro. Falaremos do amor na interface de alienações e separações, em que o amor percorre a dialética de ser e ter o falo, em que objeto e sujeito atuam como maneiras de oferta e recebimento, de trocas, porque fora das trocas haverá sempre alguém que morre como sujeito, morte da possibilidade do amor.

Teremos como propositura refletir sobre a condição de ser mulher através da sua condição neurótica, em contraponto com a estrutura da psicose, observando nesta um paradigma em que analisaremos as diferenças do sentir e agir do sujeito inconsciente presente na neurose histérica ou obsessiva.

Lacan, nos anos 60-70, apresentou aforismos que fogem à compreensão da lógica, além de dizer, n’*O Seminário, Livro 20* (1972-1973/2008, p. 14): “A mulher não existe”. E continua com: “A relação sexual não existe” (p. 155), recorrendo também à hipótese aristotélica do universal e do particular para apresentar-nos aquilo que ele chamou de “Fórmula da sexuação” para poder afirmar que no processo da subjetivação do sujeito existem níveis de: identificação, modalidades de gozo e modalidades de fantasias que impedem que haja uma simetria entre homem e mulher, como a impossibilidade de relação sexual entre dois e que dois não fazem Um.

Ainda n’*O Seminário, Livro 20* (1972-1973/2008), Lacan afirma que a mulher utiliza do homem como um transformador e experimenta dois tipos de gozo: o fálico e o gozo-Outro, um Outro que a leva ao gozo infinito, como a um gozo mortífero.

Assim, continuaremos a refletir sobre a mulher que pode ser o que ela quiser, homem ou mulher, estar no gozo fálico e no gozo-Outro. Homens e mulheres conjugam verbos diferentes, em que o homem precisa ter para ser e a mulher precisa ser para ter.

E finalizaremos o estudo teórico com mais um aforismo de Lacan, para refletirmos a respeito das relações amorosas: E agora? *CHE VUOI?*: “Amor é dar o que não se tem, a alguém que não quer” (1960-1961/2010, p. 49), de maneira a visualizar o amor verdadeiro ou digno pronunciado no ensino lacaniano.

E nestas interfaces teóricos-epistemológicos e estudo de dois casos clínicos de mulheres, que buscaremos uma compreensão do sofrimento psíquico, no dizer do amor no feminino, na alteridade dos discursos destas duas mulheres, em análise clínica, pelas suas vivências amorosas, na dialética do ativo e do passivo, entre um gozo fálico e gozo-Outro, encontraremos um caminho para entendermos aquilo que Lacan, (1960-1961/2010) chamou de amor verdadeiro.

Desta forma concluiremos nossa pesquisa com uma análise reflexiva em resposta ao nosso problema de pesquisa: É possível a mulher amar e ser amada além do amor narcísico, amar entre dois sujeitos da falta desprovido de completude e simetria? Para responder a este problema de pesquisa buscaremos compreender os enlaces psicológicos que corroboram questões que levam a mulher a ser objeto de desejo do homem, as quais comprometem as diferenças absolutas entre o Eu e o Outro na atividade de amar.

Com isso surgirão subsídios apropriados para que possamos dar excelência às intervenções na clínica analítica e realizarmos o ato analítico de forma apropriada e assertiva em relação às questões que envolvam a mulher e sua forma de amar e viver.

## **PROBLEMA DE PESQUISA**

É possível à mulher amar e ser amada além do amor narcísico, amor entre dois sujeitos da falta, desprovidos de completude e simetria?

## **OBJETIVOS GERAIS**

Compreender e aprofundar sobre a temática do feminino, através das modalidades de amar da mulher para a psicanálise.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender, em termos conceituais, o desenvolvimento da constituição psíquica do sujeito no contexto afetivo da infância, como se organiza o nascimento e desenvolvimento do amor (modelações da libido narcísicas e objetais);
- Entender a importância da fase do complexo edípico a partir das histórias de vida e pôr em perspectiva as escolhas amorosas da fase adulta como maneira de resgatar o objeto primordial de amor infantil;
- Compreender a ausência de um significante feminino e a lógica do Não – Todo fálico presente na sexualidade da mulher;
- Analisar a mulher como causa do desejo do homem e suas formas de gozo;
- Mostrar, de maneira a compreender, a forma erotomaniaca de amar no feminino e a forma fetichista do amor no masculino;
- Analisar a busca do Outro como forma de proporcionar completude em que o amor se faz semblante e tampona sentimentos de angústia e de abandono;
- Estudar, no processo de constituição subjetiva do sujeito, o momento de alienação e separação presentes no desenvolvimento afetivo e amoroso e recorrentes conflitos e sofrimentos.

## **JUSTIFICATIVA DE PESQUISA**

Todo psicólogo clínico preocupado com resultados em sua atuação deve levar em consideração que, para ser clínico, necessita ser um investigador e estudioso no que confere ao sofrimento psíquico, ou seja, considerar que a cada paciente em atendimento existe uma imensidão de possibilidades e que, ao suporte da ciência, encontramos subsídios necessários para o exercício da profissão. Desse modo, temos como objetivo principal a ampliação do conhecimento científico para que possamos evoluir na excelência dos atendimentos que perfazem o feminino, em especial a mulher e sua forma de amar.

Por intermédio do ensino de Freud e Lacan, que construíram uma teoria sobre a complexidade das relações amorosas com o outro-Outro, como também a noção de que na relação o homem e a mulher lidam com o vazio estrutural do sujeito, serão possíveis a nós investigadores maneiras de aperfeiçoamento nas intervenções clínicas e evolução no quadro clínico do paciente.

Dessa forma, pretendemos contornar os parâmetros da investigação, através de perguntas como: A constituição subjetiva do homem e da mulher se difere nas formas de identificação, modalidades de amar, gozar e fantasiar? É possível uma relação de amor? As mulheres se alienam ao desejo de seus parceiros por se sentirem marcadas como seres da falta?

## PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### Capítulo I - Construção do Eu: nascimento do amor

#### 1.1 Autoerotismo, Narcisismo, Relação objetal

O ser humano chega ao mundo como resultado do imperativo do desejo do Outro (A) que mediante uma atividade sexual culmina na chegada ao mundo de um novo ser, que desde princípio, percebe sua primitiva dependência com relação ao outro naquilo que confere a sua própria sobrevivência. Ou seja, o ser chega ao mundo necessitando dos cuidados e do amor daquele que exercerá a função de cuidador, a função materna, podendo ser a mãe ou alguém que se ocupe desta função.

Poderemos considerar que o ser humano antes de existir como um ser biológico, antes mesmo que a biologia funcione, ele existe como um ser da linguagem, atraídos por desejos inconscientes. O erotismo não é biológico, mas simbólico, é ato da palavra resultado de desejos oriundos de um inconsciente sexual. Dois sujeitos inconscientes que por desejos inconscientes, sem saber o porquê, em que forças inconscientes que o determinam, produzem um outro sujeito inconsciente, que nasce desorganizado e será organizado por aquele que irá cuidar dele: alívio da morte em busca de organização de um corpo despedaçado, desestruturado, instável e pulsional.

Assim o bebê humano chega ao mundo não organizado psiquicamente, sem qualquer organização e representação de si como totalidade e unidade, ingressa ao mundo com um eu que ainda não está constituído psiquicamente. Um organismo desorganizado que desconhece o mundo externo e toda e qualquer referência de si em relação a este mundo. O bebê irá depender dos cuidados e do amor do Outro (A), no caso sua mãe e seu pai, ou alguém que realizará as funções materna e paterna. Desta forma a criança ficará ligada ao mundo externo por intermédio daquilo que recebe do outro-Outro e na medida de seu desenvolvimento poderá, por meio de representações, sejam pelas imagens ou pela linguagem, estabelecer identificações entre ideais trazidas pelo Outro e ocupar o lugar de sujeito nos enlaces e desenlaces do desejo do Outro.

Garcia-Roza, (2008), diz ao mencionar Freud (1895), em seu texto brilhante “O projeto”, que ele inicia sua escrita da metapsicologia, em fina intimidade com a ciência.

Freud seguia à procura de um saber, movido por seu desejo inconsciente. Então descobriu o inconsciente através de suas investigações. E buscou, através da ciência, os alicerces para a construção de uma teoria que nomeou como sendo a psicanálise, que traz o nascimento do sujeito.

Lacan, (1957-1958/1999) a partir de sua interpretação do texto freudiano, “O projeto”, discorre sobre o surgimento de um corpo que não é o da anatomia. O autor também mostra como o verbo se faz carne, como a linguagem encarna o ser falante, como a biologia se transforma em corpo gozado em *parlêtre*, como se forma o ser humano, como surge o sujeito barrado pela linguagem, como o ser da linguagem, que sofre, pensa, padece. Um sujeito que não se ajusta ao seu corpo biológico, que não conhece e estranha seu corpo, que não está bem consigo, que percebe uma distância entre o seu pensamento e as suas atitudes.

Sendo a psicanálise o resultado de experiências clínicas, daremos início àquilo que corresponde ao desenvolvimento do eu, ou melhor, o envolvimento do ser em processo de subjetivação. Desse modo, traremos à luz conceitos essenciais da psicanálise, como: pulsão, libido, zonas erógenas, sexualidade e inconsciente, para compreendermos a constituição do sujeito. E neste contexto falaremos sobre aquilo a que correspondem: autoerotismo, narcisismo e relações de objeto, para então iniciarmos nossa investigação no que concerne a um processo de alienação e separação do sujeito em relação ao Outro da linguagem. No caso deste estudo, a mulher como nosso interesse de investigação.

Nesse sentido, para que possamos melhor delinear o entendimento de nossa pesquisa ao redor dos enlaces e desenlaces amorosos realizados pela mulher, buscaremos compreender as primeiras relações amorosas estabelecidas entre o bebê e o seu corpo, e entre o bebê e a sua mãe, sendo esta o representante inicial do mundo externo, a qual provém ao bebê o alívio de tensões e satisfações prazerosas, dando então passagem às primeiras atividades amorosas.

Nosso desejo por pesquisar desde os primórdios do ser surgiu para que possamos entender o amor narcísico na perspectiva de questionar se a mulher ama de forma narcísica e quais seriam as consequências e prejuízos psíquicos de um amor desta natureza. E pelo viés desta reflexão buscaremos entender o sofrimento da mulher em ter que “abrir mão” do objeto amoroso.

Desde o princípio, desde o nascimento do bebê humano, inicia-se o processo de separação. Primeiro, ele é tirado do útero. Segue-se tirando dele o peito, a mãe, sendo esta

o seu objeto de amor e de desejo. Assim somos marcados por separações que afetam significativamente o princípio de constância e bem-estar. Separações que interferem no prazer de um corpo que busca, constantemente, prazer. De um corpo de prazer e constância a um corpo que experimenta separações e desprazeres. Produzem-se, concomitantemente, modificações no funcionamento psíquico.

O corpo pulsa em busca de prazer físico e psíquico. A pulsão é aquilo que irá fazer as tensões da carne tencionarem. Tencionarem e descarregarem, sempre em busca de um objeto que proporcione a descarga e o alívio das tensões. E se caso este objeto não esteja presente, o ser alucinará. Alucinação em que encontrará aquele objeto que, fruto de uma alucinação, proporcionará satisfação. Uma satisfação plena e absoluta, que Freud (Garcia-Rosa, 2008) nomeou como “*Das Dings*”, e que Lacan apresenta em todo o seu ensino como “objeto pequeno *a*”, o objeto perdido. Falaremos sobre isso mais adiante.

Freud redigiu e publicou entre 1914 e 1915, durante o período da Primeira Guerra, *As pulsões e seus destino* (1915/2017) e *Introdução ao narcisismo* (1914-1916/2010), para apresentar sua Metapsicologia. Trata-se de uma maneira de garantir a manutenção de seus princípios teóricos como preceitos éticos e procedimentos clínicos.

Pela primeira, o conceito de pulsão aparece em seu justo lugar: tão ou mais fundamental do que o próprio conceito de inconsciente. Isso porque a pulsão é “anterior” ao aparelho psíquico: ela é o elemento de ligação entre corpo e a psique. Seu caráter é fronteiro, limítrofe, como não cansa de insistir Freud, com metáforas que poderiam claramente remeter à guerra de trincheiras. A pulsão opera numa certa zona de indeterminação, de indistinção entre corpo e aparelho psíquico; embora sua fonte seja sempre somática, só conhecemos dela seu representante psíquico, conforme estabelecido desde os *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905). É neste hiato, nessa fronteira que se situa a pulsão (Freud, 1915/2017, pp. 95-96, Gilson Lannini, texto: epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito, 2017, pp. 95-96).

Poderemos considerar neste momento inicial da vida do infante aquilo que Freud apreende como fase pré-genital. Antes de prosseguirmos, é importante esclarecermos que “sexual” não corresponde a “genital”, sendo o sexual todo o processo libidinal vivido na vida daquele que busca prazer e descarga de tensão, seja em seu próprio corpo ou em objetos externos; e o termo genital refere-se a uma das fases de vivência do desenvolvimento sexual, que permeia o prazer-desprazer.

Nesta fase pré-genital o corpo movimenta-se ou é movimentado em busca de prazer, considerado por Freud o momento de *Autoerotismo*, como afirma o autor:

Destaquemos, como característica mais evidente dessa atividade sexual, que o instinto não está dirigido para outras pessoas; ele se satisfaz no próprio corpo, é autoerótico[...]. A primeira e mais vital atividade da criança, mamar no peito da mãe (ou de seus substitutos). A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela (Freud, 1901-1905/2016, p. 85).

Freud (1901-1905/2016) apresenta, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que nesta fase inicial do desenvolvimento sexual da criança, o bebê é um “perverso polimorfo” (p. 98), ou seja, potencialmente toda criança minimamente saudável seria capaz de experimentar prazer de múltiplas formas, em múltiplas zonas do corpo e com múltiplos objetos, em que seu corpo se faz como fonte inesgotável de prazer sexual sem qualquer finalidade reprodutiva, mas apenas de autoerotização.

Rumo à formação do eu, a criança caminha em direção à fase chamada de *Narcisismo*. E sobre isso, Freud afirma:

Antes de prosseguir, devo tocar em duas questões que nos levam ao centro das dificuldades do tema. Primeira: que relação há entre narcisismo, de que agora tratamos, e o autoerotismo, que descrevemos como um estágio inicial da libido? Segunda: se admitimos para o Eu um investimento primário com libido, por que é necessário separar uma libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do Eu? Postular uma única energia psíquica não pouparia todas as dificuldades da separação entre energia dos instintos do Eu e libido do Eu, libido de objeto? Sobre a primeira questão, observo o seguinte: é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo, o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo (1914-1916/2010, pp. 18-19).

Há vários pontos em favor da hipótese de uma diferenciação original entre instintos sexuais e instintos do Eu. Admito que somente este fator não seria inequívoco, pois seria o caso de uma energia psíquica indiferente, que apenas no ato do investimento de objeto se torna libido (p. 20).

A vida amorosa dos seres humanos também interessou a Freud no estudo do narcisismo, considerando que:

Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. Junto a esse

tipo e essa fonte de escolha de objeto, que poderemos chamar de *tipo de apoio* (Freud, 1914-1916/2010, p. 32).

Considerando o texto de Freud (1914-1916) sobre o narcisismo, examinamos que o ser humano tem na sua tenra relação de objeto dois objetos sexuais: “ele próprio e a mulher que o cria”. Com isto há a constituição de um narcisismo, chamado por Freud de “narcisismo primário e narcisismo secundário”.

Seguindo neste mesmo texto freudiano, sobre o narcisismo, Freud (1914-1916) nos apresenta dois tipos de relação com o objeto amoroso: o tipo “de apoio” e o tipo “narcísico”. O autor considerou o primeiro, tipo “de apoio”, característico do homem, compreendido como “tipo completo”, pela exibição a uma notória superestimação sexual e uma transposição ao objeto sexual, ou seja, o homem superestima-se a si e a mulher que o criou.

Do tipo “narcísico”, Freud afirma:

De outro modo se configura o desenvolvimento no tipo mais frequente e provavelmente mais puro e genuíno de mulher. Com a puberdade, a maturação dos órgãos sexuais femininos até então latentes parece trazer um aumento do narcisismo original, que não é propício à constituição de um regular amor objetal com superestimação sexual. Em particular quando se torna bela, produz-se na mulher uma autossuficiência que para ela compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha de objetos. A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelos homens. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhe agrada é o que preenche tal condição (1914-1916, pp. 33-34).

Interessante refletirmos a respeito desta afirmação realizada por Freud: “A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelos homens” (1914-1916/2010, p. 34). Desta maneira poderemos pensar na libido que contorna o objeto amado e retorna para o eu, ou seja, tudo parte do eu em direção ao objeto. Assim, podemos questionar: será que o amor ao Outro nada mais é que um amor a si mesma? Será que a mulher sofre por ter que “abrir mão” do objeto amado (homem) pelo fato de deixar de investir amorosamente no seu próprio eu?

Retornando ao desenvolvimento do bebê, nesta fase do narcisismo primário observa-se aquilo que Freud (1914-1916/2010, p. 37) nomeou como “*Sua majestade o bebê*”, momento importante que os pais reproduzem no bebê seu próprio narcisismo, ou seja, o narcisismo aparece neste momento investido de idealismo dos pais; estes atribuem à criança todas as perfeições e ocultam todos os defeitos. E ela deve concretizar os sonhos

não realizados de seus pais. Assim o amor dos pais é a maneira de renascimento de seu próprio narcisismo, um “reacender” dos seus sonhos idealizados e não realizados, sendo possível através de seu bebê.

O narcisismo aparece neste momento deslocado para esse novo Eu ideal que possui toda as perfeições. E neste sentido usufrui de toda a satisfação por desfrutar do amor a si mesmo e não deseja “abrir mão” de tamanha satisfação.

Ele não quer se privar da perfeição narcísica da infância, [...], procura readquiri-la na forma nova do ideal do eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância na qual ele era seu próprio ideal. [...] a formação do ideal aumenta as exigências do Eu e é o que favorece a repressão; a sublimação representa saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão (Freud, 1914-1916/2010, p. 40).

Freud trouxe a termo em sua obra conceitos de narcisismo primário, em que o narcisismo corresponde a um eu-ideal, um amor imaginário de perfeição e contemplação dirigido ao eu, advindo do mundo externo. O autor também trouxe como o conceito de narcisismo secundário, em que, frente à impossibilidade da libido se alojar no objeto externo e produzir satisfação, esta libido retornará ao Eu como maneira de autopreservação do Eu. Entretanto, no momento das escolhas objetais a libido se direciona rumo às relações objetais numa fase que Freud considerou “fase fálica”, momento em que a criança vivenciará suas experiências edípicas, como também as castrações fruto de propensos investimentos libidinais. Sabendo isso, adiante, em nossa investigação, daremos prosseguimento a essa abordagem trazendo o ensino de Lacan quando, em retorno a Freud, faz uma releitura do narcisismo em seu trabalho sobre o “Estádio do espelho”. E apresentaremos conjuntamente os três tempos de Édipo para podermos entender as trocas imaginárias e simbólicas no contexto das relações objetais.

Neste momento apontamos mais reflexões sobre o amor no feminino, trazendo o termo freudiano: “Sua *majestade o bebê*” (1914-1916/2010, p. 37), quando o bebê recebe de seus pais todo o investimento narcísico que corrobora na formação do eu-ideal e que lhe traz uma potência de completude e de nada faltar, até o momento em que se estabelece a falta, ou seja, a insuficiência em atender ao desejo do Outro. Momento que pode ser considerado como uma fratura narcísica. Neste instante cai algo que parece ser irrecoverável. Sabendo isso, poderemos pensar que o sujeito (a mulher, na nossa

pesquisa) busca, incessantemente, recuperar este momento que ele era o objeto libidinal, o objeto amado, e que por este amor tudo podia enquanto potência fálica?

No próximo item deste capítulo compreenderemos esta passagem do imaginário para o simbólico na busca por entendermos mais sobre esta questão.

## 1.2. Estádio do espelho e os três tempos lógicos do Édipo

No princípio de toda a relação mãe-bebê o único desejo existente é o desejo materno, um desejo que, ao mesmo tempo, é protetor e é uma mortalha. Esta questão, que envolve a referência à mãe “devoradora”, desenvolvida por Lacan no *Seminário, Livro 04*, é retomada n’*O Seminário, Livro 17*, nos seguintes termos:

o papel da mãe é o desejo da mãe [...]. Carrega sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a sua borraca (Lacan, 1969-1970/1991, p. 105).

Assim, em uma relação de onipotência materna se constroem as primeiras relações da criança, num imaginário absoluto em que nada do mundo externo interrompe a relação; inexistente a diferenciação entre o eu-outro, (a – a’), pois o eu é o outro; os investimentos da libido são na imagem, lugar do eu-ideal, eu(*moi*), eu do engano. Uma relação de duplos em que apenas impera o sentido absoluto. Um “paraíso” imaginário de um mundo de totalidade, através do olhar constante da mãe, em que nada falta à criança, como também inexistem desejos.

No entanto, no desenvolvimento da criança surge o terceiro termo que interdita a relação de totalidade entre mãe-bebê. Surge um terceiro, o pai ou qualquer pessoa que ocupe o lugar da função paterna. Lacan procurou um entendimento do complexo de Édipo em torno do processo que ele chamou metáfora do Nome-do-pai, que vincula a função fálica à ocorrência do complexo de castração. É este significante Nome-do-pai que balizará toda a trajetória edípiana.

Então para nosso entendimento faremos a seguinte interrogação: O que é a função paterna?

N’*O Seminário, Livro 5*, de 15 de janeiro de 1958, Lacan interroga:

O pai não é um objeto real, então o que é? [...] O pai é uma metáfora. O que é uma metáfora? [...] É um significante que vem no lugar de um outro significante [...]. O pai é um significante que substitui um outro significante. E aí está o alcance, o único alcance essencial do pai ao intervir no complexo de Édipo (1957-1958/1999, pp. 180-181).

Para que tenhamos uma compreensão a respeito do processo que corresponde à metáfora paterna, tal como ao inconsciente estruturado como uma linguagem, faz-se de grande importância trazermos, inicialmente, considerações no que concerne ao objeto que gravita todo o tórus da questão desta metáfora do Nome-do-pai: o objeto fálico.

Lacan deu prosseguimento ao seu ensino a partir de um retorno a Freud., em referências ao objeto fálico, a partir do seminário sobre “As Psicoses”, ocorrido no dia 4 de julho de 1956. No trecho a seguir expressam-se algumas destas referências.

Mas, no final de contas, eu o sublinho, o pivô, o ponto de concurso da dialética libidinal, ao qual se referem, o mecanismo e o desenvolvimento da neurose, é o tema da castração [...]. O objeto fálico tem a posição central na economia libidinal, tanto no homem como na mulher (Lacan, 1955-1956/1988, p. 359).

A referência ao falo conduzida pela mediatização do pai, se faz na relação com a mãe e da mãe com a criança em que a função paterna que nomeia o desejo da mãe. Um nome de alguém que tem a responsabilidade do desejo materno não ser mais a criança. É o que provoca a castração: a falta, como a possibilidade de novos desejos longe do circuito de duplicidade mãe-bebê, e não a castração via pênis. Desse modo, é importante dar relevância ao fato de que o objeto fálico é, antes de mais nada, um objeto cuja natureza está em ser um elemento significante. O termo “fálico” é sempre em referência a uma função simbólica, jamais remetida ao fato de ter ou não ter o pênis.

Freud (1923-1925/2011), em *O Eu e o Id*, conduz a prevalência do falo articulada à problemática da castração, através da existência, para os dois sexos, de um único órgão genital, o órgão masculino, que desempenha um papel, não existindo um primado genital, mas um primado do falo, indo muito além da realidade anatômica.

Esta afirmação de Freud, de um único órgão genital – o masculino, ocorre devido à verificação da ausência de um órgão na mulher, o pênis. Nesse sentido, o órgão genital feminino só é diferente em relação ao órgão genital masculino porque lhe falta alguma coisa. Tal concepção de alguma coisa que falta confere-se a um lugar, e não a um órgão. E o que se supõe faltar é articulado pelo registro imaginário, através da lógica psíquica.

O “estádio do espelho” caracteriza o momento de estruturação do “Eu”, a partir de uma experiência de identificação primordial, segundo a qual a criança faz a conquista da imagem de seu próprio corpo. Momento este de júbilo conferido pela criança, terminando com uma vivência psíquica que Lacan, em 1936, designa como “fantasma do corpo esfacelado”: “a criança não experimenta inicialmente seu corpo como uma totalidade unificada, mas como alguma coisa dispersa” (Dor, 1989, p. 79).

Conforme corroborado por Lacan:

O estágio do espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que, para o sujeito, tomado no equívoco da identificação espacial, urde os fantasmas que se sucedem de uma imagem esfacelada do corpo para uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade (*In Escritos*, 1966/1998, p. 100).

A experiência da criança na fase do espelho organiza-se em torno de três tempos fundamentais que, progressivamente, constituem a imagem corpórea.

No primeiro tempo do estágio do espelho a criança é testemunha de uma confusão primeira entre si e o outro. Ela percebe a imagem de seu corpo como um ser real, do qual procura aproximar-se e apreender. Portanto, a criança ainda não consegue distinguir a si própria da imagem refletida no espelho.

É essa captação pela imago da forma humana (...), entre seis meses e dois anos e meio, domina toda dialética do comportamento da criança em presença de seu semelhante. Durante todo esse período, registramos as reações emocionais e os testemunhos articulados de um transitivismo normal. A criança que bate diz ter sido batida, a que vê a outra cair, chora (Lacan, *In Escritos*, 1966/1998, p. 116)

Esta confusão entre o eu-outro também poderemos conferir em alguns momentos nos discursos das mulheres que apresentaremos, nos quais fantasias amorosas aparecem como obstáculos que dificultam a separação entre si e seu homem amado.

Já no segundo momento do estágio do espelho confirma-se uma fase importante no processo identificatório: a criança busca não mais apropriar-se da imagem, sendo levada a descobrir que o outro do espelho é uma imagem, nada mais que uma imagem e não o outro real. E seu comportamento aponta que ela sabe, de agora em diante, distinguir a *imagem* do outro da *realidade* do outro.

Quanto ao terceiro momento do estágio do espelho, a criança inicia um processo de re-conhecimento de si na imagem. Seguramente, um reflexo no espelho é uma imagem,

nada mais que uma imagem, sendo que esta é uma imagem dela. A criança, nesta imagem, recupera a dispersão do corpo esfacelado a uma totalidade unificada, que é a representação de seu próprio corpo, realizando sua identidade primordial. Esta conquista de identidade é sustentada pela dimensão imaginária, a partir do virtual (a imagem ótica), em que ela se re-conhece, embora não seja sua como propriedade, como tal. Trata-se apenas de um reconhecimento imaginário que se justifica por fatos objetivos.

A fase do estágio do espelho simboliza a “pré-formação” do “Eu” (“*Je*”), princípio constitutivo de um destino de alienação imaginário, a partir de índices exteriores simetricamente invertidos, ou seja, o que se esboça no exterior chega até a criança invertida, propiciando um “desconhecimento crônico”, uma promoção de um eterno estranhamento oriundo das imagens externas representativas do “Eu”, que não cessará de alimentar com relação a si mesmo.

Em correlação com os três momentos do Édipo, que implicam na passagem do imaginário ao simbólico, ressaltaremos a importância deste momento para o desenvolvimento psíquico.

A linguagem terá sua entrada pelo simbólico. Entretanto, desde muito cedo os significantes já foram sendo introduzidos ao longo do desenvolvimento da criança. E o que acontecerá neste processo é a entrada de um significante especial, primordial, que amarrará todos os outros significantes já introduzidos. Este significante chama-se “O nome-do-Pai”.

Quando a mãe tem uma postura de descaracterizar a presença paterna, esta amarração fica frouxa. A linguagem neurótica é o idioma do nome-do-pai, em que vivência a linguagem da falta, caso não ocorra a falta, o sujeito cai no delírio da onipotência. O nome-do-pai é o que freia o desejo sem controle da mãe. Desta forma, o significante materno S1 torna-se um significante recalcado, havendo a substituição por um novo significante, S2, um operador da falta e dos desejos.

O primeiro momento do Édipo corresponde à saída da fase identificatória do estágio do espelho, apontando um esboço de um sujeito. No entanto, ainda se localiza numa relação de indistinção com a mãe, ou seja, busca identificar-se com o que se supõe ser: o objeto do desejo materno, juntamente com uma dedicação em que se direcionam integralmente em direção à criança. A criança vive na problemática fálica de ser o falo materno, em que o desejo da criança permanece radicalmente assujeitado ao desejo materno, afirma Lacan.

[...] a criança busca poder satisfazer o desejo da mãe, quer dizer: “*to be or not to be*” o objeto do desejo da mãe [...] para agradar a mãe [...] basta ser o falo[...] o sujeito é tão passivo como ativo, pela simples razão que não é ele que puxa as cordinhas do simbólico (Lacan, 1957-1958/1999, p. 192).

Neste primeiro momento só há a relação fusional com a mãe em termos de inexistência de qualquer elemento terceiro que venha mediatizar a identificação fálica da criança com a mãe, ou seja, a criança se identifica num caráter radicalmente imaginário, em que se é o objeto do desejo materno, o objeto fálico da mãe.

O segundo tempo do complexo de Édipo é inserido mediante um movimento bascular instável em torno da interrogação: ser ou não ser o falo, no momento que a mediação paterna desempenha um papel de intervenção sob a forma de privação. Desse modo, configura-se uma nova estrutura triangular: mãe-criança-falo. A criança experimenta a intrusão paterna sob a forma de interdição e de frustração:

[...] no plano imaginário, o pai intervém efetivamente como privador da mãe, o que significa que a demanda endereçada ao Outro, [...] aquilo sobre o qual o sujeito interroga o Outro, [...] a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe. Esse estádio, nodal e negativo, desvincula o sujeito de sua identificação, liga-o ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma desse fato de que a mãe é dependente de um objeto, o que não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem (Lacan, 1957-1958/1999, pp. 198-199).

Neste momento é primordial retornar aos esclarecimentos de Lacan a respeito da noção de falta de objeto operador da metáfora paterna. A falta do objeto pode apresentar-se de três formas específicas: a frustração, a privação e a castração.

- A **frustração** é o âmbito da reivindicação por excelência, e nenhuma possibilidade de satisfação pode ser encontrada. Na frustração a falta é um dano imaginário, mas o objeto é real:

O pai efetivamente frustra o filho da posse da mãe, [...], o pai intervém como detentor de um direito, [...] é o pai como simbólico que intervém numa frustração, ato imaginário concernente a um objeto muito real, que é a mãe, na medida que a criança necessita dela (Lacan, 1957-1958/1999, p. 178).

- A **privação** é a falta que é real e o objeto é simbólico:

Trata-se do pai como aquele que se faz preferir em lugar da mãe, [...] à formação do ideal do eu,  $S \leftarrow S'$ , [...] é por aí que se produz a saída do complexo de Édipo?, [...], à privação correlacionada com a identificação ideal, que tende a produzir tanto no menino quanto na menina. É na medida que o pai torna-se o ideal do eu que se produz na menina o reconhecimento de que ela não tem falo. Mas isso é o que há de bom para ela – ao passo que, para o menino, seria um resultado absolutamente desastroso, e às vezes é. Aqui, o agente é I, enquanto o objeto é s-I.s (Lacan, 1957-1958/1999, pp. 178-179).

- A **castração**, a falta que aqui interpela, é uma falta simbólica, uma interdição do incesto, uma excelência simbólica. Desse modo, a função paterna é operatória em seu acesso ao simbólico, mas o objeto faltante é radicalmente imaginário. E este objeto imaginário é, evidentemente, o falo.

A relação entre o menino e o pai é dominada, como se sabe, pelo medo da castração. O que é esse medo da castração? [...] como represália no interior de uma relação agressiva. Essa agressão parte do filho, na medida que seu objeto privilegiado, a mãe, lhe é proibido, e se dirige ao pai, [...], uma vez que ele projeta imaginariamente ao pai intenções agressivas, [...] o medo experimentado diante do pai é nitidamente centrífugo, tem seu centro no sujeito (Lacan, 1957-1958/1999, p. 175).

O terceiro momento do Édipo trata-se do declínio do complexo de Édipo. A rivalidade fálica em torno da mãe tem seu termo, a criança, imaginariamente, instalou o pai, a partir do momento que o pai tomou o lugar de significante fálico, uma significante que ocupa o lugar do significante primordial, S1, a mãe. E devido ao nome-do-pai, foi necessário ocorrer o recalque original do S1 para dar urgência ao S2, o pai enquanto função, como aquele que tem o falo, e não o que é o falo.

Na dialética entre ter e não ter o falo, a criança se inscreverá na lógica identificatória mobilizada pelo jogo fálico, renunciando ser o falo materno, e se engajará para ter o falo, identificando-se com o pai, que supostamente tem o falo.

É interessante que neste momento do Édipo a criança busca nos ideais identificatórios com o pai uma maneira de preservar seu lugar de amor em relação ao Outro. O verbo “amar” é conjugado na premissa da passagem de ser para ter o falo. No entanto, observa-se que nem todos os seres conservam o falo por muito tempo.

Considerando a condição da mulher na dialética entre ter ou não ter o falo, é possível pensarmos também na sua condição de ter que ser castrada para que o Outro possa ser viril, pois, segundo Lacan (1957-1958/1999, p. 220): “Não existe virilidade que a castração não consagre”. Assim, para o homem ser viril é necessário à mulher ser castrada, limitada?

Para pensarmos sobre esta conjugação do verbo amar precisaremos compreender como é o processo de união e separação com o Outro, o que veremos no item a seguir.

### 1.3. O sujeito e o desejo do Outro: alienação e separação

Desde muito antes do nascimento do sujeito este é marcado pela linguagem. E o sujeito existe na medida em que a palavra o moldou do nada. Assim é possível falar sobre o sujeito mesmo sem-ser, pois sem a linguagem não há a possibilidade de ser.

Em seu ensino, Lacan desenvolve o advento do sujeito, um ser marcado e assujeitado pela linguagem durante todo o processo de subjetivação. Apresentaremos, neste momento de nossa investigação, os processos denominados por Lacan (1964/2008) como “alienação” e “separação”, naquilo que corresponde ao sujeito no mundo por intermédio do desejo do Outro.

O Outro introduz o ser na linguagem, advindo na forma de sujeito dividido que desaparece atrás de um significante, um nome que desconhece, mas toma como uma parte de um saber sobre si. Um saber não sabido, de um local pulsional, que abre e fecha em movimento vivo e constante. Local do desejo do Outro, chamado de inconsciente. Lacan n’O Seminário, *Livro II*, 1964, fomenta que a posição do Outro na cadeia de significante oferece ao sujeito uma possibilidade de construções subjetivas, pois o sujeito dependerá, ao ser introduzido na linguagem, do significante que existe no campo do Outro.

Éric Laurent (2017), em *Obras incompletas de Sigmund Freud*, aponta:

As pulsões são apenas parciais, como diz Freud, e Lacan reinterpreta isso ao dizer que a lógica do todo não pode aparecer no Outro (∇). Não há meio de inscrever o qualificador “para todo” ou “a totalidade de” no Outro. Nenhum qualificador desses pode funcionar nesse lugar ∇ equivalente a não-todo. Não-todo sujeito pode estar presente no Outro. Sempre há um resto. Lacan desenvolve isso de maneira que alude ao desenvolvimento ulterior por ele no seminário sobre a sexualidade feminina intitulado *Mais, ainda* (p. 36).

Para demonstrar as duas faltas implícitas no desenvolvimento constitutivo do sujeito, mostraremos a impossibilidade de o sujeito ser inteiramente representado no Outro, como expresso nesta primeira figura apresentada por Lacan n’*O Seminário, Livro II*, a qual segue:

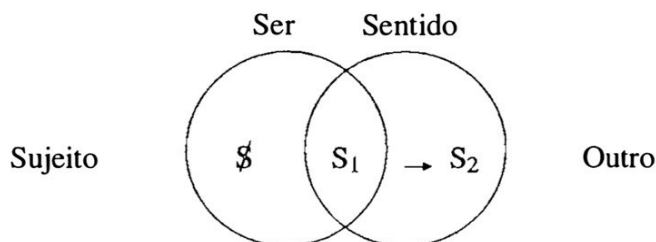


Figura 1: Alienação – Falta:1

Fonte: Laurent, E. (1997). *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, p. 37

A primeira falta se relaciona com o fato de que o sujeito não pode ser inteiramente representado no Outro; sempre há um resto, um resto que define o ser sexualmente definido do sujeito. Não se pode apresentar aí todo o sujeito. O caráter fundamentalmente parcial das pulsões introduz uma falta, que Lacan designa marcando o sujeito com uma barra (\$). [...] Para entender a segunda falta, o Outro pode ser abreviado da seguinte maneira:  $S1 \rightarrow S2$ . Isso indica que precisamos de pelo menos dois significantes para definir a estrutura do Outro. Uma vez constituído o sujeito, deve-se levar em conta o fato de haver um resto – um resto que está tanto dentro do sujeito, definido sexualmente, quanto dentro do Outro. Para ilustrá-lo, podemos situar os dois significantes numa parte do círculo, objeto *a* onde o significante unários ( $S1$ ) estava na minha figura anterior e o sujeito (\$) no outro círculo (Laurent, 1997, p. 37).

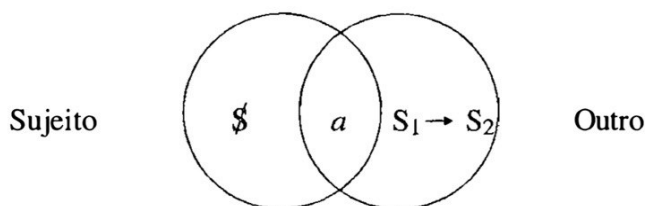


Figura 2: Alienação – Falta: 2

Fonte: Laurent, E. (1997). *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, p. 37

Gostaríamos de nos atentar, nesta pesquisa, através dos discursos dos dois estudos de caso apresentados, como a mulher administra a sua falta constitutiva enquanto sujeito da linguagem fora do “clichê” de que “todas as mulheres são histéricas”, mesmo porque

ao dizer “todas” parece-nos ser uma referência do “Um” do todo submetido à função fálica. Mas pensando na mulher, ela está além do todo. Ela pertence ao não-todo. Então, como pensamos a mulher na falta do não-todo?

Prosseguindo com a definição dos dois modos de falta do sujeito, através da alienação apresentada na Figura 1, é o momento que o sujeito se identifica com um significante, ou seja, o sujeito é representado por um significante para um outro significante ( $S1 \rightarrow S2$ ). Quando o sujeito se identifica com esse significante-mestre  $S1$ , significante primordial, o sujeito fica petrificado, morto, como se lhe faltasse o vivo do seu ser, o pulsional, o gozo. Toda vez que se isola uma identificação do sujeito, é preciso encontrar, na clínica, a fantasia ( $\$ \langle \rangle a$ ) que envolve o objeto, ou seja, a consistência imaginária que emoldura o real, presente sobre a identificação que recorre da alienação.

Parafraseando Colette Soler (2005): o sujeito é um efeito, não uma substância. Então, qual é o problema? N’O *Seminário, Livro 11*, Lacan quis mostrar como o sujeito, como efeito da linguagem, insubstancial, está relacionado com o ser vivo, ou seja, com seu gozo?

O sujeito não é substancial, mas seu sintoma o é. No sintoma existe sofrimento, existe gozo. Todo corpo está envolvido, todo o comportamento real. Um corpo vivo num abrir e fechar das pulsões inconscientes.

Será justamente aqui que iremos traçar o que liga a mulher ao seu homem amado, ser o sintoma do homem? Neste sintoma que lhe causa tanto sofrimento, mas também lhe



é uma forma de existir, em um impossível de questionar, por que está petrificada ao significante mestre? A mãe. A falta de um significante que diga sobre a mulher.

O pequeno V da metade inferior do losango, digamos aqui que é o véil constituído pela primeira operação essencial em que funda o sujeito [...] (p.205). A alienação consiste nesse véil que condena o sujeito aparecer de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afãise. Aí está o véil que bem vale a pena ilustrar, para diferenciá-lo dos outros usos do véil, *do ou*. Há dois deles, que é o véil *exaustivo* – eu vou *ou* para lá *ou* para cá – se eu vou para lá, não vou para cá, tenho que escolher. Há também outra maneira de empregar o véil – vou para um lado *ou* para outro, tanto faz, dá na mesma [...] (Lacan, 1964/2008, p. 206).

Podemos compreender, mediante esta citação, que o “vél” utilizado em fantasias requer manejos de significantes fálicos, ou seja, busca-se uma relação por intermédio de “pareceres e semblantes” que possam causar desejos no Outro. Assim a mulher se faz sintoma do homem. Em outras palavras: a mulher busca, entre “semblantes e pareceres” fálicos, uma maneira de tamponar a falta do Outro e se fazer existir para o Outro. E faz do homem amado, entre fantasias inconscientes, possuidor do falo. Desta maneira, a mulher, sendo um sujeito alienado pela linguagem do Outro, desaparece sob o sentido fálico. E com isso, a mulher, no espaço do “não-senso”, busca uma possível existência através do sentido dado pelo Outro.

O vél da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência *nem um, nem outro*. A escolha aí é apenas a de saber se pretendemos guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso. O ser do sujeito, que está ali sob o sentido, desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, que só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, o que consiste na realização do sujeito, o inconsciente, tal como vem emergir no campo do Outro, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante (Lacan, 1964/2008, p. 206).

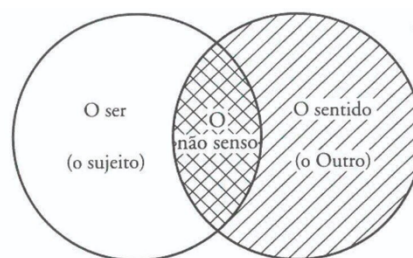


Figura 3: Alienação

Fonte: Lacan, J. (1964/2008). *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 207

Foi em Hegel que Lacan buscou, pelo viés da dialética entre o mestre e o escravo, a justificação à apelação de “vél” alienante:

*A bolsa ou a vida!* Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é. Uma vida decepada. A primeira alienação, aquela pela qual o homem entra na via da escravidão. *A liberdade ou a vida!* Se ele escolher a liberdade, pronto, ele perde as duas imediatamente – se ele escolhe a vida, tem a vida amputada da liberdade (Lacan, 1964/2008, p. 207).

Neste segundo tempo da operação do “vél” alienante nos é mostrado, através do jogo dos significantes, aquilo que Lacan, (1964/2008) nomeou como “fator letal” - “a liberdade ou a morte”, ou seja, haverá sempre o decepado, a perda. No corte do sujeito pela linguagem algo do seu ser desaparece: “*Separare*” (separar), “*se parare, se parer*” (parturição).

Enquanto o primeiro tempo da falta alienante está fundado na estrutura da “reunião”, o segundo tempo é chamado por Lacan de “interseção ou produto”, na presença da hiância, da borda.

No primeiro tempo, “União”, não há pergunta, demanda dirigida ao Outro. O que existe é a petrificação do sujeito em relação ao significante-mestre, que imergem no sentido do campo do Outro, não-senso, em que o ser do sujeito cai, surgindo um significante que representa o sujeito para outro significante.

No segundo tempo, “Interseção ou produto”, existe a interdição, uma falta, a função paterna, na falta pelo sujeito na intimidação que lhe faz o Outro em seu discurso e nesta experiência com o Outro, nos intervalos do discurso do Outro. Desse modo surge a demanda da criança dirigida ao Outro – “ele me diz isso, mas o que é que ele quer?”

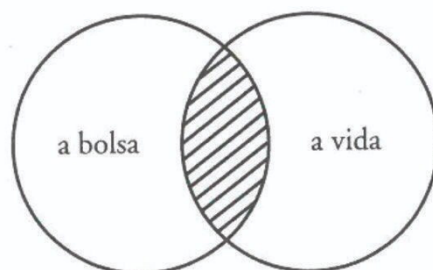


Figura 4: Separação

Fonte: Lacan, J. (1964/2008). *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 208

A alienação é o destino, um destino de todo ser falante, pois está relacionado à linguagem, à fala. Nenhum sujeito falante pode evitar a alienação devido ao assujeitamento ao desejo do Outro, a mãe que presentifica o sujeito com significantes, oferecendo-lhe um sentido e significações em sua existência. Mas a separação não é o destino. A separação é algo que Lacan evoca como um “*velle*”, em francês *vouloir*, um querer. O sujeito precisa querer separar-se do Outro, por ser o Outro um sujeito da falta como ele. A separação supõe um desejo de sair, uma vontade de saber o que se é para além do dito do Outro, para além da inscrição da verdade do Outro. Na separação é

possível desejar e deslizar na cadeia de significantes e buscar novas significações, fazer do sintoma um *Savoir y faire* → fazer um “sinthoma”, ou seja, fazer do sofrimento um novo saber sobre seu ser, um ser marcado por uma falta constitutiva.

Consideramos também que a alienação é o destino e que a separação é a constatação do real do corpo, um real que confere aos seres vivos aquilo que é perdido, escondido, um resto de algo que aparece e desaparece à representação, um objeto *a*, sempre desejado. Observaremos o sofrimento da mulher quando ela tem que se haver com a separação do Outro amado, quando os semblantes e os pareceres perdem suas funções naquilo que suplementam a falta: o amor.

## Capítulo II - O que quer uma Mulher?

### 2.1 A relação sexual não existe: fórmula da sexuação

Quando revisitamos a história e toda comunicação ou relação estabelecida entre homens e mulheres, podemos constatar que as mulheres tiveram que fazer um esforço extra para unir-se ao mundo dito do masculino. No entanto, tamanho esforço não se fez garantia de comunicação e de relação. A psicanálise de Freud e Lacan apresenta-nos a inexistência de uma representação psíquica para aquilo que chamamos de sexo ou morte e que, a nível inconsciente, todo sujeito, de ambos os sexos, é afetado pela alteridade absoluta da mulher(mãe), considerando que, mesmo com o avanço da ciência, humanos ainda são concebidos por mulheres e afetados subjetivamente por mulheres. Dessa maneira, sem uma representação psíquica das diferenças sexuais, Freud (1901-1905/2016) diz existir, a nível psíquico, uma única libido: a masculina.

Neste ponto de nossa pesquisa abordaremos uma reflexão a respeito do aforismo trazido por Lacan: “A relação sexual não existe” (1972-1973/2008, p. 155), apresentando as posições sexuais do masculino e a posição sexual do feminino para conferirmos como ocorrem as formas de gozo no campo do homem e no campo da mulher.

Podemos seguir na cadeia de significantes trazendo diversos nomes de mulheres que marcaram fervorosamente a história. Mulheres como: Margaret Thatcher (1925-2013), a primeira mulher a ocupar o cargo de Primeira-Ministra do Reino Unido; Maria da Penha (1945-), líder de movimentos de defesa dos direitos da mulher; Carolina Beatriz (1878-1911), primeira mulher portuguesa a votar, visto que a política era um assunto reservado apenas aos homens. Sendo que ela precisou ir ao tribunal duas vezes para reivindicar o seu direito ao voto. Mulheres que, vestidas de semblantes fálicos, fizeram-se poderosas, “bancaram-se homens”, porque podem, pois transitam entre duas posições de gozo: o fálico e o além do fálico: gozo Outro.

N’*O Seminário, Livro 5*, de 1958, Lacan diz: “Não há virilidade que a castração não consagre” (1957-1958/1999, p. 220). Neste aforismo lacaniano podemos verificar que, sendo sujeitos da linguagem, homens e mulheres sofrem a castração como efeito da linguagem e do significante Nome-do-pai.

Já n’*O Seminário, Livro 20* (1972-1973/2008), Lacan propõe mais uma lógica para se pensar sobre a diferença entre os sexos. Uma lógica que se articula através de uma

função regida para todos os seres, para todos os humanos, aos quais, sendo seres da fala, lhes é consagrado uma perda do gozo, o que nomeamos como castração.

Na fórmula da sexuação, Lacan se vale da lógica que se estabelece às relações possíveis entre o todo e a existência, abordando a partilha dos sexos pelo viés do gozo fálico e um gozo radicalmente Outro em relação ao fálico. Estes gozos não estão distribuídos em gozo fálico, do lado do homem, e gozo Outro, do lado da mulher. Dessa forma existiria apenas a lógica do todo, do lado Universal.

Ao pensar sobre o feminino e seu gozo, Lacan, (1972-1973) retoma a divisão freudiana, no mito do Édipo, no que confere ao primado do falo, reduzindo a lógica única da castração, ter e não ter o falo. Uma lógica em que que o objeto desejado é perdido, e só se pode tê-lo alucinando. Surge em Lacan a impossibilidade de que “dois” possam fazer “Um”, pois do “Um” algo sempre será perdido.

Dessa forma, Lacan observa que a sexualidade “funciona” (*ça va*) por uma intrusão da ordem simbólica, não havendo uma relação possível entre o lado masculino (que forma o Universal na função fálica, fundante pelo “Um” da exceção) com o lado feminino (que ocasiona o domínio do *não-todo*). O lado feminino não comporta exceção à função fálica. E não havendo o “Um” da exceção não pode haver o Universal que define o todo fálico. Em outras palavras: para que uma função se inscreva, para que tenha um ponto limitador, é necessário existir uma variável que não a cumpra. E com o fim de compreensão a fórmula da sexuação Lacan utilizou o quantificador universal  $\forall$  (para todos), existencial  $\exists$  (ao menos um) e da negação, indicando por uma barra. Valendo do “quadrado das proposições” aristotélicas – universal afirmativa, universal negativa, particular afirmativa e particular negativa, desenvolve posições de gozo: do lado esquerdo, o homem, o fálico; do lado direito, o Outro sexo, A mulher [*La Femme*]

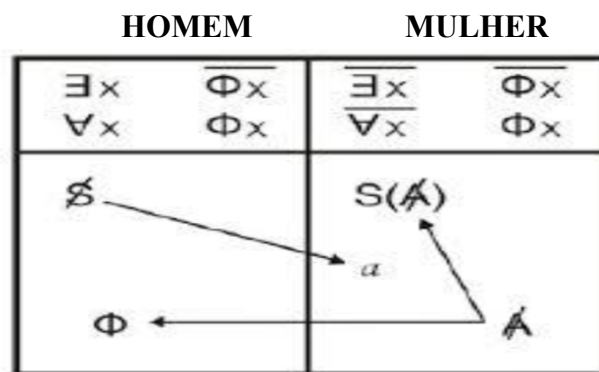


Figura 5: Fórmula da sexuação

Fonte: Lacan, J. (1972-1973/2008). *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 84

Primeiro, as quatro fórmulas proporcionais, em cima, duas à esquerda, duas à direita. Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro. À esquerda, a linha inferior,  $\forall x \Phi x$ , indica que é pela função fálica que o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual  $\Phi x$  é negada,  $\exists x \overline{\Phi x}$ . Aí está o que chamamos de função do pai – de onde procede pela negação a proporção  $\overline{\Phi x}$ , o que funda o exercício do que supre, pela castração, a relação sexual – no que esta é de nenhum modo inscritível. O todo repousa portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse  $\Phi x$ , o nega integralmente (Lacan, 1972-1973/2008, p. 85).

Dessa maneira a premissa fálica é formalizada como uma função. Na linha superior da fórmula da sexuação encontram-se os qualificadores existenciais: existe ao menos Um que não está submetido à norma fálica,  $\exists x \overline{\Phi x}$ : o pai mítico. Não existe nenhum homem que não esteja submetido à norma fálica  $\overline{\exists x \overline{\Phi x}}$ .

No nível inferior estão os qualificadores universais: para todo homem, a função fálica  $\forall x \Phi x$ ; e para não-todo a função fálica  $\overline{\forall x \Phi x}$ .

### 2.1.1 O lado do masculino

Do lado do homem, Lacan usa as proposições universal afirmativa e particular negativa, que escrevem a função fálica: “Todo homem está submetido à ordem fálica” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 86), ou seja, a lei da castração se impõe a todo o seu gozo. Assim, os homens, totalmente submetidos à norma fálica, constituem um conjunto. Entretanto, existe a particular negativa: “há pelo menos um que não está submetido à ordem fálica” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 86), o pai de *Totem e Tabu* (1912-1914/2012), o qual se mantém na escrita da lógica formal — “ao menos um”, o pai da horda que escapa à lei (particular negativa), sendo necessário que a lei valha para todos, pois para haver um conjunto é imprescindível: “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 86). O falo está do lado do todo fálico, em que o infinito do gozo fálico é limitado pela existência do Um da exceção, o pai da horda primitiva.

Do lado do homem, o  $\$$  e o  $\psi$  que o suporta como significante, o que bem se encarna no S1, que é entre todos os significantes, do qual não há significado, e que, quanto ao sentido, simboliza seu fracasso. [...] Esse  $\$$  assim duplicado desse significante do qual em suma ele nem depende, esse  $\$$  só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto  $a$  inscrito do lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio de ser causa de seu desejo. A este título, como indica em meus gráficos a conjunção aponta desse  $\$$  e desse  $a$ , que não é outra coisa senão fantasia. Essa fantasia, em que o sujeito é preso, é o suporte do que se chama na teoria freudiana, o princípio da realidade (Lacan, 1972-1973/2008, p. 89).

### 2.1.2 O lado feminino

Em relação à fórmula da sexuação, n' *O Seminário, Livro 20*, Lacan, (1972-1973) aborda Freud sobre aquilo que considerou um enigma, o *Was will das weib?* (O que quer uma mulher?) E foi por volta desta demanda que, em nossa investigação, a partir da escuta de duas mulheres em análise (que participam desta pesquisa), propusemos observar o sentido que estas buscam em suas relações amorosas, do amor ao gozo que se fundem com impossibilidade de separação entre o eu-Outro. Desta maneira o encontro de um falta-a-ser se constituem como um sintoma do homem, como Lacan fala em “Aturdito”: “A mulher é o sintoma do homem” (1972/2003, p. 465).

O quer dizer isto? A mulher um sintoma do homem? Como assim, Lacan?

Um campo de seres que assumem o estatuto da mulher, entretanto é impróprio que a chamemos de  $a$  mulher? como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ele se anuncia pelo não-todo, não pode se escrever. Aqui o artigo  $a$  só existe barrado. Esse  $\bar{A}$  tem relação com o significante  $A$  enquanto barrado. [...] Por ser na relação sexual em relação o que pode se dizer do inconsciente, radicalmente o Outro, a mulher é aquilo que tem relação com esse Outro. [...] A mulher tem relação com o significante desse Outro, na medida em que, como Outro, ele pode continuar sendo sempre Outro. [...] O Outro, esse lugar onde vem se escrever tudo que se pode articular de significante, em seu fundamento radical do Outro, é por isto o Outro como  $-S(\bar{A})$ . É o que está escrito lá no quadro com aquela flecha partindo o  $\bar{A}$ . Esse  $\bar{A}$  não se pode dizer. Nada se pode dizer da mulher. A mulher tem relação com  $S(\bar{A})$ , e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com  $\psi$ , nós designamos com esse falo, tal como eu o preciso por ser o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico. O que é isto? – a importância da masturbação sublinha suficientemente, o gozo do idiota (Lacan, 1972-1973/2008, p. 87).

A inscrição da parte da mulher dos seres falantes não permitirá nenhuma universalidade. Será não-todo, no que tem a opção de se colocar na  $\Phi^x$  ou bem de não estar nela. Seguindo esta premissa do não-todo fálico, a subversão mais radical da lógica aristotélica ocorre com a posição do lado da mulher. Na universal negativa não existe uma proporcionalidade em relação ao lado do homem que se inscreve: “toda mulher não está submetida à ordem fálica” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 87); ela recai sobre o universal: “a mulher é não-toda inscrita na função fálica” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 85). Assim Lacan estabelece a noção do não-todo fálico radicalmente fora do plano simbólico.

Lacan institui um rompimento nas relações entre o particular e o universal postulado por Aristóteles, de acordo com a lógica clássica: a dupla negação do particular inscreveria a universal afirmativa. Entretanto, se o universal é fundado na exceção, não há mais paridade possível entre o particular e o universal quando, do lado da mulher, Lacan institui a negação sobre o qualificador (“não-todo”) e sobre a própria existência (“não-existe”), podendo considerar a relação da partilha sexual em que cada sexo estabelece com a castração.

“A relação sexual não existe” (1972-1973/2008, p.155). A maneira feminina articula-se pelo *não-todo*, ou seja, na mulher há sempre algo que escapa ao discurso e se articula com o Real.

Se a mulher “não-toda” resulta de uma exigência lógica da fala, (Lacan, 1972-1973/2008), em que a própria lógica do discurso é “não-toda” fálica. Embora a lógica da parte não fálica tenha referência à fálica, a mulher tem um gozo que não se inclui ao falo. Desta forma, a mulher está aberta à uma falta de significante no Outro  $S(\mathcal{A})$ , nesta falta que o gozo feminino, outro que o fálico, penetra, e que situa a não existência do Um da exceção que seria A mulher, se ela existisse.

Então diz Lacan: “amor ser impossível, e a relação se abismar no não-senso, o que não diminui em nada o interesse que devemos ter pelo Outro” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 101).

Para dizer da impossibilidade da relação sexual, Lacan (1972-1973/2008) utiliza do paradoxo de Zenão, contado sob a forma de uma corrida entre Aquiles e a tartaruga como suporte afirmativo daquilo que se promove como gozo infinito ou gozo Outro. Neste paradoxo, o herói grego e a tartaruga decidem apostar uma corrida de cem metros.

Como a velocidade de Aquiles é dez vezes maior que a da tartaruga, esta recebe a vantagem de iniciar a corrida oitenta metros à frente da linha de largada. Com isso, no intervalo de tempo em que Aquiles percorre os oitenta metros que o separam da tartaruga, esta percorre oito metros e continua à frente dele. Em seguida, no intervalo de tempo em que percorre mais oito metros, a tartaruga anda oito decímetros, mantendo-se à dianteira. Aquiles então anda estes oito decímetros, e a tartaruga oito centímetros. E jamais se encontram, de maneira que Aquiles e a tartaruga constituem a impossibilidade de um encontro por apresentarem tempos e velocidades que os diferenciam em um mesmo trajeto.

## 2.2 A mulher não existe: gozo fálico e gozo Outro

No auge das décadas de 60-70 chega um francês chamado Jacques-Marie Émile Lacan e, com seus aforismos, diz: “A mulher não existe”, como também “A relação sexual não existe” e que “Amar é dar o que nada se tem”. As feministas o rejeitaram, consagrando-o como mais um misógino a ser combatido.

Um período da escrita de Simone de Beauvoir, que buscava um novo olhar e um novo dizer da condição da mulher, fora da condição de existir como um ser enigmático e estigmatizado, acometida de histeria, ou seja, surge a necessidade de desvincular ser mulher com ser histérica. Mas Lacan, valendo-se de sua valentia e insistência feminina, prosseguiu, possibilitando compreendermos a clínica na contemporaneidade, em que todo fim de análise desemboca no feminino, ou seja, na falta, no vazio, de um objeto jamais obtido e sempre desejado, mas possível de simbolizar com um novo dizer.

Para deslizaros na inexistência d’A mulher é preciso convocarmos a fórmula da sexuação, em que faremos nossa reflexão, recorrendo ao gozo fálico e ao gozo Outro, para nos valermos daquilo que Lacan quis dizer em seus rejeitados aforismos.

Tal como mencionado, Freud observou que não existe representação psíquica da oposição entre masculino e feminino. Com isso o mito edípiano nada nos ensina. Um dizer do que é ser homem ou ser mulher só é possível referindo a um significante fálico. Apenas este torna possível passar do real para o simbólico e representar a falta que regula a sexualidade. É interessante pensarmos que no próprio inconsciente freudiano faz-se o correlato de um vazio que é impossível representar e que Lacan maneja em seu aforismo,

quando disse: “A mulher não existe”. Conforme referido no item anterior deste capítulo, para existir um todo fálico é necessário que exista Um que negue este todo, para que o todo possa existir. Para que “A” mulher exista (coloquei aspas neste A maiúsculo justamente para reforçar o caráter de totalidade, inexistente à condição de ser mulher), teria que existir apenas uma mulher que não tivesse sido castrada, para que se possa dizer que A mulher existe. Desse modo podemos afirmar que a mulher vivencia experiências de um gozo sem limites revelado pela forclusão do significante Nome-do-pai.

O gozo feminino mantém-se limitado pelo falo, mas *não-todo*, razão que a mulher, por não haver um significante no inconsciente que diga A mulher, ela necessita agarrar-se às insígnias paternas de maneiras mais pregnantes. “Agarrar-se” ao Outro, ao amor, ou ser o sintoma de seu homem faz com que ela possa “existir” na presença de um significante fálico que diga algo sobre ela, um dizer do real que insiste em inscrever, de uma ex-sistência que é uma constante.

Enquanto os homens sofrem da “angústia do proprietário” (Fluentes, 2012, p. 139), angústia da castração, a mulher teme a separação, por sentir-se abandonada, como um resto que cai do Outro.

“Fazer-se abandonar” (*se faire laisser tomber*) conduz o sujeito a recuperar seu gozo, sendo ele mesmo o objeto perdido que cai abandonado. [...] essa forma de satisfação paradoxal, pois não é prazer, mas o sofrimento que vem selar o circuito infernal desse gozo masoquista (Fluentes, 2012, p. 218).

Viver “entre”, como menciona Freud quando escrevera a Fliess: “operamos no reino do entre” (Brousseau, 2019, p. 137), ex-sistir como litoral, entre dentro e fora de si, um contato direto com o real, naquilo que inexiste um significante se quer que diga o que é ser uma mulher. Justamente neste abrir e fechar, como toda cavidade erógena do corpo: boca, olhos, ânus e vagina, movimentada o inconsciente de um sujeito dividido pela linguagem trazida pelo Outro.

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu (Jorge, 1964/2010, p. 235).

Ao citar este parágrafo de *A Paixão segundo G. H.* (1964), de Clarice Lispector, à luz da escrita da mulher-poetisa, Lispector mostra-nos aquilo que Lacan buscou durante *O Seminário, Livro 22: R.S.I.* (1974-1975/s.d), o efeito de sentido real:

O mundo independia de mim – esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! Nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro (Jorge, 1964/2010, p. 235).

Miranda, (2017, p. 167), refere-se sobre Lacan utilizar a hipótese da compacidade, construída sob a interrogação do número que conduz a um lugar que não é um espaço homogêneo, definido como uma falha, sendo a falha algo de mais compacto. “Trata-se da “interseção de tudo que se fecha” e “existe um número finito de conjuntos”, resultando daí “que a interseção implica esse número infinito”

Em todo caso, o que é que implica a finitude demonstrável dos espaços abertos capazes de recobrir o espaço circundado, fechado no caso, do gozo sexual? Que dito de espaços podem ser tomados um a um – e porque se trata do outro lado, ponhamos no feminino – uma a uma. [...] E é aí que está o estranho, o fascinante, é o caso de se dizer – essa exigência do Um, é do Outro que ela sai. Onde está o ser, há exigência de infinitude. [...] mas centrem-se no que acabo de imajar, esse espaço do gozo sexual recoberto por conjuntos abertos que constituem uma finitude e que finalmente, se contam. Vocês não vêem que o essencial no mito feminino de Don Juan é que ele as tem uma a uma? Nisto a imagem de Don Juan é capital. Das mulheres, a partir do momento em que há os nomes, pode-se fazer uma lista, e contá-las. Se há *mille e tre* é mesmo porque podemos tomá-las uma a uma, o que é essencial. E é a coisa completamente do Um da fusão universal. Se a mulher não fosse não-toda, se em seu corpo ela não fosse não-toda como ser sexuado, nada disso se aguentaria (Lacan, 1972-1973/2008, pp. 16-17).

Miranda, 2017, p. 169, faz referência ao mito Don Juan, trabalhado por Lacan n’*O Seminário, Livro 20*,

Na série de mulheres de Don Juan, em seu “*mille e tre*”, há uma, Dona Inês, cuja função é ser a *ao menos uma* na lista em que a busca de Don Juan se detém. É essa uma a menos que Lacan, referindo-se a Don Juan, faz equivaler ao Outro encarnado como ser sexuado, o Outro exige esse uma a uma (Miranda, 2017, p. 169).

Sabendo isso, podemos considerar que Don Juan é um exemplo de não-todo e finito, ou seja, há um número de mulheres finito no mundo, mas todas as mulheres, infinito, sem exceção, são suscetíveis a se tornarem suas amantes.

Continuando *O Seminário, Livro 20*, de 21 de novembro de 1972-1973(2008), Lacan pergunta: O que é o gozo? Ele mesmo responde que o “gozo é aquilo que não serve para nada” (p. 11). Mas diz ser algo que, ao equiparar com o direito, ao se referir ao usufruto: “quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais” (p. 11), “o direito-ao-gozo, direito não é um dever. Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é imperativo do gozo – Goza!”( p.11)

O sujeito do desejo é comandado pelo objeto-causa – objeto perdido por intermédio da castração da linguagem, que produz um efeito do gozo do corpo vivo.

“Não há outra identidade sexual senão a do modo de gozo, todo ou não-todo fálico que, ao determinar o sujeito insubstancial do significante, faz dele o *fallasser*, ser especificado por um gozo que, prende-se ao ‘ser da significância’ [...](p.174) define-se na linha de Aristóteles, como corpo, e até como corpo vivo, ser vivo afetado pela linguagem [...] “é o eco no corpo do fato de que existe um dizer”, como condição do aparecimento do vazio do sujeito, postula que o inconsciente-linguagem regula o gozo do corpo vivo – “O real... é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” [...] Por fim, o gozo do corpo-a-corpo tem a causa no próprio significante, no significante que “se situa no nível da substância gozante” (Soler, 2005 pp. 182).

O amor sempre demanda mais, ainda mais amor. Nunca deixamos de demandar amor. E este é recíproco pois faz signo, faz marca, faz pulsão de vida e pulsão de morte. O amor nunca cerrará de produzir efeito em um corpo vivo.

### 2.2.1 Gozo fálico

Valendo da fórmula da sexuação apresentado no início deste capítulo, ao lado esquerdo do quadro, o lado masculino da sexuação, Lacan retorna a Freud, ao mito do pai da horda primitiva, presente em *Totem e Tabu* (1912-1914/2012), para demonstrar o ponto de exceção  $\exists x \overline{\Phi x}$ , em que se lê:

“Existe ao menos um homem que não está submetido à função fálica “e que funda o conjunto dos homens: “Todo homem está submetido à ordem fálica  $\overline{\forall x \Phi x}$ .

O gozo do homem é local, do órgão e não do corpo da mulher, aquela que lhe causa seu desejo. O homem faz da mulher objeto de suas fantasias e que dá sustentação ao seu gozo fálico, utilizando de significantes fálicos que fundam sua identificação fundamental e o fixam ao corpo da mulher de forma fetichista. Por isso o homem se fixa mais em relação aos semblantes para poder tornar-se parte do conjunto dos homens, em que, “um vale por todos e todos por um”. “Quando ocorre a simbolização do falo, a função fálica pode servir de limite, garantindo um tratamento para o gozo com os semblantes. Lacan afirma, em “Aturdito” (1972/2003, p. 459):

O homem, para gozar do corpo da mulher, transforma-a em objeto, recorta o corpo da mulher, muitas vezes sem valor, para afastar do objeto incestuoso e santificado representado por sua mãe.

Vou um pouco mais longe – o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do órgão. É por isso que o superego, tal como apontei há pouco com o *Goza!* É correlato da castração, que é o signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude (Lacan, 1972-1973/2008, p. 14).

### 2.2.2 *Gozo Outro*

No amor é feminino, o amor não é sem condição. Existe em todo amor entre homem e mulher uma herança edípica de fantasma e de gozo. Amar então é um gozo? Sim, gozamos ao amar. Um gozo de entrega e recebimento do Outro como objeto de amor. O erotismo é a essência do enlace do amor com o desejo, entre homem e mulher. E tanto Freud quanto Lacan enfatizam, como resultado deste enlace, a experiência de gozo. Um amor sem desejo, um desejo sem amor, são vivências da dor, gozo parasitário. Sexo sem amor é experiência vazia. Por isso a mulher ama demais? Ela busca dois que fazem um, e esquece da impossibilidade de fazer um e também de fazer dois. E então ela fica mesmo é com NADA.

A mulher está inserida no gozo fálico, mas não só. Para elas há Outro gozo (Outro com O maiúsculo, que quer dizer infinito). Um gozo não-todo fálico, que pode levá-la à condição de objeto e aniquilamento como sujeito.

Mas, o ser, é o gozo do corpo como tal, quer dizer, como assexuado, pois o que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual. [...] para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico – eu disse *dito* –, o sexo corporal, o sexo da mulher eu disse *da mulher*, embora justamente não exista *a* mulher, a mulher *não-toda* – o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por *intermé* (Lacan, 1972-1973/2008, p. 14).

Na formalização da sexuação, Lacan, (1972-1973/2008) refere-se ao falo não apenas como significante que possibilita as identificações fálicas:  $f(x)$ , e não apenas como atributo do tipo: “sou um homem porque tenho um falo”, ou “sou uma mulher porque sou o falo”. Não foi por esta via que Lacan trabalhou na fórmula da sexuação, pois se trata de uma função relativa à divisão recorrente à castração, ou seja, uma função relativa ao gozo, uma extração do gozo do corpo por meios de significantes fálicos e do objeto *a*, localizado fora do corpo.

A angústia na mulher pode ser mais intensa devido ao fato de ela estar mais exposta ao desejo do Outro, sem poder oferecer o objeto fálico, como o homem que detém o pênis no encontro sexual. Assim, a mulher busca nos semblantes fálicos uma maneira de fascinação, semblantes como: lingerie, joias, vestidos, ou seja, véus do imaginário e do simbólico, adereços que promovam os significantes que constroem os semblantes femininos, para que possa suportar o real duro de encarar e de ex-sistir como mulher.

### 2.3 Ser o falo: o semblante

Em meados dos anos 50, Lacan,(1958-1959/2016), ao utilizar a expressão “Ser o falo”, apõe à concepção freudiana da sexualidade humana calcada na lógica do ter o falo. Nesta formulação, Lacan consagra que é justamente por não ter o falo que a mulher quer sê-lo: “A relação do sujeito feminino com o falo tem por fórmula: *ela é sem tê-lo*. [...] É esse *ser sem tê-lo* que dar à posição da mulher sua transcendência” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 236).

Em movimentos dialéticos, homens e mulheres, em sentidos de “ter para ser e ser para ter”, diante da lógica fálica, conseguem manter-se num lugar de valor e destaque diante do Outro e da falta.

Mas como podemos entender esta afirmação lacaniana? O que é ser o falo?

Segundo a equação freudiana “filho=falo”, e que a mulher busca na maternidade a maneira de ter o falo, possuir significantes fálicos que lhe possibilitem constituir-se da Outra Absoluta, conferida pela função materna. Então o *infans* se faz como falo imaginário para a mulher que é mãe, no qual, em outrora, ela foi o bebê=falo, em que, sendo objeto do desejo materno, pode ocupar um lugar de privilégios narcísicos, mesmo correndo riscos, que sua mãe, de num “estalo fechar a sua borraca”.

Entretanto, o Outro primordial, sustentado pela mulher, que é a mãe, mostra-se insaciável, devoradora em seu desejo de falo. O olhar do Outro, que, no princípio, constitui a imagem do corpo da criança. Um olhar que é sempre inapreensível, que se revela por furos, ou seja, o enigma do desejo do Outro, sempre vacilante, que estabelece, junto ao sujeito, um jogo de engodo em relação ao desejo materno. Isso acontece porque o olhar detém uma impressão para além do filho e da mãe. O furo presentificado pelo significante falo.

“O olhar do Outro, de sua parte, detém um desejo que não se encerra na imagem, apontando que à imagem falta algo para que ela coincida com o ser: falta o objeto determinado na condição de perda produzida pelo significante” (Miranda, 2017, p. 83)

O falo se encarna justamente naquilo que falta à imagem. É dali que se origina tudo o que será a continuação da relação do sujeito com o objeto de desejo. [...] A função do falo em sua generalidade, para todos os sujeitos que falam, e trata-se de perceber seu estatuto no inconsciente (Lacan, 1960-1961/2010, p. 315).

Na posição feminina o desejo se dirige ao inapreensível do falo, quer dizer, ao falo enquanto falta; enquanto na neurose histérica, o sujeito entra no jogo especular identificando-se com o objeto do desejo do Outro, aquele objeto que falta ao Outro.

Ao falo confere-se um valor simbólico, o qual não preenche nenhum objeto, mas, ao mesmo tempo, pode se ligar a vários, deslizando de objeto a objeto, porque onde existe a falta existirá um desejo.

“Para sustentar seu desejo, ainda é preciso que, a cada vez, ele peça ajuda de uma coisa que se apresenta numa posição terceira em sua relação com o desejo do Outro. É aí que ele se situa para que seja suportável a relação aspirante, evanescente, do  $\$$  diante do  $a$  (Lacan, 1958-1959/2016, p. 459).

O desejo se distingue de todas as demandas pelo fato de ser uma demanda submetida à lei. [...] a saber, a chamada lei da aliança e do parentesco.[...] E é nesse nível que vemos aparecer a significação fundamental do falo. O falo é,

fundamentalmente, o sujeito enquanto objeto do desejo sexual, objeto este submetido ao que chamaremos de lei da fecundidade. [...], na medida em que ela regula o desejo atando-a a uma lei (p. 460).

O paradoxo, desejo de saber e horror de saber, identificado por Freud às perguntas infantis sobre: “De onde vêm os bebês?”, evidencia sua sede de saber, mas de fato, as crianças jamais perguntam o que querem saber. Uma pergunta que remete ao real do órgão sexual feminino, ao real da procriação, da origem.

Freud acreditou saber o que uma mulher queria: o pênis. As mulheres invejariam o que lhes faltaria e a *penisneid*, a inveja do pênis, representaria para elas um destino irrevogável, todavia a castração feminina apresenta questões que determinam, de maneira clara, a diferença entre falo e o órgão viril masculino. (...) É a antecedência do falo em relação ao pênis e ao clitóris o que permite a articulação da castração na mulher. Se não fosse assim, não lhe faltaria nada (Miranda, 2017, p. 64).

Como dizer do falo diante da castração? O falo é um significante que antecede o pênis e o clitóris, porque é um significante que vem simbolizar a incompletude do Outro, vivido inicialmente por intermédio da presença *versus* ausência do Outro primordial, de um ir e vir da mãe, descrito por Freud como *fort-da*, um jogo de carretel de seu neto, ao simbolizar a ausência e a presença materna.

E o sujeito, quando inserido na linguagem do Outro, ao vivenciar algo que lhe barra como um nome, um Nome-do-pai, um terceiro que movimenta o sujeito do imaginário para o simbólico,  $S1 \rightarrow S2$ , faz algo cair como resto, não possível de simbolizar, *-phi*. Como “isso”, o sujeito da linguagem estará sempre diante daquilo que falta ao Outro: uma falta inconsciente.

É a percepção da castração no Outro que dá ao sujeito a realização de sua própria castração, de uma falta fálica desempenhada pelo ter ou não ter o genital masculino.

O falo simboliza a falta que constitui o sujeito do inconsciente, recobrando-a de sentido fálico sobre as diferenças anatômicas entre os sexos, a diferença sexual sem representação psíquica.

A mulher é castrada não porque lhe falta o genital masculino, o suporte imaginário do falo, mas porque está submetida aos efeitos da palavra, numa condição de *fallasser* (significantes no corpo), o qual padece dos efeitos do significante, o que se lhe apresenta como a ausência do pênis e, de imediato, a coloca sob efeito da castração do Outro.

Todavia, como todo *falasser* precisa enfrentar a falta radical, considerando a presença e a ausência, a mulher necessita dar uma resposta a esta falta radical.

Mas como a mulher consegue responder a falta radical?

É importante para esta investigação que possamos observar, nas duas mulheres participantes desta pesquisa, como estas administram suas faltas em relação ao Outro como parceiro amoroso, considerando o Outro também como um sujeito faltante do ato da fala.

O homem responde à falta por intermédio de seu genital: o pênis, que carrega todo suporte imaginário produzido pelos efeitos dos significantes fálcos.

A mulher não pode significar a falta (marcada pela castração) no registro do sexual da mesma maneira que o homem. Quando vimos, no início deste capítulo, que Lacan, 1972-1973/2008), n' *O Seminário, Livro 20, Mais, ainda*, apresenta-nos, na fórmula da sexuação, a premissa fálca como função, estas fórmulas foram o resultado de sua leitura dos escritos de Freud à primazia fálca para todo sujeito da linguagem, como também para aquela que Freud deixou fora do registro do falo, o "*dark continente*", teorizado por Lacan como "não-todo".

Através da fórmula da sexuação, visualizamos que do lado do homem, para existir a confirmação do todo fálco  $\forall x \Phi x$ , deverá existir uma exceção  $\exists x \overline{\Phi x}$ , o pai mítico, que confirme o todo. Mas a fórmula, do lado da mulher, aparenta não existir uma exceção,  $\overline{\exists x \Phi x}$ , que possa confirmar A mulher como toda, como conjunto, segregado na ordem fálca.

Desse modo, o feminino poderá ser expresso desta maneira: para não todo humano, a função fálca  $\forall x \Phi x$ , existindo A mulher que não está toda na função fálca, está além do falo, no gozo Outro, do infinito, ou seja, existe apenas uma forma de gozo, o fálco, o localizável, o gozo masculino. O gozo Outro é o além do gozo fálco, um gozo para o infinito.

E para além da falta estrutural, existe aquela comprovada pela falta do pênis e todos os significantes que rodeiam este órgão masculino, assim como existe a falta marcada por um vazio experimentado pela ausência de significantes que possam localizar a mulher em sua existência.

O vazio do não-todo mobiliza gozos mortíferos e devastações. Mas a mulher busca a localização fálca que lhe possibilite certa fixação e sentido para sua existência. Busca semblantes fálcos ricos em significantes de valores e de sedução. As máscaras são úteis

naquilo que a mulher precisa: ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro. Então afirma Lacan: “é pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada” (1958/1998, p. 701).

O gozo é do ser. O significante é efeito da linguagem e da palavra que é causa de gozo. E o gozo fálico busca significantes edípicos, assim como o mais-de-gozar como suplência do interdito de fazer o Um viril: “o gozo fálico é obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o do que ele goza é do gozo do órgão” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 15).

Para que possamos entender com mais clareza os semblantes fálicos, antes se faz necessário dizer desta redundância “semblantes fálicos”, uma vez que, ao se fazer semblante, ele carrega a falicização, isto é: para ser semblante tem que ser fálico, por consistir em algo perseguido na busca por preencher a falta constitutiva do sujeito da linguagem.

N’*O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda*, há uma referência a Picasso (Lacan, 1972-1973/2008, p. 13). Picasso tinha uma periquita, um pássaro chamado *Perruche*. Diziam que esta periquita estava apaixonada por Picasso. Lacan se questionava: o que quer dizer estar apaixonada por Picasso? A periquita se aproximava de Picasso e fazia cócegas nas suas roupas. Então estava apaixonada por suas roupas? O hábito faz o monge? Diz Lacan que sim, que a periquita estava apaixonada por suas vestes. Lacan diz a partir disto: haver um mito de gozar de um corpo sem vestuário. Temos a roupa que inexiste um corpo. O sonho de um corpo nu é um corpo sem vestes. E isso leva a um problema de unidade do corpo.

N’*O Seminário, Livro 4: A relação de objeto* (1956-1957/1995), Lacan, ao diagnosticar o pequeno Hans como fóbico, e não perverso, corresponde ao fato do menino se interessar pelas calcinhas sobre o corpo da mãe, e não pelas calcinhas sem um corpo, caso do perverso, ou seja, quando não se trata de vestes para um corpo vivo, totalitário, o Um, o que existe é um corpo em pedaços.

Imaginemos as consequências do que acabamos de apontar. Lacan afirma que o sexo biológico se trata unicamente de caracteres secundários, e que o corpo carrega as marcas dos caracteres sexuais. No caso da mulher, os caracteres sexuais femininos advêm da mãe, que carrega significantes fálicos concebidos por semblantes e pareceres. A roupa é outra maneira de carregar um corpo com significantes fálicos, um corpo banhado pela linguagem.

A roupa é o que faz construir a imagem, o objeto *a*, causa do desejo, que não está sob a roupa, no corpo nu.

Desejamos, por meio de semblantes, ter um corpo que seja Um. Desde o estádio do espelho buscamos nossa unidade, um corpo definido pelos *falasser*, como “Um”. Fora da imagem do “Um” estamos diante do despedaçamento do corpo. Fora do “Um” estamos no “não-todo Um, não-todo fálico”. Estamos no “OUTRO”.

#### 2.4 Os litorais do indizível: devastação entre mãe e filha

A maternidade é, de fato, algo surpreendente. Desde criança a menina observa, por meio de significantes recebidos pela sua mãe, que ser mãe a coloca em um lugar bem especial, absoluto. Mesmo não sabendo o porquê, a menina entende que o caminho para existir é pelo significante fálico: Mãe.

Então dois seres, a princípio, se fazem “Um”, totalitário e absoluto, meio alienígena sentir este ser “re-mexer” dentro de um corpo, numa mescla de afetos: medo, raiva, amor, fúria e prazer, sim, muito prazer por “ter” aquilo que o homem não consegue ter e que muitas invejam. Mulheres consideradas “árvores secas” devido à infertilidade olham para uma mãe com seu barrigão e sofrem, por não terem conseguido aquilo que as elevam a um lugar de importância, fora da castração.

Embora ser mãe possibilite engendrar-se na totalidade, no sentimento de que nada falta, trata-se de uma condição temporária, pois continua sua condição de faltosa. Desse modo, a mulher continuará a castrada, que inexistente, ao menos, um significante apenas, que possa dizer sobre A mulher.

Mas voltando à nossa querida mamãe: ao nascer o seu desejado bebê e sendo este do sexo masculino, ela dispõe simbolicamente de significantes fálicos que possam dizer ao seu bebê, do sexo masculino, o que é ser um homem, pois o homem existe psiquicamente, segregado em conjunto que digam sobre ele, significantes que reafirmam sua existência como homem, e que ele confia plenamente. Por isso uma mãe tem como apresentar significantes, nomes que digam o que seu bebê precisa ser para existir como um homem.

Mas tudo se complica quando nasce uma menina, e a mãe mostra ao pai, a menina, afirmando-lhe que ele precisará amar esta menina, erotizá-la assexuadamente e fazer dela um ser especial.

Entre ser a “Cinderela e a gata borralheira”, percorrem juntas, mãe e filha, um caminho longo e doloroso. Um caminho de devastações e rivalidades, que convocam a busca de um entendimento sobre ser objeto ou ser causa do desejo do Outro, de um homem, um homem que não quer saber sobre sua falta constitutiva como sujeito da linguagem. Um Outro que é sempre faltoso  $S(A)$  e que faz da mulher seu sintoma; que produz sempre uma fantasia em relação à mulher, para amenizar a angústia de castração, porque há no inconsciente um real que se revela como um hiato, conforme mencionado por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1901-1905/2016): a criança busca produzir um saber sobre o enigma da diferença sexual, em relação àquilo que precisamente não possui um saber inscrito. E escapa radicalmente à possibilidade de inscrição.

O sintoma é a “maneira como cada um goza com seu inconsciente”, quando se trata de uma mulher, segue-se que ela empresta seu corpo para que, gozando com ela, o homem de fato goze com seu próprio inconsciente, e que, inversamente, é por esse gozar com o inconsciente que ele tem acesso ao gozo do corpo, que não é gozo Outro, mas gozo fálico (Soler, 2010, p. 182).

O saber inconsciente – o simbólico – que vem tentar preencher a falta de saber instintual em nossa espécie, apresenta um ponto de não-saber – real – em torno do qual toda a estrutura orbita: trata-se, precisamente, da diferença sexual que se recusa ao saber. Embora o inconsciente seja um saber que vem tentar preencher a falha instintual, não a preenche completamente: em termos freudianos, resta sempre a *não inscrição da diferença sexual* (Jorge, 1964/2010, p. 65).

No circuito de ser o falo, revestir-se de semblantes fálicos e inexistência, caminham mãe e filha por momentos “entre” existir como mãe absoluta e inexistir como mulher. Nesta relação mãe-filha deslizam significantes: imperiosa, possessiva, obscena, indiferente, fria, mortífera, presente demais ou ausente demais, atenta demais ou distraída demais, preocupada ou negligente, ou seja, a mãe para a filha é a imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. Segundo Lacan (1972-1973/2008), as “falhas” da mãe têm lugar preciso e certo chegando até a “devastação”.

A predominância de uma dupla ausência da mãe, afirma Colette Soler:

O desejo feminino cria a ausência da mãe. Ausência a ser simbolizada, mas ausência muito necessária, porque descortina a dialética da separação. Na medida em que é mulher, a mãe não é toda e seu filho não a satura (2005, p. 100).

Os litorais de um indizível impossibilitam a separação entre o eu-Outro, interno-externo, mãe-filha, ou seja, uma devastação que impossibilita a separação entre mãe-filha, o que é da filha e o que é da mãe :

A devastação situaria o objeto no lugar do Nome-do-Pai. [...] Daí resultaria que a angústia é a outra face da devastação. Dito de outro modo, quando o objeto significante, ou seja, inscrito na troca fálica, se furta, ou antes, se dissocia da cadeia da demanda de amor, aparece o objeto *a* que estava velado por ele e, então surge a angústia: voz que se extingue, olhar cego. O sujeito, por não estar mais sustentado pelo objeto terceiro inscrito no Outro que ancorava seu gozo, tende a desaparecer, assim como seu desejo. Isso é tão verdadeiro que o desejo “sempre continua, em última instância, a ser “desejo do corpo”. “É o objeto que eu quero”, é o objeto que me mantém, não o objeto metaforizado, mas aquele onde se produziu o corte, a separação que nenhum nome do pai ou dom do pai vem recobrir (Brousse, 2019, p. 17).

Num gozo mortífero decorrente da devastação entre mãe e filha, quando significantes fálicos não produzem sua função de sustentáculo para uma existência, as fantasias não impedem o real de objetivar o corpo. Desse modo, o corpo esvazia-se de nomes e significantes, voltando a pulsar como único objeto de gozo. E na insistência da busca por uma satisfação pulsional e a dificuldade de renunciar às fantasias de uma mãe absoluta e fálica, filha e mãe gozam de um corpo sem separação, um corpo unívoco.

“Assim, por trás do sintoma há a fantasia, mas por trás da fantasia há a pulsão e sua radical e imperiosa exigência de satisfação – como enfatiza Freud, ‘a pulsão sexual se comporta de forma voluntária e inflexível’” (Jorge, 1964/2010, p. 50).



Figura 6: Ciclo da fantasia

Fonte: Jorge, C. A. M. (2010). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 50

Sendo a angústia face da devastação anteriormente mencionada por Soler,(2005) e que toda angústia é recorrente do real, trazendo a face “nua e crua” do objeto *a* sem

vestes do simbólico, um objeto que Lacan, durante todo seu ensino, deixa à mostra suas diferenças em relação ao objeto comum:

O *seminário, livro 10: a angústia*. Ele então distingue os objetos *a* e os objetos comuns, “objeto de concorrência, cujo status decorre da idéia de posse” (Lacan, 1962-63, p. 103), e que são objetos que se podem cotar, “objetos de troca”, vale dizer, objetos que participam do comércio humano com um valor sobre o qual se pode chegar a um acordo. Por certo, os objetos *a* se encontram situados no mesmo campo geral dos objetos, mas não se podem cotar, nem trocar. Os objetos comuns são desejados; os outros, causa da capacidade de desejar do sujeito e detectável pela angústia que podem provocar, bem como por sua incapacidade de circular na troca (Brousse, 2019, p. 102).

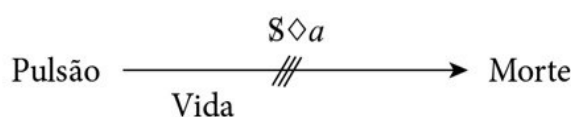


Figura 7: Ciclo da fantasia

Fonte: Jorge, C. A. M. (1964/2010). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 52

A relação da mulher com o Outro, segundo Lacan (1972-1973/2008), é com o Outro enquanto barrado da linguagem, ou seja, com a impossibilidade do todo do significante, e não uma ligação com o Outro primordial, pura potência. O Outro barrado se dá com o significante que faz a função da falta (própria ao significante), a relação com a castração, com a falta de um significante que diga A mulher.

A mãe também é simbolicamente castrada. Não apenas por ser mulher, como também por ser um sujeito da linguagem. Mas mãe e filha desejam e querem gozar através de semblantes fálicos. Todavia, a mulher, por acreditar menos nos semblantes do que o homem, sabe mais sobre a falta estrutural e da impossibilidade de fazer existir a relação sexual. Desse modo, ela busca seu gozo, por vezes mortífero, pela via da rivalidade estabelecida entre mãe e filha ou com o homem, com um engendramento na falta no Outro que a mulher pode gozar.

Neste momento cabe refletir a respeito da diferença entre a posição da mulher e a posição da histérica. A histérica situa a castração apenas do lado do Outro de maneira a escamotear sua própria falta. A mulher procura a castração do Outro para ter seu lugar e exercer o papel de mascarada feminina, um “parecer ser”.

“Não há virilidade que a castração não consagre” diz Lacan, considerando a parte da fórmula da castração do lado do homem, uma vez que Lacan escreve  $\forall x \Phi x$  (para todo homem a função fálica, todos estão castrados), precisa pôr acima disso a exceção que confirma a regra:  $\exists x \bar{\Phi} x$  (existe ao menos Um que não está submetido a castração) (Miranda, 2017, p. 158).

Lacan, n’*O Seminário, Livro 10: A Angústia* (1962-1963/2005, p. 122), afirma: “a mulher não falta nada”, ao se referir sobre a ausência da angústia da castração na mulher. Por esta perceber sua falta, ela não padece desta angústia como o homem.

A mulher não está toda submetida à falta fálica. Ela está mais imersa em Outro gozo, não tratado pela linguagem. Por isso a angústia da mulher pode ser mais intensa, por ser exposta ao desejo do Outro e não ter um objeto fálico a oferecer. Assim, à medida em que a mulher mobiliza a falta no Outro, visa ao desejo do Outro em forma de demanda que se possibilita fazer semblantes da satisfação do desejo do Outro.

Em contra-face à mulher, mãe-filha esperam o “ao menos Um” da exceção que não esteja consagrado à castração, embora sabendo que este “ao menos Um”, viril, que detém o poder sobre os castrados não virá. E embora isso, elas esperam.

É certo que A foi barrado. Isso não quer dizer que basta barrá-lo, e ele inexistirá, pois se buscarmos no gozo Outro, gozo divino, gozo infinito, ao qual visa o gozo Outro da mulher, poderemos considerar que a mulher encontra o absoluto por meio do  $S(A)$ . “Se com esse  $S(A)$  eu não designo outra coisa senão o gozo da mulher, é certamente porque é ali que eu aponto que Deus ainda não fez sua retirada” Miranda, (Lacan, 1972-1973/2017, p. 159).

Dessa forma, sugerimos um olhar especial quando nos debruçarmos sobre os discursos das duas mulheres participantes desta pesquisa, especificamente no que conferem à encarnação do impossível pela via do amor, em que confundem seu homem com Deus-Pai, lugar de seu gozo, para que compreendamos quando Lacan (1972-1973/2008) afirma que Deus não faz sua retirada, um Deus no registro do real, considerando que algo de real escapa à barra de A e continua a busca pelo impossível.

## 2.5 E agora? *CHE VUOI?*: “Amor é dar o que não se tem, a alguém que não quer”

Os aforismos lacanianos sempre fizeram produzir faíscas naquilo que se possa compreender pela razão, como neste aforismo: “Amor é dar o que não se tem, a alguém que não quer” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 49). Em 1957 foi a primeira vez que Lacan produziu este enunciado. E dessa época em diante ele o repetiu inúmeras vezes. Lacan utilizou do Zen budismo para dizer daquilo que vai para além do racional, do pensamento consciente, do normal, para dizer sobre aquilo que produz uma iluminação, isto é, além do que é dito, além da escrita.

A partir d’*O Seminário, Livro 20: Mais, Ainda*, referente à data de 08 de maio de 1973 (1972-1973/2008), ocorre uma transposição do ser que pensa para o ser que goza, de um querer dizer para um querer gozar, uma renúncia ao pensamento cartesiano, daquilo que se refere à normalidade, ao campo da razão. Assim, Lacan observando os Zen budistas na produção de seus “mugidos” considerou estes sons, signos, uma maneira de sair da mortificação do corpo, realizada pelo processo da fala do Outro. O amor procede do exílio do ser banido da linguagem que assujeita o falante.

O exemplo do Zen toca o interesse de Lacan em relação ao que excede o que pensa ao que goza. E assim Lacan fala do amor, que não cessa de não cessar.

De acordo com o primeiro ensino de Lacan, presente n’*O Seminário, Livro 6* (1958-1959/1999), amar se conjuga no demandar, dentro da dimensão simbólica, *Che vuoi, S*  $\diamond$  D, em oferecer-se como objeto faltante ao Outro, amor que preocupa, ocupa, faz gozar um gozo peri-gozo. E por isso disseram Lacan e Freud: O amor interessa à psicanálise.

E a respeito daquilo que o sujeito demanda, Lacan n’*O Seminário, Livro 6*, de 27 de maio de 1959, afirma:

A demanda figura nesse nível na medida em que, para além do que ela exige quanto à satisfação da necessidade, ela se propõe como essa demanda de amor que institui o Outro a quem ela se endereça como àquele que pode estar presente ou ausente. É assim que a demanda, seja oral ou anal, adquire aqui uma função metafórica e se torna símbolo da relação com o Outro (Lacan, 1958-1959/2016, p. 423).

O amor laciano apõe conceitos de Freud a respeito de um ser que detém o falo e outro que não o detém, trazendo o sujeito a partir de um ser sem essência, ou seja, sem

conteúdo que determine quem é o sujeito, considerando, desta forma, que é pela falta de um dizer que ofereça representação ao sujeito do inconsciente que se baseiam as relações amorosas do sujeito.

O sujeito para psicanálise é essa lembrança apagada, esse significante que falta, esse vazio de representação em que se manifesta o desejo. *Desidero* é o pensar freudiano, pois o inconsciente nos ensina a seguinte proposição: *penso logo desejo, cogito ergo desidero*, pois a cogitação inconsciente presentifica o desejo sexual, indestrutível, inominável, sempre desejo de outra coisa. Mas o pensamento não o define, pois não tem substância; é vazio, aspiração, falta, se não deixaria de ser desejo (Quinet, 2003, p. 12).

“*Desidero ergo sum*”, “Desejo logo existo” é o cogito freudiano, lá onde se encontra o desejo está o sujeito como efeito das associações livres, “*Wo Es war, soll ich werden*” “Lá, onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir” (Lacan, *In Escrito 1965-1966/1998*, p. 878). Lacan, em sua leitura de Freud, afirma que o sujeito está no pensamento como ausente, como pensamento barrado. “Lá onde penso eu não estou, eu não sou” (Quinet, 2003, p. 12).

O amor lacaniano é um “*pas-de-sens*”, o seu passo de sentido deriva desde um “*pas-de-sens*”, *ab-sens*, não sentido original. Mas o seu passo faz laço, faz dois – ao que parece –, faz de tudo, faz amor, “faz” *poiësis*: “fazer o amor, como o nome indica, é poesia” (Lacan, 1972-1973/2008 p. 12).

“Amar é dar o que não se tem” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 49) condensa o desenvolvimento de Lacan n’*O Seminário, Livro 8: A Transferência*, em que apresenta a famosa “metáfora do amor”, ou seja, quando o sentido do desejo produz significação do amor: o amante como objeto amado para encontrar, naquilo que ele se faz para o outro, a significação fantasmática de seu próprio desejo. Mais se afirma que é o amor a forma de preenchimento do vazio que utilizamos para fazer laços com o mundo por meio de uma linguagem, quer seja falada, por um sintoma ou pela arte, mesmo sabendo que todas as formas utilizadas nunca preencherão completamente o vazio, a falta, pois a falta é o movimento constituinte do desejo e da vida. E o sujeito morto, de acordo com Lacan, tal como para Freud, é aquele que deixou de desejar.

“Amar é dar aquilo que não se tem”( 1960-1961/2010, p.14): a falta, porque esta gera desejos, sujeitos com alteridade pelas diferenças. Por isso o amor é o nosso maior equívoco. Um equívoco fundamental. O equívoco de um ser que se fez sujeito barrado, equivocado, repleto de duplos sentidos, duplos que permitem a existência do amor, do

desejo quando a falta existe. Duplos que possibilitam a alteridade do discurso naquilo que compõe as diferenças. Sem o equívoco, o duplo, alguém fica restritamente objetalizado. E o que resta, unicamente, é angústia, sintoma e violência, pois a diferença é o que dá dignidade ao amor.

O Outro no amor é aquele do duplo sentido. Aquele que busca no ser amado uma busca por ressignificação. Uma busca sem garantia de encontro, pois este encontro é marcado, sempre, com a “senhora de nossos destinos”, a falta.

Primeiramente, Lacan (1960-1961/2010, p. 26) designa o falo como “aquilo que não se tem”. Mas é o objeto *a* que será encontrado. E esta localização do objeto *a* fez com que Lacan também localizasse o que se trata o amor, no laço com o outro e, obviamente, na transferência, em que as trocas simbólicas abrandem a dimensão das mentiras imaginárias. E isso, em certa medida, em que o que falta ao simbólico e ao imaginário, aponte e localize, num segundo tempo, o real como diz-mensão.

Assim, a procura de sentido no amor é fantasma que fixa e amarra a certo objeto. Proceda da sequência da letra. Uma carta de amor procura o Um que nunca será dois, que a língua exporta, explora, extrapola.

N’O *Seminário, Livro 19: ...ou pior*, de 1972, acontecerá uma ruptura na repetição do aforismo. Lacan, resgatando o que tinha deixado em espera desde “Função e Campo”, no capítulo antecipatório “As ressonâncias da interpretação” (*In Escritos/1998*), o amor passa a ser lido a partir da letra de a-muro, como signo. “Eu te demando de recusar o que te ofereço porque não é isso” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 81), reinterpretando o aforismo “amar é dar o que não se tem”, anunciando a letra que está no a-muro: “entre o homem e a mulher há um a-muro” (p. 81). E é aqui que Lacan se abre a questões do nó borromeano, ou seja, é a partir desta reflexão sobre esta frase que Lacan passa a explorar a topologia borromeana.

Com isso o amor, não mais como enganação, é elevado à suplência que sua carta carrega: o eco do saber inconsciente d’alíngua, da letra ao signo, e não apenas uma mera mentira retratada pelo imaginário de um amor cortez.

O amor, segundo Lacan, *Outros Escritos* (1974/2003), vai muito além das produções imaginárias. É um amor como dom. Um amor na contramão da sedução e de fazer as coisas funcionarem, tipicamente utilizado por defesas amorosas que, mediante fantasias de completude, criam verdadeiras prisões imaginéticas. E por estas produções

têm como objetivo prévios fazerem a relação sexual existir, com apelos de que as coisas funcionem por efeitos de controle, ciúmes, monogamias e eternidade para a relação.

Para dar dignidade ao amor, Lacan, *Outros Escritos*, afirma (1974/2003):

Pôr em jogo o simbólico e o real que o imaginário aqui une (por isso não podemos largá-lo) e tentar, a partir deles, que fizeram mesmos suas provas no que diz respeito ao saber, aumentar os recursos graças aos quais conseguiremos prescindir dessa tal de relação, para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrorio que constitui até hoje (p. 315).

O amor, a partir deste momento no ensino de Lacan, não é apenas o que procede do sentido simbólico que vetoriza o desejo, nem tão somente a significação que estabiliza o imaginário, numa tentativa mútua de “fazer dois” e fazer “relação sexual”.

Dessa maneira entende-se o amor lacaniano como: “nem sentido, nem significação; o amor é signo” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 14). Suplência à não relação sexual, pois a maior provação do amor é a não relação, mas também seu ponto de partida: não tentar mais fazer relação com as armadilhas do amor e do objeto permite fazer um amor mais digno.

“...a única coisa que se pode fazer de um pouco sério, a letra/carta de amor” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 113). A carta de amor pode-se contar Um que possa tirar nesta conta a singularidade do um sozinho que não faz dois, nem quando faz amor, e que um a um o que faz diferença se conta.

Então Lacan pergunta (1960-1961/2010): Existe amor verdadeiro? E o mesmo que faz a pergunta tem a resposta: Sim, existe o amor verdadeiro. Mas este não é romanceado, atravessado por barganhas ilusórias da sedução, da posse e dos ciúmes. O amor verdadeiro, afirma Lacan é o amor de transferência. Mas como todo amor, pega emprestado no Outro o que lhe falta e usa isso genuinamente para encontrar o que falta a ele. Esta metonímia fundamental do objeto de amor facilmente pode-se passar de um para o outro.

No começo de toda análise está em cena a falta de sentido (*pas de sens*), que atenta e arrisca o passo do sentido (*pas de sens*), que alenta e produz trabalho: trabalho de transferência.

Em Lacan (1973/2003), o amor de transferência constitui-se em três tempos: **no começo de análise, no meio de análise, e no fim de análise.**

**No começo de análise:** O amor entra em cena e queixa, lamenta: menos, demais, capenga, impotente, ferido, carente, obsessivo, compulsivo, exaltado, temido, deplorando;

**No meio de análise:** “O amor dirige ao saber” (Lacan, 1973/2003, p. 555), queixa, lamenta: menos, demais, capenga, impotente, ferido, carente, obsessivo, compulsivo, exaltado, temido, deplorando; “não há dois, não há dois?, não há!”

O “amor” de transferência apela para “fazer saber”, escrever uma nova carta a partir da letra oriunda do saber inconsciente “*insu que sait*”, o “não sabido que sabe”. A letra é remetente da carta de amor.

Mas o analista, que se dispõe como destinatário, não responde à carta. O seu silenciar tão peculiar deixa ressoar a letra n’álíngua que transcorre a fala da associação livre. “Não se poderia dizê-la, mas se poderia fazê-la ressoar” (Lacan, *Outros escritos* 1973/2003, p. 555).

**No fim de análise:** Desde Freud o que se espera de uma análise é que ela permita um outro tratamento do gozo e do laço social. Um outro enlaçamento, enodamento do gozo, do corpo, no laço com o Outro. Espera-se que o sujeito compreenda sua falta, que entre no laço social não mais se ocupando da sedução narcísica, mas compreendendo que: “amar é dar o que não se tem”, a falta.

Assim, amar... é “dar o que não se tem”, a falta. E Lacan completa n’*O Seminário, Livro 12*: “para alguém que não quer isso” (Lacan, 1964-1965/2006, p. 152).

## **PARTE II - COMPONENTE EMPÍRICO**

### **1 Método**

#### **1.1 Abordagem da pesquisa**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. Uma abordagem como esta tem o intuito de se debruçar sobre o objetivo de estudo em um contexto natural, valorizando as particularidades e a qualidade dos fenômenos investigados. Tal tipo de abordagem interessa a este estudo porque a pesquisa qualitativa procura descrever e interpretar os dados coletados à luz das experiências pessoais dos indivíduos, ou seja, seu escopo é investigar como os indivíduos constroem um mundo de significados à sua volta e que relação esses significados resguardam com a literatura acadêmica produzida até o momento (Flick, 2009).

Este trabalho de pesquisa apresenta como metodologia revisão bibliográfica e dois estudos de caso de duas mulheres, com as quais a pesquisadora fez atendimento analítico em sua clínica e teve como status atual fim de análise, num período correspondente a, no mínimo, dois anos de término entre o fim de análise até a data correspondente ao início da coleta de dados para a investigação.

A pesquisadora selecionou em seus arquivos de atendimento clínico dois estudos de casos de mulheres que, por intermédio de vinhetas, ou seja, discursos, puderam dizer sobre sua estrutura psíquica e seus discursos de amor.

A entrevista não-diretiva, metodologia utilizada no atendimento clínico psicanalítico, traz o sujeito do inconsciente por meio de seu discurso, existente nas falas, na história de vida dita pelo Outro. Concomitantemente, chega o real, que se repete em sintomas e fantasias, buscando uma forma de dizer sobre o vazio, sobre a dor de ex-sistir. As vinhetas, discursos, falas, do contexto analítico, foram o caminho utilizado que percorremos em nossa investigação, sobre questões existentes referentes ao amor e ao feminino no processo de alienação e separação

## 1.2 Amostra/Participantes

Diante do contexto geral esboçado anteriormente, das questões norteadoras formuladas para esta pesquisa, esta investigação visa estudar o sofrimento do humano nas suas relações amorosas, através de dois estudos de caso de pacientes mulheres que foram acompanhados, em atendimentos clínicos, pela investigadora e que terminaram o processo há pelo menos dois anos.

### *1.2.1 Critérios de inclusão*

- Sexo: Mulher
- Idade: 20-60 anos;
- Escolaridade: Conclusão do ensino fundamental;
- Estado civil: Solteiras ou casadas;
- Profissão: Ativa ou Inativa;
- Situação familiar: Estar em um relacionamento monogâmico no mínimo há um ano de duração;
- Situação clínica:
  - 1- Neurose: Histérica ou Obsessiva;
  - 2- Status: Fim de análise no mínimo de dois anos;
- Carta de livre consentimento: Em acordo com a investigação.

### *1.2.2 Critérios de exclusão*

- Sexo: Homem;
- Idade: Menos de 20 e mais de 60;
- Escolaridade: Não ser alfabetizada;
- Situação familiar: Não estar em um relacionamento monogâmico de, no mínimo, um ano;
- Situação clínica:

- 1- psicótica;
  - 2- Estar no momento atual da pesquisa em processo de análise com a clínica da investigadora, em especial com a investigadora;
  - 3- Ter concluído o processo de análise no período inferior há dois anos;
- Carta de livre consentimento: Não estar em acordo com os procedimentos da investigação, a qual se fará através do consentimento realizado em carta de aceite.

### *1.2.3 Instrumento para recolha do material empírico*

De acordo com Gil (2008), a entrevista é um instrumento de extrema relevância para qualquer pesquisa de campo, pois é através dela que o pesquisador interage de modo direto com os sujeitos que podem lhe fornecer informações pertinentes para seus objetivos.

Em nossa investigação utilizamos a entrevista não-diretiva, sendo esta um instrumento das ciências humanas e sociais, possibilitando ao nosso estudo condições necessárias para a compreensão do corpus do discurso obtido nas sessões clínicas ao longo do processo analítico.

## 1.3 Procedimento

O presente protocolo de investigação foi submetido à Plataforma Brasil para apreciação e aprovação e obtenção de um parecer de um Comitê de Ética.

Obtidos os devidos pareceres positivos procedemos à implantação do estudo:

- O primeiro contato foi via telefone ou e-mail, que possibilitou o agendamento de datas e horários individuais, para que pesquisadora apresentasse às duas mulheres, que responderam às exigências da pesquisa e foram selecionadas para estudo de caso clínico, a natureza da pesquisa e todos os esclarecimentos frente às dúvidas.
- Feito agendamento, com as duas mulheres selecionadas para a pesquisa, foram abordadas tais questões:
  - 1- Natureza da pesquisa de um estudo de caso clínico;

- 2- Importância como material científico, para as inclinações e melhorias de aspectos que envolvam intervenções em clínica psicanalítica;
  - 3- Ética e sigilo em relação às identidades, através de nomes, datas e endereços fictícios;
  - 4- Apresentação, às participantes, de conhecimento sobre informações de livre desistência, em qualquer momento do processo de investigação, em que as mesmas tivessem necessidades ou desejo, sem nenhum prejuízo às partes envolvidas;
  - 5- Assinatura da carta de livre consentimento.
- Coleta de dados, por vinhetas clínicas, ou seja, discursos: enunciados e enunciação, realizados no momento de uma análise clínica, que possibilitam a investigação e o estudo, tendo como interfaces a literatura e a práxis clínica para a compreensão das questões levantadas a respeito da problemática que se refere ao amor no feminino;
  - Revisão da literatura psicanalítica e assimilação reflexiva;
  - Redação e conclusão da pesquisa.

#### 1.4 Riscos e benefícios

- Riscos:

O percurso de trabalho realizado na clínica analítica tem como pressuposto a preocupação sobre questões que, porventura, ofereçam prejuízo e sofrimento psíquico ao sujeito, no processo de subjetivação.

Assim, a psicanálise, linha teórica de atendimento utilizada pela pesquisadora num percurso de trinta anos de trabalho em consultório analítico, visa ter o ser humano como ponto nodal, buscando, na prática analítica, os cuidados que cercam qualquer prejuízo ao bem-estar do analisando, como também preocupações referentes à ética profissional.

Mediante o tempo percorrido pela pesquisadora na práxis da clínica, e que as participantes selecionadas foram suas pacientes num percurso de uma análise, considera-se que foram construídos vínculos de confiança e segurança em relação ao

trabalho realizado, conjuntamente, sendo estes vínculos alicerces consistentes que favoreçam a pesquisa apresentada, sendo realizada com segurança e sem prejuízo no que concerne a sofrimentos físicos e emocionais.

- **Benefícios:**

Esta pesquisa tem como ponto de partida um trabalho realizado em clínica analítica, com as participantes selecionadas, que tiveram contato com os benefícios que uma análise, naquilo que corresponde ao sofrimento psíquico em suas relações com o social e a cultura.

## 2 Casos clínicos e seus desdobramentos

O sujeito chega à clínica em busca de um suposto saber, um saber sobre seu sofrimento. Ele acredita que a figura do analista possa lho oferecer. Assim chega o paciente à “presença” do analista, e por meio da transferência desloca parte de um não-sabido àquele que possa ter um saber, em busca de sentido para tudo o que está sem-sentido, sem dizer.

Toda transferência requer uma busca, a busca de um saber. Lacan (1960-1961/2010) considerou a transferência um ato de amor, um amor verdadeiro, que existe primordialmente nas diferenças absolutas entre o Eu-Outro da linguagem, das semelhanças às dessemelhanças.

Na clínica, o amor de transferência apresenta-se:

- Em primeiro **momento** um amor choroso, queixoso, lamenta: menos e demais, capenga, impotente, ferido, carente, obsessivo, compulsivo, exaltado, temido, deplorando; “não há dois, não há dois?, não há!” e GRITA!!!( 1971-1972/2012, p.139)
- No **segundo momento**, no meio de uma análise, o amor dá voltas, se revolta e busca desesperadamente um saber. O amor de transferência apela, interpela, descabela em busca de “fazer saber”, busca na letra uma maneira de escrever uma nova carta de amor, um amor mais digno, contendo as diferenças necessárias que separa, “*separare*” o sujeito do Outro, a contar que na separação ocorre algo que cai de seu ser e do ser do Outro, porque este Outro também é um ser faltante e castrado, e o sujeito nada poderá fazer.
- No **fim de uma análise** novos enlaçamentos com o Outro se fazem. O amor faz-se “Dom”, ou seja, não existe um, como não existe a relação, porque a existência é de dois seres da falta que precisam re-significar o gozo de seu ser. Desse modo, da letra o corpo busca um signo, um eco, que ecoe um gemido sem palavras que possa dizer do seu ser.

No entanto, uma análise, muitas vezes, não acontece. O sujeito resiste, insiste, porque a alienação é o destino de todo sujeito da linguagem e seu inconsciente é, segundo (1957-1958/1999), estruturado pela linguagem do Outro.

O discurso é tudo que existe, é alteridade. E pela fala do analisando buscamos compreender seu discurso, cujos critérios exigem regras do Outro do inconsciente, oferecidas pela transmissibilidade de uma geração. Assim há focalização no discurso, os quais correspondem aos critérios do método psicanalítico, seguindo as organizações dos critérios do inconsciente.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é correspondente ao estudo de dois casos clínicos, duas mulheres que compareceram ao processo de análise com a pesquisadora e que chegaram ao fim da análise há pelo menos 2 anos.

Estudar e analisar os discursos destas duas mulheres desde o início de suas análises até o fim possibilitou-nos compreender o processo analítico correspondente ao sujeito (no caso, as duas mulheres em pesquisa), naquilo que correspondem aos seus significados e significações em relação ao amor pelo Outro. Com isso nossa investigação direciona um olhar mais atento ao nosso problema de pesquisa: É possível à mulher amar fora do amor narcísico, separando o Eu do Outro, na condição de um falta-a-ser?

Nosso trabalho não se limitou apenas em saber que todo sujeito da linguagem é um ser castrado, limitado, atingido pelas leis do inconsciente, que é construído pela linguagem do Outro. Mas também buscamos entender a posição da mulher às voltas daquilo que a petrifica face ao Outro e daquilo que impede a separação com o Outro, mesmo estando em sofrimento psíquico.

Desse modo, as análises dos discursos de Luiza e Elena estarão às voltas daquilo que Freud, em *Introdução ao Narcisismo* (1914-1916/2010, p. 29), afirma: “Se você ama, sofre. Se não ama, adocece”. A partir dessa perspectiva buscamos compreender desde o início até o final do processo analítico de Luiza e Elena o amor narcísico naquilo que o autor também menciona:

A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelos homens. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto a serem amadas, e o homem que lhe agrada é o que preenche tal condição (Freud, 1914-1916/2010, p. 32)

No seminário (1962-1963/2005) Lacan, elabora a posição enganosa do desejo – presente principalmente no nível em que o objeto pequeno *a* assume a forma visual, e a

verdade que é sinalizada pela angústia, na medida que tal afeto, definido nesta obra, como sendo o único afeto que não se engana, pois “explode” no corpo como um gozo mortífero.

E é sobre este corpo, sobre esta angústia presente na clínica do feminino, que discorrerão Luiza e Elena<sup>1</sup>. Elas nos apresentarão de seus sintomas, desejos e fantasias naquilo que construíram como amor e dor.

Elas estarão falando sobre seus amores e suas dores: culpa, medo..., naquilo que o sujeito, em análise, busca construir novas tramas entre o real, simbólico e imaginário, construindo um sentido (simbólico/sintoma) naquilo que está sem-sentido (real/angústia) com possibilidade de restringir-se em um único sentido (imaginário/inibição).

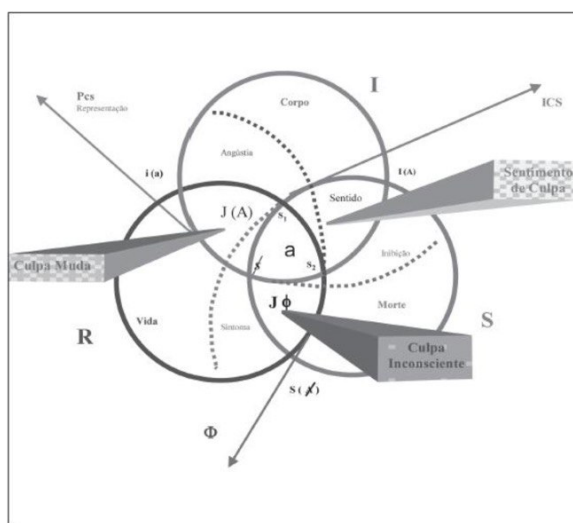


Figura 8: Nó Borromeano

Fonte: Barbieri, C. P. (2013). As per-versões na clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, (40), p. 34

Luiza e Elena trazem na busca de um saber seus sintomas, estruturas ou nível das formações do inconsciente (atos falhos, chistes, sonhos, sintomas) em conjunto com modalidades transferenciais. Com isso, elas nos apresentam aquilo que consagra suas *dimension* da linguagem, trazida pelo enunciado do Outro, vestida de semblantes que revelam castração, desejos e fantasias.

É nesse nível, de modalidades de alienação e separação ao Outro, que examinaremos os discursos de Luiza e Elena, mediante o fato de estas mulheres serem sujeitos barrados, divididos, assim como do Outro ser barrado e limitado, pois não existe o Outro do Outro, ou seja, alguém capaz de dar a completude desejada às fantasias inconscientes.

<sup>1</sup> Luiza e Elena são nomes fictícios, o qual a pesquisadora utilizou para preservar a identidade das participantes da pesquisa

Vale aqui trazermos, a princípio de tudo, uma questão, já que analisaremos os discursos: O que é um discurso? Um discurso é tudo aquilo que faz corpo por meio da alteridade da fala, *diz-o-curso*, dizer um sentido, *diz-unidade*, significância ou valor fálico, formação de identidade e a diferença de sentido em relação a si, com tempo lógico para seguimento ou interrupção naquilo que *diz-o-curso*.

No interior de superfícies discursivas formam-se objetos. Para Lacan (1966/2003), a superfície mais simples seria o *toro*. “O toro é uma superfície de revolução formada pelo produto de dois círculos, cuja ilustração intuitiva em espaço euclidiano é a boia de borracha” (Gaspard, Silva Junior, Dunker, Assadi & Doucet, 2010, p. 366).

Lacan utiliza de objetos topológicos, a saber:

- “A banda de Moebius”, que dá conta da estrutura do sujeito;
- “O toro”, que esclarece a relação do desejo com a demanda, a repetição e a identificação;
- “A garrafa de Klein”, que representa a relação do sujeito com o Outro;
- “O Cross-cap”, que representa o sujeito em sua relação com o sujeito do desejo;
- Os nós, que permitem a escritura dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário

É através da topologia que Lacan fez possível dizer do Real, impossível de suportar. A topologia é o limite sem fronteiras, a continuidade sem limites. O espaço do sonho, da criação, da invenção, do ir e vir, fazer e desfazer, construir e desconstruir, das trocas constantes, do inesperado, do vazio, da falta, do interior e exterior, do abrir e fechar do inconsciente. É um “saber fazer” adquirido na experiência própria da análise, que permitirá a cada um construir seu estilo, seu modo de se conduzir frente a um saber incompleto, em andamento e constante.

O *toro* nos permite estabelecer a relação que une o desejo à demanda quanto à questão de identificação, designando por (d) o desejo, e (D) a demanda. Na superfície do *toro* faz-se um trajeto que segue um círculo meridiano e se fecha numa volta. E entre idas-e-voltas encontram-se ilustradas a *demanda*, e sua repetição fundamental, que exprime um desejo desconhecido, pois o desejo é sempre da ordem do desconhecido.

A partir do desejo e da demanda, podemos entender que o desejo contorna o objeto, e o objeto é dito o que falta=furo. É na repetição que a demanda deseja o objeto

faltoso, mas o desejo é fadado ao fracasso porque o objeto, em sua estrutura, induz ao fracasso.

No entanto, é pela manobra sobre o *toro*, o reviramento do *toro*, que nos permite compreender a incorporação das identificações: primárias, ao traço unário; e identificação ao desejo do Outro.

A operação topológica conhecida como reviramento do *toro* permite ilustrar como funciona a estrutura neurótica, ao que equivaleria uma identificação da demanda do sujeito ao desejo do Outro e, reciprocamente, da demanda do Outro ao desejo no sujeito.

Se a demanda é demanda de signo de amor, precisaremos de dois significantes (S1-S2) como um signo que convoca a presença de alguém para o qual ele se endereça. Podemos dizer que o desejo se desloca num falta-a-ser (*manque-a-lettre*), se detém na metáfora do sintoma (S1/S2) e progride na articulação metonímica (S1...S2). Assim o traço unário não opera diretamente no significante, na fala ou língua, mas na letra, naquilo que é dito pelo Outro por meio de semblantes que sustentam os traços unários em busca de “fazer-um ” que caracteriza o discurso do Outro.

Como semblantes, o traço unário existe, ou seja, “isto é algo que pode ser lido”. E assim há um discurso, existe um sentido, há alguém. Mas “isto diz o que para quem?”. É nas “pegadas” dos significantes que o circuito do *toro* busca novas significações entre enunciado e enunciação.

O eixo da enunciação, através do modelo topológico, ou modelo da trança do sentido e da descontinuidade da cadeia de significante, apresenta-nos condições de análise do discurso, ou seja, dos fragmentos presentes no discurso do estudo de caso, possível método psicanalítico, cujo objetivo é, *in vivo*, aprender com os tropeços discursivos e seus confrontos com o impossível de dizer.

O discurso nos apresenta, através de dupla vertente: enunciado e enunciação. Primeiramente, o paciente chega trazendo o dito, isto é, o enunciado que traz um sentido ao sujeito por meio de significantes do Outro. Nesta ancoragem residem seus desvios, insistências, repetições, escapes. No segundo momento há uma relação com a enunciação, uma possibilidade de dizer sobre um saber não-sabido, um dizer inconsciente, que possibilita ao sujeito dizer sobre seu próprio cativo, em que reside o sujeito do inconsciente.

Sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, tudo aquilo que se repete no dizer diz da verdade sobre o sujeito. Assim, um saber se faz verdade sobre o sujeito inconsciente.

Por isso, para a psicanálise a fala do sujeito é ponto *sine qua nom* para que ocorra uma análise do discurso, em que a direção discursiva, como rupturas, lapsos, esquecimentos, tropeços linguajeiros, terá importância para a análise do discurso.

No plano topológico, Figura 8, três superfícies distintas são definidas: “não sabido” do discurso (gozo fálico/simbólico), “sem sentido”, (gozo Outro/real) “ao sentido” (gozo semiótico/Imaginário).

As flechas caracterizam o percurso do “sujeito do enunciado”, em giro significante que conduz à “trança do sentido”. Os “pontos triplos” colocados nos cruzamentos das dimensões R.S.I, que se revelam nos desequilíbrios, fracassos ou surpresas da enunciação em que comparece o “sujeito do inconsciente”.

Neste percurso dos “três passos” do entrançamento do sentido se requer do sujeito da enunciação:

- **Pontos de não sabido/Ignorância (ponto preto):** Interno ao discurso e enoda Simbólico e Real, lugar da produção requerida pelos furos necessários ao simbólico, com ex-sistência imaginária ou consistência de significação fálica. Surpresas na produção da linguagem: lapsos, esquecimentos, equívocos e contradições;
- **Pontos de sentido/Amor (ponto cinzento):** Discurso como formação coletiva e a fala como formação singular. Enoda o imaginário e o simbólico, como demanda da língua, ex-sistência do real. Mais-gozar parasitário como achados linguajeiros tomado pelo sujeito como pertencimento de si;
- **Pontos de não sentido/Ódio (ponto branco):** Enoda imaginário e real, ex-sistência simbólica. Ruptura brutal da lógica, intrusão do gozo.

Dessa forma, na análise do discurso, nos remeteremos à distinção entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, a qual poderá nos fornecer indicadores capazes de revelar qual posição Luiza e Elena adotam perante sua própria divisão constitutiva em suas relações com a castração imperativa ao Nome-do-pai, a falta e desejos, fantasias e sintomas.

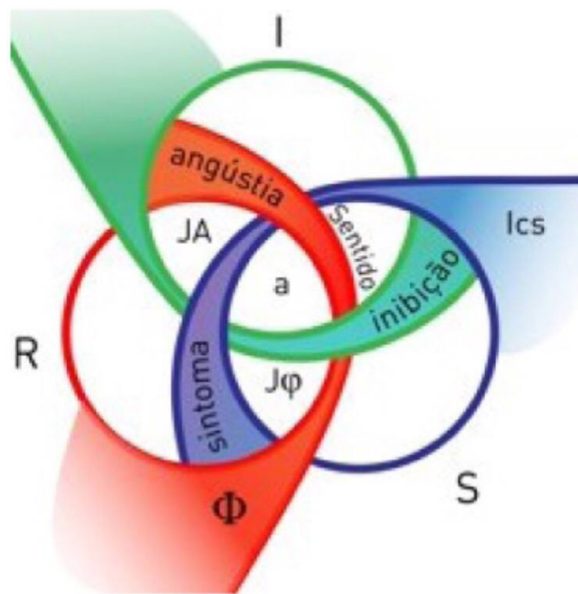


Figura 9: Nó borromeano

Fonte: Capanema, C. A., & Vorcaro, A. M. (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos da Clínica*, 22(2), p. 395.

O sujeito, é um tecelão. Tece os três registros em conjunto. E cada sujeito se define pela sua tecelagem, pelas amarrações que ele vai criando e que vão respondendo ao longo de sua vida, ou seja, cada sujeito tem seu próprio RSI. E a cada vez em que existem momentos de crise, de transformação corporal, ocorre um desatamento dos nós, um desnudamento, que pode ser ou não refeito. O papel do amor, da arte e da análise é a possibilidade de existir um novo enodamento que possibilite novas formas de conviver com o desejo e o gozo.

Vamos pensar os três registros borromeanos como a dimensão da letra. É isto que se escreve, que não cessa de se inscrever assim, apresentando-se como:

- O real que não cessa de não se escrever: Real enquanto impossível;
- O que cessa de se escrever, o que para de escrever: O possível;
- O que cessa de não se escrever: É o contingente;
- O que não cessa de se escrever: É o necessário.

Estas são as quatro lógicas da escrita aplicadas às relações dos três toros, ou os três anéis. Existem leituras possíveis do nó borromeano: “O nó plano ou planejado”: com

duas intercessões, centrais e periféricos; “O nó tridimensional”: nó da paranoia, nó em trevo, passando do enlaçamento ao nó propriamente dito contínuo e dobraduras internas.

### 3 Dois estudos de caso clínico

#### 3.1 Caso 1: Luiza<sup>2</sup>

##### Demanda inicial

Aos 32 anos Luísa procura análise, chegando ao consultório da psicóloga pedindo ajuda, pois não estava mais compreendendo o que acontecia em sua vida, perguntando “se todo mal que estava experimentando era sua culpa”. Com muitas dúvidas, queria saber: “*Aonde eu errei*”. Dizia-se ansiosa, com compulsão alimentar e sintomas referentes a ataques de pânico e muito medo do que estava por vir e que não compreendia o que lhe acontecia, não conseguia mais corresponder ao desejo do Outro (no caso, de seu companheiro amoroso, Jorge).

Assim se seguiam suas demandas sobre um saber a respeito do desejo do Outro:

*Por que ele quer me deixar?*

*Por que ele não me ama mais?*

*Por que ele não me deseja mais como antes?*

*Por que eu dei um filho a este homem, para me deixar sozinha e abandonada?*

*Por que ele não vai embora, se ele não me deseja e me trata como uma estranha, que ele nem olha mais com carinho e atenção?*

E foi em busca de respostas que Luiza chegou à análise, com medo de ser “abandonada” pelo seu companheiro de 10 anos de relacionamento.

Neste momento inicial da análise percebemos Luiza: estava muito angustiada devido ao fato de não mais conseguir satisfazer o desejo do Outro; sentia-se confusa, sem entendimento daquilo que a representava como mulher; percebia o “des-amor” do homem o qual ela dizia tanto amar. Segundo a paciente, ele não dizia mais nada sobre aquilo que desejava nem sobre aquilo que ela insistia em querer saber. Ela implorava para que ele lhe demandasse algo, para que ela pudesse ser uma mulher. E ser então, para ele, um objeto de valor e de “amor”.

Aqui encontramos uma Luiza angustiada, com poucas vestes de significantes fálicos que pudessem lhe oferecer um entendimento daquilo que ela precisava ser para poder sentir-se amada pelo Outro.

---

<sup>2</sup> Estaremos utilizando de pseudônimos para proteger a identidade da paciente

O material clínico que está com aspas corresponde fragmentos de discurso de Luiza no período de análise, (sendo falas originais)

A paciente começou a namorar Jorge quando tinha 22 anos, e ele 28 anos. Ela estagiava na empresa em que ele era seu chefe. Nesta época, Luiza fazia faculdade de Direito, na qual se graduou e começou a exercer a profissão de advogada na vara criminal. Deste trabalho de estagiária surgiu um interesse intenso do seu chefe por sua estagiária. Assim Luiza fala sobre o início do namoro:

*Ele começou a me dar o céu. Tentava descobrir meus desejos. Mal eu pensava em algo que desejava, ele vinha e dava-me. E eu nem acreditava naquele sonho. Ele era um príncipe, e eu era sua bonequinha. Ele tinha prazer em me apresentar aos seus amigos. Eu parecia seu troféu. Mas também eu tinha um corpo perfeito. Eu parecia uma “Barbie”.*

O homem goza inconscientemente do corpo da mulher. Faz dela seu sintoma, ou seja, transforma-a em “bonequinha” fálica e denega sua própria castração, pois a mulher se faz de falo e lhe causa desejo por ter mais e mais poder. O homem torna a mulher objeto de suas fantasias e aquilo que dá sustentação ao seu gozo fálico, utilizando de significantes fálicos que fundam sua identificação fundamental e o fixa ao corpo da mulher de forma fetichista.

Lacan afirma, em “Aturdido” (1972/2003, p. 459): “é um modo de acesso sem esperança à relação sexual, a síncope da função que só se sustenta por ali ser semblantes”. Em outras palavras: a relação existe, apenas, através de fantasias fálicas construídas e utilizadas pelo todo fálico, nas quais a mulher faz de seu corpo um objeto para o gozo do Outro.

O homem, para gozar do corpo da mulher, transforma-a em objeto, recorta este corpo, muitas vezes sem valor, para afastar o objeto incestuoso e santificado representado por sua mãe.

Vou um pouco mais longe – o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do órgão. É por isso que o superego, tal como apontei há pouco com o *Goza!* É correlato da castração, que é o signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude (Lacan, 1972-1973/2008, p. 14).

Luiza dizia, com muita satisfação, que eles viveram nove anos de total dedicação dele em relação a tudo que se referia a ela, seus desejos e necessidades, os quais ele buscava preencher.

*Tudo era maravilhoso. Até minha mãe sentia inveja do amor que ele dedicava a mim. Tudo era perfeito. Ele dizia que iríamos casar. Mas ele não concretizava. No começo eu não me importava. Era tudo tão bom. Mas eu comecei a pensar que ele não construía uma família comigo devido à relação estranha que ele tinha com sua mãe. Mas eu não tinha que reclamar disso, dizia minha mãe.*

Observamos neste momento um aspecto bem importante em que se fundava o discurso de Luiza em relação à mãe de Jorge: ela menciona uma certa rivalidade imaginária, na qual a mãe de Jorge (mãe fálica) era detentora de um poder de decisão sobre as escolhas do filho, e por isso ele não conseguia decidir sobre o casamento.

*Ele não tomava uma decisão porque a mãe dele era seu maior entrave. Ela não gostava de mim. Dizia que eu não era mulher para ele. Sem uma decisão dele sobre que futuro poderia ter nosso relacionamento, eu iniciei um processo de autodestruição. Sempre fui muito ansiosa. Mas comecei a perder o controle sobre tudo, principalmente sobre meu corpo. E comecei a engordar, engordar. E fazia dietas com medicamentos, inibidor de apetite... mas eu sentia que iria enlouquecer. Minha cabeça girava, girava, e nenhuma dieta resolvia. Nem da lua, da sopa, do diabo. Nada fazia eu continuar a ser uma boneca como eu era antes, quando ele fazia tudo para mim.*

Luiza ficou grávida. A paciente afirmou:

*Eu fiquei grávida aos 31 anos. Foi quando eu consegui sair da casa da minha mãe. Fiquei grávida em março, e saí da casa de minha mãe. Foi só o tempo de montar o apartamento. Minha gravidez foi a pior momento de minha vida. Ele me deixava sozinha no apartamento, e eu chorava, me sentindo sozinha e abandonada.*

*Ele montou um apartamento bellissimo e me jogou lá grávida. Não veio morar comigo e nem se casou comigo. Apenas passava por lá para ver se eu precisava de alguma coisa. Tipo: “cumpria” seu papel de bom rapaz, passando apenas para me dar comida, como se faz com um animal.*

*Quando a bebê nasceu, ele começou a fazer com a criança, uma menina, aquilo que fazia comigo: enchia-a do bom e do melhor, e mal olhava em minha direção. Eu entrei em depressão, e a cada dia engordava mais e mais.*

*Eu não conseguia cuidar de minha filha. Quem assumiu este papel foi minha tia e minha mãe. Assim eu me sentia péssima como mulher, mãe e profissional. Eu não sabia mais o que eu tinha me tornado.*

A mulher cumpre um papel fálico para o homem, sendo ela: mãe, esposa ou puta. Qualquer uma destas posições fálicas agrada ao homem. Lacan (1972-1973/2008, p. 14) afirma “A mulher não existe” apenas no todo fálico, ela circula no não-todo, ou seja, num lugar que não existe inscrição de significantes fálicos. Por isso a mulher e o homem necessitam destes significantes. O homem precisa ter o falo para ser homem, e a mulher necessita ser o falo para se sentir amada e valorizada.

No entanto, os significantes fálicos não são garantias de felicidade eterna, confirma Luiza em seu “arrazoado” de lamúrias sobre não conseguir ser mãe, uma função que precisa de construção psíquica, de elaboração e de apoio do homem. E a angústia começou a surgir, demonstrando a sua falta constitutiva, a qual nenhum significante fálico consegue tamponar. A paciente iniciou um processo de compreensão de que fora traída por suas próprias fantasias. O príncipe não tardou a virar sapo. A potência desapareceu. O interesse se apequenou. E entre lágrimas e desespero diz:

*Tudo piorava a cada dia. Ele me desprezava, e eu sofria. Até que ele me disse que não podíamos viver mais como homem e mulher. E disse que cuidaria da casa e da criança. Ele me bancava em tudo o que o dinheiro pudesse comprar. Mas nada de olhar para mim. Eu chamava sua atenção de diversas maneiras: engordava, emagrecia, chorava, me deprimia, entrava em dívidas altíssimas no crédito pessoal, cartão de crédito e empréstimos. Ele pagava tudo, e eu começava tudo novamente.*

*Ele entrava e saía de minha casa na hora que ele desejava. Tinha passe livre. Quando eu tentava restringi-lo, minha tia e minha mãe, à escondida, liberava. Ele ficou dentro de minha casa como um intruso por quatro anos. E nestes anos eu pensava que ele iria voltar a me desejar, e tudo voltaria como era antes. Puro engano.*

*“EU FUI ENGANADA” por anos.*

*Pensava que era algo para ele. Mas eu era um “NADA” para ele. Nada.*

Neste momento do processo analítico, correspondente ao meio da análise, o amor dá voltas, se revolta e busca desesperadamente um saber. O amor de transferência apela, interpela, descabela em busca de “fazer saber”. Busca na letra uma maneira de escrever uma nova carta de amor. Um amor mais digno, contendo as diferenças necessárias que

separa, “*separare*” o sujeito do Outro, a contar que na separação ocorre algo que cai de seu ser e do ser do Outro, porque este Outro também é um ser faltante e castrado, e o sujeito nada poderá fazer.

Os pais de Luiza se separaram quando ela tinha cinco anos. Sua mãe iniciou, logo em seguida, um novo relacionamento, em que moraram Luiza, sua mãe e o marido por 13 anos. A paciente, aos 18 anos, uma adolescente, percebia que o novo companheiro de sua mãe tinha uma relação abusiva com ela e com sua mãe. E o pai de Luiza se mantinha sempre muito ausente naquilo que correspondia à vida afetiva da filha.

*Meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos. Minha mãe arrumou um relacionamento que durou minha infância inteira e adolescência até os meus 18 anos, que foi muito complicado para mim, pois eu não suportava ele. Eu tinha nojo dele. Nossa! Muito nojo.*

*O novo marido de minha mãe exercia o direito penal, como eu, e adorava me inferiorizar e supervalorizar seu trabalho, dizendo que eu era inexperiente demais, que precisava aprender com ele. E dava um sorrisinho sarcástico.*

*Minha mãe sempre foi muito autoritária comigo. Ela apontava meus defeitos e me “prendia” dentro de casa. Não deixava eu sair para nenhum lugar. Ela só deixava eu sair quando comecei a namorar o Jorge. Meu quarto era meu universo de tudo que era bom. Eu não sabia o que era vida sem o quarto ou o Jorge. Por isto eu queria me livrar desta prisão.*

*Eu precisava sair daquela casa. Eu precisava. Não suportava aquele homem. Mas Jorge não se importava comigo. Ele me prometia tirar dali, mas nada fazia. E continuava a manter minhas necessidades materiais.*

*Minha mãe e minha tia “bajulavam” ele, dizendo que ele era maravilhoso e que eu tinha muita sorte de tê-lo. Eu achava que elas dão muitos créditos de bom moço para ele, porque ele pagava todas as nossas contas e enchia elas do bom e do melhor.*

Entre ser a “Cinderela e a gata borralheira”, Luiza e sua mãe percorrem juntas um caminho longo e doloroso. Um caminho de devastações e rivalidades, que convocam na busca por um entendimento de ser objeto ou ser causa do desejo do Outro, de um homem, um homem que não quer saber sobre sua falta constitutiva como sujeito da linguagem.

Luiza exercia a profissão de advogada no direito penal, sendo bem-sucedida e reconhecida na sua profissão quanto aos seus ganhos processuais. Mas Jorge não

reconhecia seu sucesso e dizia que ela precisava passar em um concurso público para “ser uma mulher” e para que eles pudessem se casar:

*Ele me deixava louca com as suas imposições. Dizia que sem eu passar no concurso, ele não poderia casar comigo. Eu não conseguia passar. Ele me pressionava com estas cobranças, exigindo que eu emagrecesse. Eu me sentia um fracasso com meu corpo e com a minha profissão.*

*Eu me sentia péssima. Jorge pagava para mim vários cursos preparatórios de concurso público, como também os melhores acompanhamentos médicos para eu emagrecer. Sou realmente um fracasso.*

*Eu não vou conseguir passar nesta “bosta” de concurso! Assim, nada de concurso e nada de casamento.*

*Eu comecei a ficar insegura quanto à minha capacidade de ser uma advogada capaz de exercer minha profissão. Eu ganhava dinheiro; ele nada percebia. Ele desprezava todos os meus ganhos e só pensava na “bosta” do concurso.*

*Até que resolvi largar minha profissão e ser “sacoleira”. Agora eu vendo roupas para as amigas. “Fico apavorada em pensar em voltar para o direito”. Ele patrocinou tudo. Eu perdi muito dinheiro, entrei em dívidas. E ele pagava tudo. E eu mais fracassada me sentia.*

Lacan (1960/2003, p. 742) também afirma: “Não existe virilidade que a castração não consagre”. Através deste aforismo lacaniano pensaremos sobre a vida profissional de Luiza em relação às exigências de Jorge. Segundo a paciente, ele insistia em apontar sua insuficiência não apenas profissionalmente, mas como mãe e mulher, de maneira a deixá-la no lugar da castrada para que ele pudesse não ser o castrado. Jorge buscava, desde o princípio da relação com Luiza, ser “ao menos”, da exceção paterna à lei fálica, aquele que goza de todas as mulheres, pois detém o falo. Mas para que ele pudesse ser o ao menos um, Luiza teria que ser a castrada.

Caminhávamos para o fim de análise. Novos enlaçamentos com o Outro começaram a serem construídos. Iniciou-se um movimento doloroso em que Luiza compreendia que o amor se fazia “Dom”, ou seja, não existe um, como não existe a relação, porque a existência é de dois seres da falta. E a única relação possível é por meio de fantasias. Além disso, amar é saber justamente a existência das diferenças absolutas que marcam o Eu do Outro, e que, para amar, Luiza teria que re-significar o gozo de seu ser, da letra ao corpo. A paciente buscava um signo, um eco, que ecoasse sua dor, seu gemido. Buscava palavras que ela pudesse dizer do seu ser, uma nova compreensão de

que o Outro seria incapaz de elevá-la à importância máxima de um amor narcísico, o qual ela buscava a toda força manter-se na totalidade, sem se deparar com seu próprio vazio, seu NADA.

*Estou destruída. Não sei por onde eu andei todos estes anos. Não sei mais nada sobre o que era. Tudo quebrou. Minha casa não é minha. Minha filha não me pertence. A profissão que escolhi eu abandonei.*

*Estou aprendendo algo sobre mim, que eu possa dizer que eu sou isto, que eu escolho ser isto e sou escolhida por isso.*

*Nem sei se quero morrer, pois já me sinto morta. Mas persisto em querer viver, amar novamente, quem sabe.*

*Descobri que ele está namorando outra mulher. AGORA ACABOU! Em-fim: ACABOU!!! Talvez agora eu consiga amar e ser amada.*

### *3.1.1 Análise do caso clínico Luiza*

O Outro é o lugar em que se encontra a cadeia significante, lugar que transita os nomes, os significantes, os valores, o falo, como também o corte, a morte e o buraco. O Nome-do-pai é a função primordial deste Outro. Entretanto, este grande Outro também é barrado, ou seja, o campo do Outro é faltante, e não há Outro do Outro,  $S(\bar{A})$ , levando a mulher à experiência do gozo.

O caráter imperativo da demanda transparece e, frequentemente, testemunha uma demanda de signos, ou seja, uma demanda do nada, um corpo pulsional que busca desesperadamente um alívio tensional: “Aonde eu errei”, “Por quê ele não me ama mais?” → **Angústia** (Real invade o imaginário) → **Não me ama porque eu errei, aonde?**. A mensagem invertida chega até o sujeito como um buraco, o advir de um saber que deverá vir do Outro.

Para Lacan(1972-1973/2008), o gozo feminino é contíguo ao Outro, ama o que nele é real e goza com o Outro barrado.

O incubo ideal, a mulher experimenta o Um da exceção, aquele que pode tudo fazer sobre as mulheres, o pai:

*Ele começou a me dar o céu. Tentava descobrir meus desejos. Mal eu pensava em algo que desejava, ele vinha e dava-me. E eu nem acreditava naquele sonho. Ele era um príncipe.*

*Eu era sua bonequinha. Ele tinha prazer em me apresentar aos seus amigos. Eu parecia seu troféu. Mas também eu tinha um corpo perfeito. Eu parecia uma “Barbie”.*

*Foram nove anos de total dedicação dele comigo. Tudo era maravilhoso. Até minha mãe sentia inveja do amor que ele dedicava a mim. Tudo era perfeito.*

Analisaremos o discurso de Luiza na sua relação amorosa com Jorge, em que confirmamos que o corpo é um lugar de embaraço e pulsional para o sujeito, um lugar do imaginário, mas também da consistência. Um lugar onde cada sujeito, diante de um sofrimento ou excesso de tensão, busca conseguir eliminar a carga tensional. Então apela por subsequentes que possam realizar a descarga. No presente caso, a paciente engordava, endividava-se e fazia sintomas. E por não conseguir realizar pela via do simbólico, da fala, ela encontrava no gozo do corpo uma maneira de alívio. Assim o corpo passa de um lugar de vida a um lugar da morte, do buraco, do vazio, do des-ser, do gozo mortífero.

A partir do momento que a relação amorosa entre Luiza e Jorge começou a apresentar uma invasão do real sobre o imaginário, lugar da angústia, surgiu o rompimento no imaginário, sustentado pelas fantasias de completude e união, em que dois se fazem Um.

*Ele dizia que iríamos casar. Mas ele não concretizava. No começo eu não me importava. Era tudo tão bom! Mas eu comecei a pensar que ele não construía uma família comigo devido à relação estranha que ele tinha com sua mãe. Mas eu não tinha que reclamar disso, dizia minha mãe.*

*Sem ele tomar uma decisão sobre qual futuro poderia ter nosso relacionamento, eu iniciei um processo de autodestruição. Sempre fui muito ansiosa. Mas comecei a perder o controle sobre tudo, principalmente sobre meu corpo. E comecei a engordar, engordar. E fazia dietas com medicamentos, inibidor de apetite... mas eu sentia que iria enlouquecer: minha cabeça girava, girava, e nenhuma dieta resolvia. Nem da lua, da sopa, do diabo. Nada fazia **eu continuar a ser uma boneca como eu era antes, quando ele fazia tudo para mim.***

Com a impossibilidade de sustentação da fantasia de completude entre Luiza e Jorge, quebram-se os elos que uniam e sustentavam o discurso de: “ser um ser especial para o Outro, assim existo”. Nesta relação em que a paciente se fazia de objeto causa do desejo de Jorge, ele gozava com seu inconsciente no “corpo perfeito, de boneca” de Luiza,

um corpo, perfeito, e sem vida, marcado pela linguagem do Outro. Dessa forma Jorge “desfilava” com seu falo reluzente.

Com a impossibilidade de completude e de satisfação narcísica, põe-se a divisão de Luiza a olhos nus, desvelando sua condição de faltante na relação com o Outro que também é faltante  $\bar{A}$ , pois também é barrado.

O **Sintoma**<sup>3</sup>, para psicanálise, não é algo que deva ser excluído, mas sim compreendido pelo sujeito. O sintoma é o momento em que há a invasão do simbólico no real, trazendo uma possibilidade de suplência de um nome, um Nome-do-pai, que possa tirar o ser da condição de objeto e transformá-lo em sujeito, que pela barra da falta constitutiva ele possa construir um novo dizer através de seu desejo.

Mas o sintoma também tem outra vertente além de nomear o real. Em uma linha tênue joga o sujeito no lugar do objeto, corpo que se faz objeto para si e para o Outro, como expresso a seguir, no discurso de Luiza:

***Eu era sua bonequinha. Ele tinha prazer em me apresentar aos seus amigos. Eu parecia seu troféu. Mas também eu tinha um corpo perfeito. Eu parecia uma “Barbie”.***

***EU FUI ENGANADA**, por anos.*

*Pensava que era algo para ele. Mas eu era um “**NADA**” para ele, nada.*

*Sem ele tomar uma decisão sobre qual futuro poderia ter nosso relacionamento, eu iniciei um processo de autodestruição. Sempre fui muito ansiosa. **Mas comecei a perder o controle sobre tudo**, principalmente **sobre meu corpo**. Eu fazia dietas com medicamentos, inibidor de apetite... mas eu sentia que iria enlouquecer: minha cabeça girava, girava, e nenhuma dieta resolvia. Nem da lua, da sopa, do diabo. Nada fazia eu continuar a ser uma boneca como eu era antes, quando ele fazia tudo para mim.*

*Eu comecei a ficar **insegura** quanto à minha capacidade **de ser uma advogada** capaz de exercer minha profissão. Eu ganhava dinheiro. Mas eu ele nada percebia. Ele desprezava todos os meus ganhos e só pensava na “Bosta” do concurso.*

O sintoma surge quando as fantasias de completude fracassam, e o real invade o imaginário, eclodindo-se a angústia. Dessa maneira, o sintoma é constitutivo de duas facetas: ser suplência, como também ser um gozo-Outro, repetindo-se em infinitude sua

---

<sup>3</sup> **Sintomas**: as partes dos discursos em negrito foram trabalhados em análise por intermédio das escanções realizados pela analista.

condição de objeto: “***Eu era sua bonequinha***”, “*Pensava que era algo para ele. Mas eu era um ‘NADA’ para ele, nada*”.

Busca-se, pelo sintoma, uma maneira de significar. E o que se encontra é o real, um corpo pulsional que insiste em satisfazer-se no gozo infinito:

*(...) mas comecei a perder o controle sobre tudo, principalmente sobre meu corpo, e comecei a engordar, engordar.*

*(...) nada fazia eu continuar a ser uma boneca como eu era antes, quando ele fazia tudo para mim.*

*Eu não conseguia cuidar de minha filha. Quem assumiu este papel foi minha tia e minha mãe. Assim eu me sentia péssima como mulher, mãe e profissional. Eu não sabia mais o que eu tinha me tornado.*

E conforme apontado por Soler (2005 p. 182):

O sintoma é a “maneira como cada um goza com seu inconsciente”, quando se trata de uma mulher, segue-se que ela empresta seu corpo para que, gozando com ela, o homem de fato goze com seu próprio inconsciente, e que, inversamente, é por esse gozar com o inconsciente que ele tem acesso ao gozo do corpo, que não é gozo Outro, mas gozo fálico.

*Eu me sinto péssima. Jorge paga para mim vários cursos preparatórios de concurso público, como também os melhores acompanhamentos médicos para eu emagrecer. **Sou realmente um fracasso.***

Um Outro que é sempre faltante,  $S(\bar{A})$ , “*Sem ele tomar uma decisão sobre qual futuro poderia ter nosso relacionamento, **sou realmente um fracasso**”, “**sou fracasso**”.*

Jorge era faltante no acordo fantasioso que Luiza tinha construído no seu enlace amoroso. A angústia eclodiu com faces de castração. E sem a fantasia de potência fálica, o amor “escorreu”, mostrando o pior de suas angústias. O abandono surge, o nada, o tropeço daquilo que cai do Outro, daquilo que Lacan (1972-1973/2008) chamou de real.

**A inibição** resulta da invasão do imaginário no simbólico. O sujeito é invadido por sentimentos negativos, e se paralisa. Na inibição se faz embaraço no sentido para o sujeito naquilo que o amarra.

Lacan articula a fantasia à questão da falta, pois é uma forma de conceber o objeto *a* causa do desejo, uma forma de ver o  $\bar{S}$ , sujeito barrado, e a relação que mantém entre si. A fantasia corresponde à posição do sujeito a respeito do desejo, como resposta à

demanda, dando significação à sua necessidade, que não é necessidade de objetos, mas necessidade da presença do Outro como Objeto de amor.

*Ele me bancava em tudo o que o dinheiro pudesse comprar. Mas nada de olhar para mim. Eu chamava sua atenção de diversas maneiras: engordava, emagrecia, chorava, me deprimia, entrava em dívidas altíssimas no crédito pessoal, cartão de crédito e empréstimos. Ele pagava tudo, e eu começava tudo novamente.*

A fantasia protege o sujeito frente à castração do Outro. A pergunta do Outro é o “*Che vuoi?*” (que queres?). E a resposta chega com uma pergunta: “o que você – Outro - quer de mim?”. Neste momento Luiza se oferece a si mesma como objeto do desejo do Outro por ela não ter o desejo independente da demanda do Jorge.

*Ele começou a me dar o céu. **Tentava descobrir meus desejos.** Mal eu pensava em algo que desejava, ele vinha e dava-me. E eu nem acreditava naquele sonho. Ele era um príncipe.*

*Eu era sua bonequinha. **Ele tinha prazer em me apresentar aos seus amigos. Eu parecia seu troféu. Mas também eu tinha um corpo perfeito. Eu parecia uma ‘Barbie’.***

*Meu quarto era meu universo de tudo que era bom. Eu não sabia o que era vida sem o quarto ou o Jorge.*

Estar sob o desejo de Jorge emprestava à Luiza as vestes fálicas que possibilitam ser objeto de causa de desejo para o Outro. A fantasia de Luiza entre “**Príncipe X Nada**” é resultado de que o Outro não conseguirá sustentar por muito tempo a sua alteridade enquanto o Um da exceção que não foi castrado. Dessa maneira, Jorge não conseguiu “cumprir” o desejo de Luiza (casar-se com ela), porque isso levaria diretamente aos percalços do real, difícil de suportar.

O que sobrou à Luiza e ao Jorge, neste contexto, de serem dois castrados, dois sujeitos mortos pela impossibilidade do simbólico de dizer de seu ser, foi viver a ilusão de completude, aceitar que no “sonho” é o momento de estar deitado, sem ação e re-ação. E o que sobra do corpo é devastação:

*Ele entrava e saía de minha casa na hora que ele desejava. Tinha passe livre. Quando eu tentava restringi-lo, minha tia, à escondida, liberava. Ele ficou dentro de minha casa como um intruso **por quatro anos.** E nestes anos eu pensava que ele iria voltar a me desejar, e tudo voltaria como era antes. Puro engano.*

*Fico apavorada em pensar em voltar para o Direito.*

De acordo com Brousse (2019, p. 17),

A devastação situaria o objeto no lugar do nome-do-pai. [...] Daí resultaria que a angústia é a outra face da devastação. [...] O sujeito, por não estar mais sustentado pelo objeto terceiro inscrito pelo Outro que ancorava seu gozo, tende a desaparecer, assim como seu desejo. “É objeto que eu quero”.

**Fim de análise:**

*“Descobri que ele está namorando outra mulher, AGORA ACABOU, em-fim”.*

A barra traz ao sujeito a possibilidade de desejar, saindo da condição de objeto: *“AGORA ACABOU, em-fim”*. Diante do espetáculo de destruição entre Luiza e Jorge, a Outra mulher barra com a alteridade a Luiza. E o que restou a esta foi admitir sua impotência frente ao desejo do Outro, o qual ela, como objeto, jamais saciará, descortinando a dialética da separação.

Durante o processo de análise, paciente era submetida às interversões e escanções realizadas pela sua analista, que cortava os deslizamentos imaginário que ela realizava na cadeia de significante – não metaforicamente, mas através de falas vazias, em busca de um gozo absoluto e infinito. As fantasias são construídas para dar às pulsões satisfação imediata, sem ter que experienciar a falta constitutiva.

A cada corte Luiza tinha que retroagir em seu discurso. O *toro* realizava voltas e voltas, em busca de um dizer que construísse novos significantes, novos enodamentos entre o real, o simbólico e o imaginário.

Foi penoso para a paciente perceber que ali-é-NADA, e que lhe tirava a possibilidade de desejar, de buscar um amor mais digno; que as trocas ocorrem entre dois sujeito faltantes; que as diferenças absolutas prevalecem; que dois jamais se farão Um; e a partilha entre pares ocorre, apenas, em fantasias, porque “A relação sexual não existe”(1972-1973/2008, p.155).

Segundo Lacan (1971-1972/2012), o amor é um caminho de poder trocar as faltas e conseguir suportá-las, em giros de sujeitos-objetos que se dialetizam entre si, pois: “amar é dar o que não se tem, aquele que não o quer isto”(p.49).

### 3.2 Caso 2: Elena<sup>4</sup>

#### Demanda inicial

Elena esteve em análise por dois anos (2014-2016). Em todo o período analítico o foco nodal de seu sofrimento girou em torno de uma amante com a qual Tomás teve um filho; que em períodos de “‘vacas gordas’ (fartura financeira), ele esbanjava seu dinheiro com ela e deixava sua família passando necessidades”.

E entre “pobreza e riqueza, traições e conciliações”, Elena e Tomás viveram por 15 anos. Procurar uma análise para Elena foi a maneira que eles encontraram para verem, localizarem o mal que os atingia. E assim se faziam a pergunta: “Onde Elena” estava errando? E dizia Tomás: “*Você está louca. Vai se tratar. Eu preciso de paz, sem as suas loucuras*” – afirmava ela à sua analista, a respeito do discurso cotidiano de Tomás. Então mencionava sobre o interesse de Tomás em que ela procurasse um tratamento psicológico: “*por isto ele estava pagando meu tratamento, porque quando eu me enfezo é merda para todos os lados*”.

Dessa maneira chega Elena ao consultório da sua analista, pedindo que lhe “ensinasse” um saber sobre como resolver o problema que estava destruindo seu relacionamento com o seu marido:

*Eu preciso aprender a lidar com meu marido. Ele foi diagnosticado com TOC (Transtorno obsessivo compulsivo- DSM-5), antes que nosso casamento acabe de vez.*

*Sua amante não sabe mais o que fazer. Por isto sobra para a mulher saber. Preciso que você me ajude. Eu não posso perder. Eu preciso de um milagre. Não posso perder o pai dos meus filhos.*

*Eu sou mãe de dois filhos deste homem. Mas eu ainda não sei se ele me ama ou me odeia. No início eu sabia. Mas depois de tudo que ele aprontou, já não sei mais.*

Toda linguagem solicita uma demanda ao Outro. Se há fala, há alteridade e demanda. Elena demanda à sua analista uma “solução” ao seu sofrimento. Entretanto, em

---

<sup>4</sup> O material clínico que está com aspas são fragmentos de discursos de Elena no período de análise (falas originais).

sua demanda inicial, ela lhe pede um milagre: “*Eu preciso que você me ajude. Eu não posso perder. Eu preciso de um milagre. Não posso perder o pai dos meus filhos*”.

É interessante observarmos um ponto nodal que circula em toda análise de Elena: “*eu não posso perder. Eu preciso de um milagre*”. Elena precisava de um milagre oferecido por Deus pai, “aquele que tudo pode e tudo realiza”. Suas fantasias criavam um mundo à parte de sua realidade limitante, em que seu marido não conseguia mais responder aos seus pedidos de salvação. Mas “Deus pai todo poderosos, que tudo pode” responderia aos seus apelos de infinitude.

O gozo feminino mantém-se limitado pelo falo, mas “não-todo”, razão pela qual a mulher, por não haver um significante no inconsciente que diga A mulher, necessita agarrar-se às insígnias paternas de maneira mais pregarante. Desse modo, “agarrar-se” a um homem, ao amor ou ser o *sinthoma* de seu homem faz com que ela possa “existir” na presença de um significante fálico que diga algo sobre ela. Um dizer do real que insiste em inscrever, de uma ex-sistência que é uma constante.

Elena conheceu Tomás quando tinha 17 anos. Ambos já sabiam da existência um do outro, por serem primos legítimos. Mas foi apenas nesta idade que se aproximaram. Período sobre o qual ela fala:

*Ele caiu aos meus pés. Ele fazia tudo para chamar minha atenção. Quis me conquistar a todo o custo. Eu achava ele feio e franzino. Não era meu tipo. Mas ele insistia, insistia.*

*Começou a me encher de mimos e atenção. Eu era muito esnobe, sabe. Já que era para ganhar algo, eu só queria o mais caro e da melhor marca. Ele comprava. Ele respirava o ar que eu respirava, limpava o chão que eu passava. Acho que ele se sentia inferior a mim, porque o bichinho era “feinho” mesmo. Eu me divertia com tudo isto. E aproveitava, é claro.*

Elena fala: “*o bichinho era feinho, franzino. E eu era virgem e linda. E eles caíam aos meus pés*”. Cabe aqui, nesta fala de Elena, trazermos Freud (1914-1916/2010), em *Introdução ao Narcisismo*, quando o autor fala sobre o amor narcísico, localizado na maneira de amar da mulher. De acordo com Freud:

Exibe a notória superestimação sexual, que provavelmente deriva do narcisismo original da criança, e corresponde assim a uma transposição do mesmo para o objeto sexual. De outro modo se configura o desenvolvimento no tipo mais frequente e provavelmente mais puro e genuíno de mulher. Com a puberdade, a maturação dos órgãos sexuais femininos até então latentes parece trazer um

aumento do narcisismo original, que não é propício à constituição de um regular amor objetual com superestimação sexual. Em particular quando se torna bela, produz-se na mulher uma autossuficiência que para ela compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha de objetos. A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelos homens. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto e serem amadas, e o homem que lhe agrada é o que preenche tal condição (Freud, 1914-1916/2010).

*Na época eu era virgem e linda. Os homens corriam atrás de mim. E eu podia escolher o que eu quisesse. Comecei a namorar um rapaz muito bonito, a qual fiquei grávida. Mas abortei o bebê. O rapaz desapareceu quando soube da gravidez. O Tomás estava ainda no meu pé, e eu me sentia frágil e temerosa do meu futuro. Até que comecei a dar uma chance a ele. Não tinha mais nada a perder.*

*Eu fiquei grávida de Tomás com 20 anos. Nos casamos com 21 anos. Tive um menino. Depois de cinco anos tive outro menino. Nos primeiros anos de nosso casamento tudo foi incrível: ele mostrava a mim e nosso filho para todos, como se nós fossemos seu maior troféu. Ele dizia “minha riqueza”.*

*Após a segunda gravidez, meu corpo não era mais perfeito, e Tomás não tinha mais atração por mim. Eu me tornei apenas a mãe de seus filhos e também a mãe dele. Foi o que me restou. O sexo não existia mais para mim. Achava que ele tinha nojo do meu corpo. Ele dizia que não sentia mais nada. E dizia ser por causa dos medicamentos. Mas com a outra ele trepava. E muito. E eu só limpava a sujeira dele, porque ele era todo limpinho.*

Para o homem, mãe, esposa e puta são significantes fálicos os quais ele utiliza, inconscientemente, para gozar e poder se fixar no todo fálico, o qual lhe oferece significantes que dizem o que é ser homem. É o que nos afirma Lacan no seguinte trecho: “Todo homem está submetido à ordem fálica” (1972-1973/2008, p. 87), ou seja, a lei da castração se impõe a todo seu gozo. Assim, os homens, totalmente submetidos à norma fálica, constituem um conjunto. No entanto, existe a particular negativa, “há pelo menos um que não está submetido à ordem fálica” (Lacan, 1972-1973/2008,p.87), o pai de *Totem e Tabu* (1912-1914/2008), o qual se mantém na escrita da lógica formal — “ao menos um”, o pai da horda que escapa à lei (particular negativa), sendo necessário que a lei valha para todos, pois para haver um conjunto é imprescindível: “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue” (Lacan, 1972-1973/2008, p.88). O falo está do lado do todo fálico, em que o infinito do gozo fálico é limitado pela existência do Um da exceção, o pai da horda primitiva.

*Ele me traía com várias mulheres. Mas sempre voltava para casa destruído, depois de noitadas de farras e orgias com mulheres, a qual ele gastava todo o dinheiro do mês, a ponto de nos deixar sem comida, eu e meus filhos. E eu aguentava a barra de tudo. Só eu mesmo para aguentar isso. Nesta época eu achava que eu que tinha feito tudo errado, por ter engordado e ficado feia.*

*A doença de Tomás ficava cada dia pior. Eu tentava emagrecer, e não conseguia. Não podia trabalhar, pois eu profissionalmente era nada. Eu nasci para ser mãe. E agora, como posso alimentar meus filhos se eu não sei fazer NADA?*

*Tudo desmoronava. E para piorar, Tomás arrumou uma amante fixa. Foi morar com ela no momento em que ele começou a ganhar muito dinheiro. Percebi que quando ele fracassava, ele voltava para casa. E quando “endinheirava”, ele saía de casa e só voltava quando tudo acabava, ou seja, acabava o dinheiro, o poder. Enquanto aqui tudo faltava, só sobrava para gastar com a amante.*

*Passei anos e anos odiando esta amante, que eu imaginava que era culpada de nosso casamento ter ido para a ruína, pois ele dizia, quando chegava em casa todo fudido: “Sou fraco, Elena. Ela me enfeitiça”. E eu acreditava, e andava em todas as igrejas fazendo promessas para Jesus trazê-lo de volta bonzinho como era antes da pilantra enfeitiçá-lo. Eu dizia sempre: “Para Deus nada é impossível. Ele tudo pode”.*

A mulher está inserida no gozo fálico, mas não só. Para ela há Outro gozo, Outro com O maiúsculo, que quer dizer infinito. Um gozo não-todo fálico que pode levá-la à condição de objeto e aniquilamento como sujeito.

Mas, o ser, é o gozo do corpo como tal, quer dizer, como assexuado, pois o que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, esse único Um que nos interessa, o Um da relação sexual. [...] para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico – eu disse *dito* –, o sexo corporal, o sexo da mulher, eu disse *da mulher*, embora justamente não exista *a mulher*, a mulher *não-toda* – o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por *intermé* (Lacan, 1972-1973/2008, p. 14).

*Ele ficou vivendo tempos bons com a amante, tempos ruins comigo por vários anos. Eu não sabia por que eu o aceitava de volta. Mas eu imaginava que tudo iria voltar como era antes. Mas não acontecia: nosso casamento vivia “na pobreza e na riqueza, até que a morte nos separe”. E eu acreditava no juramento da Igreja. E por isto não me separava dele. Às vezes, brigávamos tanto, que eu o agredia. Mas permanecíamos grudados, engessados mutuamente. Eu era uma fera, uma louca. Às vezes, ele tinha medo de mim.*

*Nos períodos em que ele estava cheio de dinheiro, quando ele saía para farra, eu ficava morta em cima de uma cama, pedindo a Deus, em jejum extremo, para trazer o Tomás de volta, e que um milagre acontecesse. O milagre não acontecia. E eu esquecia de mim e de meus filhos.*

Na fórmula da sexuação, Lacan, (1972-1973/2008) refere-se ao falo não apenas como significante que possibilita as identificações fálicas:  $f(x)$ , ou tão somente como atributo do tipo: “sou um homem porque tenho um falo”, ou “sou uma mulher porque sou o falo”. Não é por esta via que Lacan trabalhou na fórmula da sexuação. Mas se trata de uma função relativa à divisão recorrente à castração, ou seja, uma função relativa ao gozo, uma extração do gozo do corpo por meios de significantes fálicos e do objeto  $a$ , localizado fora do corpo.

A angústia na mulher pode ser mais intensa devido a ela estar mais exposta ao desejo do Outro, sem poder oferecer o objeto fálico, como o homem que detém o pênis no encontro sexual. Assim, a mulher busca nos semblantes fálicos uma maneira de fascinação. Semblantes como: lingerie, joias, vestidos, ou seja, véus do imaginário e do simbólico, adereços que promovem os significantes que constroem os semblantes femininos, para que possa suportar o real duro de encarar e de ex-sistir como mulher.

*Eu cresci vendo minha mãe amar loucamente meu pai. Ela amava um homem que deu a ela três filhos e que vivia viajando, pois era um “caixeiro-viajante”. Vendia roupas e adereços nas cidades vizinhas.*

*Minha mãe sabia dos casos extraconjugais de meu pai. Mas dizia ela: “Ele sempre volta para casa, pois ele sabe aonde está sua família”.*

*Na minha adolescência eu me revoltei com minha mãe. Não entendia o porquê ele não acabava com aquele abuso. E eu a achava fraca, fracassada, em um casamento de Nada.*

*Seguia ela vivendo às sombras de meu pai, mesmo tendo uma profissão e trabalhar igual uma doida para sustentar a gente.*

*Ele sim era a vida de nossa casa. Minha mãe vivia morta em cima de uma cama, quando não estava trabalhando e quando meu pai desaparecia, e sobrava para nós, e não sabíamos o que fazer para animá-la. Depois, no meu casamento, eu me vi igual à minha mãe: quando o Tomás desaparecia, eu morria em cima de uma cama.*

*Eu amava meu pai. Nenhum de nós conseguíamos ter raiva dele. Quando ele chegava em casa era nossa maior alegria. Ele trazia presentes para todos nós.*

*Hoje minha mãe cuida de meu pai. Ele não sai mais de casa, pois está doente. E vejo que isto a deixa feliz, pois desta forma ele é somente dela, no que ela sempre dizia: “Para sempre, até que a morte nos separe!”.*

*Sinto a dor de minha mãe. Sinto ela em mim.*

Os litorais de um indizível impossibilitam a separação entre o eu-Outro, interno-externo, mãe-filha, ou seja, uma devastação que impossibilita a separação entre mãe-filha, o que é da filha e o que é da mãe.

Observamos nestes discursos, em que Elena diz sobre sua relação com a mãe, dificuldades em separar suas escolhas das escolhas de sua mãe: “*sinto a dor de minha mãe. Sinto ela em mim*”.

A predominância de uma dupla ausência da mãe, afirma Colette Soler:

O desejo feminino cria a ausência da mãe. Ausência a ser simbolizada, mas ausência muito necessária, porque descortina a dialética da separação. Na medida em que é mulher, a mãe não é toda e seu filho não a satura (2005, p. 100).

No circuito de ser o falo, revestir-se de semblantes fálicos e inexistência, caminham mãe e filha por momentos “entre” existir como mãe absoluta e inexistir como mulher. Nesta re-laço-ao mãe-filha deslizam significantes: imperiosa, possessiva, obscena, indiferente, fria e mortífera, presente demais ou ausente demais, atenta demais ou distraída demais, preocupada ou negligente, ou seja, a mãe, para a filha, é a imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. Segundo Lacan (1972-1973/2008), as “falhas” da mãe têm lugar preciso e certo, chegando até a “devastação”.

Elena e sua mãe eram o sintoma de seus homens.

O sintoma é a “maneira como cada um goza com seu inconsciente”, quando se trata de uma mulher, segue-se que ela empresta seu corpo para que, gozando com ela, o homem de fato goze com seu próprio inconsciente, e que, inversamente, é por esse gozar com o inconsciente que ele tem acesso ao gozo do corpo, que não é gozo Outro, mas gozo fálico (Soler, 2005, p. 182).

O saber inconsciente – o simbólico – que vem tentar preencher a falta de saber instintual em nossa espécie, apresenta um ponto de não-saber – real – em torno do qual toda a estrutura orbita: trata-se, precisamente, da diferença sexual que se recusa ao saber. Embora o inconsciente seja um saber que vem tentar preencher a falha instintual, não a preenche completamente: em termos freudianos, resta sempre a *não inscrição da diferença sexual* (Jorge, 1964/2010, p. 65).

*Entre vários altos e baixo, vivíamos entre promessas e delírios de grandeza, até que ele foi para outra cidade trabalhar, e começou a ganhar dinheiro de novo.*

*Nesta época eu disse que se ele viesse “quebrado”, eu não o receberia mais em minha casa.*

*Ele ganhava muito dinheiro com negócios errados, e escondia de mim. No início ele vinha no fim de semana visitar sua família e nossos filhos. Depois desapareceu. Foi quando soube que estava para casar com outra mulher. E assim queria se separar de mim. Eu aceitei. Mas ele nem concretizava a separação nem casava com a noiva.*

*Suas mentiras e trapaças começaram a ser descobertas, e ele começou a procurar nosso filho mais velho para ajudá-lo, pois ele sabia que eu estava em análise, que ele pagava para eu ficar mais calma e sair de seus calcanhares. E saiu, a ponto dele não ter coragem de me procurar.*

*Ele enlouquecia meu filho com exigência de um desesperado. Mas meu filho, um adolescente, não conseguiu segurar a barra pesada do pai, como eu fazia. Eu comecei a ficar muito preocupada, mas não fiz nada.*

As fantasias de “faturas financeiras” e poder fálico de Tomás não conseguiram se sustentar. E o real, que aponta a castração e a angústia, se revelou entre Elena e Tomás como uma barra de separação, consoante o afirmado por Lacan (1972-1973/2008): que não há Outro do Outro; e a castração marca todo ser vivo.

Como dizer do falo diante da castração? O falo é um significante que antecede o pênis e o clitóris, porque é um significante que vem simbolizar a incompletude do Outro, vivido inicialmente por intermédio da presença *versus* ausência do Outro primordial, de um ir e vir da mãe, descrito por Freud (1914-1915/2010) como *fort-da*, um jogo de carretel de seu neto, ao simbolizar a ausência e a presença materna.

E quando o sujeito é inserido na linguagem do Outro, ao vivenciar algo que lhe barra como um nome, um Nome-do-pai, um terceiro que movimenta o sujeito do imaginário para o simbólico,  $S1 \rightarrow S2$ , faz algo cair como resto, não possível de simbolizar, *-phi*. Com *isso*, o sujeito da linguagem estará sempre diante daquilo que falta ao Outro, uma falta inconsciente.

É a percepção da castração no Outro que dá ao sujeito a realização de sua própria castração, de uma falta fálica, desempenhada pelo ter ou não ter o genital masculino.

O falo simboliza a falta que constitui o sujeito do inconsciente, recobrindo-a de sentido fálico sobre as diferenças anatômicas entre os sexos, a diferença sexual sem representação psíquica.

Para sustentar seu desejo, ainda é preciso que, a cada vez, ele peça ajuda de uma coisa que se apresenta numa posição terceira em sua relação com o desejo do

Outro. É aí que ele se situa para que seja suportável a relação aspirante, evanescente, do  $\$$  diante do  $a$ . [...] O desejo se distingue de todas as demandas pelo fato de ser uma demanda submetida à lei. [...] a saber, a chamada lei da aliança e do parentesco. [...] E é nesse nível que vemos aparecer a significação fundamental do falo. O falo é, fundamentalmente, o sujeito enquanto objeto do desejo sexual, objeto este submetido ao que chamaremos de lei da fecundidade. [...], na medida em que ela regula o desejo atando-a a uma lei (Lacan, 1958-1959/2016, pp. 459-460).

*Foi quando Tomás desabou. Ele colocou um terno muito bem cortado, como ele sempre fazia, e dizia: “Eu gosto da riqueza, e você da pobreza”; passou um perfume caríssimo, colocou seu relógio Rolex e se atirou de um prédio de cinco andares. Ele tirou sua própria vida, pois não tinha mais a mim para segurá-lo.*

*Eu me sinto culpada pela morte de Tomás.*

Elena precisou interromper o processo de análise devido a não haver mais condições de cumprir financeiramente com os custos de suas sessões. Dessa forma, após a morte de Tomás, ela precisou reavaliar seus limites diante da falta financeira que estava experimentando, verificando aquilo que seria possível, de imediato, e o que precisava ser adiado para outro momento, em que ela pudesse, gradativamente, ter condições de satisfação consigo e com o Outro.

### 3.2.1 Análise do caso clínico Elena

O gozo feminino mantém-se limitado pelo falo, mas não-todo, ou seja, a mulher transborda ao todo fálico, levando-a a um gozo contíguo e infinito, um gozo sem limites, revelado pela forclusão do significante Nome-do-pai, des-velando a angústia da mulher de ser abandonada.

Enquanto o homem sofre da angústia da castração, a mulher teme a separação, naquilo que a faz sentir-se abandonada, largada, como um resto que cai do Outro, sendo ela mesma o objeto perdido que cai do Outro.

Ser mulher é transitar num “entre” ser. De um lado, um objeto fálico reluzente para o homem, que satisfaça o Outro; e de outro lado, tamponar a nudez do objeto  $a$ , *habitat* da angústia, do gozo mortífero, do des-amparo.

Elena buscava manter desesperadamente os significantes fálicos: esposa e mãe, os quais diziam sobre seu valor como mulher e seu valor como objeto causa de desejo para

o homem. Portanto, abrir mão deste lugar fálico era da ordem do insuportável para a paciente. Então ela estava disposta a qualquer sacrifício que lhe desse um saber ou que fosse merecedora do milagre tanto desejado: “**fazer Tomás ser apenas dela e de seus filhos. A família em primeiro lugar**”.

Lacan(1972-1973/2008, p.14) manejou em seu aforismo quando disse: “A mulher não existe” no todo fálico, embora ela transite “entre” significantes fálcos. A exemplo: “*Na época eu era virgem e linda*”, significantes que empoderam a mulher, por possuir aquilo que é de valor ao todo fálico, ao qual a mulher busca agarrar-se, representado na busca por agarrar-se às insígnias paternas, ao homem, ao amor, de maneiras mais pregnantas, para que algo possa dizer sobre si própria.

*Nos primeiros anos de nosso casamento tudo foi incrível. Ele mostrava a mim e nosso filho para todos, como se nós fossemos seu maior troféu. Ele dizia “minha riqueza”.*

**Sintoma** → Simbólico invade o real. Elena encontrou no casamento e na maternidade aquilo que pudesse dar ao sujeito do inconsciente, ao sujeito do desejo, o objeto perdido, um objeto-causa de desejo. Dessa forma, ser esposa e mãe, fantasias de completude, lhe possibilitava ter um nome, um véil, uma máscara à sua inexistência, um *falasser*, como também um modo de gozo, todo ou não-todo, um corpo vivo afetado pela linguagem do Outro. Com isso Elena fez de um juramento matrimonial sua sentença de um gozo infinito, porém mortífero:

*Nosso casamento vivia “na pobreza e na riqueza, até que a morte nos separe”. E eu acreditava no juramento da Igreja. E por isto não me separava dele. Às vezes, brigávamos tanto que eu o agredia. Mas permanecíamos **grudados, engessados mutuamente**.*

*Hoje minha mãe cuida de meu pai. Ele não sai mais de casa, pois está doente. E vejo que isto a deixa feliz, pois desta forma ele é somente dela, no que ela sempre dizia: “Para sempre, até que a morte nos separe”.*

A **inibição** resulta da invasão do imaginário no simbólico, fazendo embaraço no sentido para o sujeito, naquilo que o amarra, no que é gozo de um corpo marcado pelo Outro, mas também um eco como condição do aparecimento do vazio do sujeito inconsciente, ao qual falta um significante que diga sobre o mistério da diferença sexual “O real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente [...]”(p.174) o gozo do

corpo-a-corpo tem a causa no próprio significante que se situa no nível da substância gozante”(p. 182) (Soler, 2005).

*Após a segunda gravidez, meu corpo não era mais perfeito, e Tomás não tinha mais atração por mim. Eu me tornei apenas a mãe de seus filhos e também a mãe dele. Foi o que me restou. O sexo não existia mais para mim. Achava que ele tinha nojo do meu corpo. Ele dizia que não sentia mais nada. E dizia ser por causa dos medicamentos. Mas com a outra ele trepava. E muito. E eu só limpava a sujeira dele, porque ele era todo limpinho.*

*Ele me traía com várias mulheres, mas sempre voltava para casa, depois de noitadas de farras e orgias com mulheres, a qual ele gastava todo o dinheiro do mês, a ponto de nos deixar sem comida, eu e meus filhos. E eu aguentava a barra de tudo. Só eu mesmo para aguentar isso. Nesta época eu achava que eu que tinha feito tudo errado, por ter engordado e ficado feia.*

### **Desejo → Fantasia**

O desejo do homem é o desejo do Outro. “Quando se olha mais de perto, vêem-se as devastações. O gozo do corpo do Outro demanda... *mais...ainda. Mais, ainda*, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor” (Lacan, 1972-1973/2008, pp. 12-13).

As fantasias de Elena de ser o falo, ser um objeto reluzente, causa de desejo de Tomás, desmoronaram, despedaçaram, um corpo que não preenchia mais as condições fálicas de poder e valor. Assim, “*eu aguentava a barra. Só eu mesmo para aguentar isso*”, na “riqueza ou na pobreza → bela ou fera”: “*Na época eu era virgem e linda*” → “*depois: Eu era uma fera, uma louca. Às vezes, ele tinha medo de mim*”.

O a-muro são signos bizarros no corpo: “Bela ou Fera”, uma tensão na tentativa de completude de fazer Um, que só se aguenta pela essência de um significante, de um sintoma. Mas há uma hiância entre o Um e o ser. No gozo Outro, sem significante, em que o real invade o simbólico, surge a **Angústia** de Elena de seu ser: “*eu não sei fazer NADA*”.

Entre gozo fálico e gozo Outro, do **NADA**, Elena se “**sustentava**” através de fantasias míticas de Um pai que tudo podia e que fazia milagres:

*Passei anos e anos odiando esta amante, que eu imaginava que era culpada de nosso casamento ter ido para a ruína, pois ele dizia, quando chegava em casa todo fudido: “Sou fraco, Elena. Ela me enfeitiça”. E eu acreditava, e andava em todas as igrejas fazendo promessas para Jesus trazê-lo de volta bonzinho, como*

*era antes da pilantra enfeitiçá-lo. Eu dizia sempre: “Para Deus nada é impossível. Ele tudo pode”.*

“O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação dos quem? – dois sexos” (Lacan, 1972-1973/2008, pp. 12-13).

Não há Um nem Dois. O que existe para suportar um real que insiste de se inscrever são fantasias. A de Elena girava em torno de um milagre divino, “*em que tudo voltaria a ser como antes*”:

*Ele ficou vivendo, tempos bons com a amante, tempos ruins comigo por vários anos. Eu não sabia por que eu o aceitava de volta. Mas eu imaginava que tudo iria voltar como era antes. Mas não acontecia: nosso casamento vivia “na pobreza e na riqueza, até que a morte nos separe”. E eu acreditava no juramento da Igreja. E por isto não me separava dele.*

***Para Deus nada é impossível. Ele tudo pode.***

O Outro, que impõe restrições a um corpo pulsional que quer ser Um. Mas o que sobra é a castração.

A “**miséria**” → **Mis-séria** → **a-castração**, de Mis-bela à mis-séria, separou Elena de Tomás, e ela se dobrou a um “pacto” mortal do gozo Outro: ficar na cama morta, como a mãe, na espera do UM da salvação.

Mas a ausência e morte de Tomás trouxe o Outro como também barrado. Agora não era apenas ela que era castrada. Tomás estava morto, mas sua família ainda existia. E era agora responsabilidade dela se manter viva.

“**Até que a morte nos separe**”: a morte é o momento da total ausência do duplo sentido. A morte é a única certeza absoluta do ser humano. A morte tira do sujeito a capacidade de prosseguir desejando, mas revela um buraco na possibilidade de morte x vida.

Lacan,(1972-1973) diz do corte do simbólico, quando menciona a morte, o buraco com possibilidade de vida, daquilo que ex-siste, buscando prosseguir em outras direções, um corpo vivo que pode continuar pulsando a partir da morte, porque, para o autor, toda pulsão é pulsão de morte.

***Eu me sinto culpada pela morte de Tomás.***

Dizia Lacan que a única coisa da qual se pode ser culpado, pelo menos numa perspectiva da psicanálise, é de ter cedido ao seu desejo (Lacan, 1959-1960/2008). Isso quer dizer que: “somos responsáveis pelo que desejamos, mesmo que este desejo seja inconsciente? Isso significa que dizer que o inconsciente faz parte de nós e que, talvez, ele seja mesmo a nossa própria essência, nosso ser ou nosso não-ser” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 385).

Elena buscou, durante muito tempo de sua análise, respostas às perguntas sobre “*No que eu errei? Como posso salvar meu casamento? Como entender a doença de Tomás? Por que ele não fica comigo? O que eu preciso fazer para mudar isto, para ele voltar a ser como antes?*”

Por muito tempo Elena esperou um milagre divino que pudesse resolver aquilo que ela não conseguia responder. Mas a resposta do divino não chegava, e ela precisou se haver com todas as suas questões. Seus discursos giravam em demandar, no que “amar se conjuga no demandar dentro da dimensão simbólica, *Che vuoi?*,--  $\$ \diamond D$ , em oferecer-se como objeto faltante ao Outro, um amor que ocupa, preocupa, faz gozar um gozo perigo” (Lacan, 1958-1959/1999).

A demanda figura nesse nível na medida em que, para além do que ela exige quanto à satisfação da necessidade, ela se propõe como essa demanda de amor que institui o Outro a quem ela se endereça como aquele que pode estar presente ou ausente. É assim que a demanda, seja oral ou anal, adquire aqui uma função metafórica e se torna símbolo da relação com o Outro).

*Eu ficava morta em cima de uma cama, pedindo a Deus, em jejum extremo, para trazer o Tomás de volta, e que um milagre acontecesse. O milagre não acontecia. E eu esquecia de mim e de meus filhos.*

*Foi quando Tomás desabou. Ele colocou um terno muito bem cortado, como ele sempre fazia e dizia: “Eu gosto da riqueza, e você da pobreza”; passou um perfume caríssimo, colocou seu relógio Rolex e se atirou de um prédio de cinco andares. Ele tirou sua própria vida, pois não tinha mais a mim para segurá-lo.*

*Sinto a dor de minha mãe. Sinto ela em mim.*

O amor lacaniano apõe conceitos freudianos de um ser que detém o falo e outro que não detém: “*Eu gosto da riqueza, e você da pobreza*”. Lacan diz do sujeito da falta. Uma falta que na neurose é falada. Uma fala que diz de seu próprio vazio, sendo um

sujeito da linguagem, no qual se manifesta o desejo, ou seja, desejar é estar marcado pela falta, que barra o sujeito e denuncia sua própria insuficiência, sua impotência em ter que manter o Outro satisfeito através da demanda: ***“passou um perfume caríssimo, colocou seu relógio Rolex e se atirou de um prédio de cinco andares. Ele tirou sua própria vida, pois não tinha mais a mim para segurá-lo”***.

Em vários momentos da análise Elena deparava-se com sua insuficiência frente ao Outro. Mas ela nada queria saber disso, enquanto impossibilidade, um falta-a-ser. E utilizava de fantasias de completude para saber como ser o objeto que ela supunha que Tomás desejava. E ela o precisava ser, mantendo-se como “presa” do imaginário que invadia o simbólico.

*“Desidero ergo sum”* (“Desejo logo existo”) é o cogito freudiano. Lacan (1958-1959/2016), relendo Freud, afirma que o sujeito está no pensamento como ausente, como pensamento barrado. “Lá onde penso eu não estou, eu não sou” (Quinet, 2003, p. 12).

A falta de um “milagre”, a falta de um objeto que pudesse manter Tomás preso à Elena indicava sua insuficiência, sua falta, sua castração, sua miséria. Mas foi pela falta que ela voltou a desejar dentro de um corpo vivo que tinha de prosseguir. E entre movimentos de construção e desconstrução dos registros borromeanos (Real, Simbólico, Imaginário), nos quais enodar e des-nodar é o próprio movimento da vida com a morte, ela começava a entender o amor digno do qual ela poderia experimentar.

Pois “Amar é dar o que não se tem”(1960-1961/2010, p.49), ou seja, tem-se a falta a ser oferecida ao Outro, que também é um sujeito faltante, mas que é “Alguém que não quer saber disto”( 1971-1972/2012, p.163), porque a falta do outro denuncia a própria castração do sujeito, que não quer saber disto

Um amor digno ou verdadeiro, segundo Lacan (1971-1972/2012, p. 134), é o amor de transferência, marcado pela falta estruturante, em que dois não fazem UM nem DOIS. O que existe são as voltas entre Real, Simbólico e Imaginário, em tentativas de sustentação, de um-a-um, continuar ex-sistindo na falta, na castração, no feminino.

## CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS

Pensar, atender, escutar a clínica do feminino sempre nos causa desejos de prosseguir em novos caminhos que perpassam a compreensão da singularidade, uma-a-uma, de cada mulher marcada por agressões e subjugações do que é ser uma mulher. Ao longo da história as mulheres foram consideradas seres acéfalos, bruxas, loucas e históricas. Nomes utilizados por um sistema que pouco desejava saber sobre a diferença sexual, assim como as implicações psíquicas recorrente destas diferenças.

Ao longo de muitos anos acolhemos no nosso divã não apenas mulheres, mas corpos femininos, falas singulares construídas e desconstruídas pelo tempo lógico de cada sujeito do inconsciente. Um inconsciente regido por leis de um simbólico que invade um imaginário com nomes que pouco representam o ser vivo que pulsa.

E entre nomes e pareceres caminham mulheres de culturas e relações de parentesco de diferentes ordens e leis reguladoras, que dizem sobre o que é ser uma mulher, o que vestir, falar, comer e amar. E entre enxurradas de nomes, a mulher ex-siste ao universo dito de homens. Um universo que, por séculos, teve prerrogativas de considerar o significante “homens” não como sinônimos de humanos, mas de masculinidade.

Viver com a “pele” do Outro sempre foi um lugar escolhido para a mulher. Não apenas por ser um sujeito da linguagem do Outro, mas também como objeto para satisfazer o grande Outro, que exige dela que seja causa de desejos e *sinthoma* do homem que ama, sem dar mostrar a este homem sua singular castração e vazio ex-sistencial.

Difícil tarefa é esta a de ser uma mulher. Entre castrada versus fálica, caminha uma mulher na condição de ter que existir como “A” mulher que inexiste, buscando uma existência nos significantes “de mãe”, “esposa”, “*sex-symbol*”, “advogada”, “doutora”, “psicanalista”..., entre muitos nomes, necessitando mediar sua própria angústia e temor do abandono, de ser um resto que cai do Outro, e por ter que utilizar de significantes fálicos que pouco a representam na sua inexistência.

Iniciamos nossa investigação buscando um ponto nodal de compreensão de uma mulher na sua relação com o Outro, na condição de amar x des-amar, considerando o processo de subjetivação do sujeito naquilo que Lacan chamou em seu ensino de “alienação e separação”.

Na tentativa de escolher um amor digno, o qual Lacan chamou de “amor feito um ‘Dom’”, caminham seres marcados pela linguagem do Outro, que marca o ser com uma barra, que castra e limita, tira-o da ilusão imaginária e consagra como sujeito da falta e do desejo.

No entanto, a linguagem é um muro para as relações, o “Amuro” que Lacan, (1971-1972/2012) convoca para dizer da dificuldade dos seres falantes em expressar, pela fala, aquilo que afeta seu ser. Assim, buscam vestes, semblantes, pareceres que possam dizer sobre seu ser.

Embora com todos os obstáculos experienciados pelo ser vivente da linguagem, procuramos fazer desta pesquisa uma maneira de suturar o ensino de Freud a Lacan a partir dos discursos de dois casos clínicos: Luiza e Elena, duas mulheres que amam, desamam, gozam e sofrem psiquicamente por terem que com-viver com seus vazios existenciais e um possi-vél semblante que possa dar corpo a um dizer daquilo que é amar no feminino.

Tivemos como ponto de partida um problema de pesquisa a ser respondido em nossa investigação: É possível à mulher amar e ser amada além do amor narcísico, amar entre dois sujeitos da falta, desprovido de completude e simetria?

Todo sujeito da fala carrega a alteridade de um discurso. E todo sujeito demanda amor ao falar, porque onde existe demanda existe um pedido e um desejo de ser desejado e amado pelo Outro. Esta é a condição do sujeito: demandar amar ao Outro, sabendo que, ao demandar algo ao Outro, encontra-se um objeto; e ao desejar, encontra-se o vazio, pois desejamos apenas o que nos falta. Dessa forma, é mais “fácil” demandar do que desejar, mesmo que o objeto da demanda nunca consiga satisfazer o desejo inconsciente do ser que pulsa por satisfações imediatas, sendo estas, como vimos nos casos Luiza e Elena, muitas vezes satisfeitas através do sofrimento, e não pelo amor.

A psicanálise de Freud e Lacan fala sobre estruturas psíquicas que são, na realidade, estruturas de linguagem utilizadas pelo sujeito para poder com-viver com sua falta estrutural. Uma falta inconsciente, de algo que possa “completar” o sujeito que foi barrado pelo Outro, desvelando sua fratura narcísica e todo sofrimento de ter ou ser um objeto para ser amado.

E neste ter deslizam-se seus desejos inconsciente, em busca da “Coisa” freudiana, objeto para sempre perdido ou o objeto *a*, “um” objeto causador de desejos e de voltas e voltas em busca de um saber sobre o insuportável do vazio.

Os neuróticos buscam nos ideais identificatórios uma maneira de fortalecerem seu ego e lhe dar integridade de sua posição com relação ao outro. No entanto, o que ocorre, muitas vezes, é que a estrutura dos neuróticos se apega a ideais de alcances impossíveis frente à realidade de cada sujeito. Com isso, as fantasias são construídas de maneira a sustentar o sujeito diante do insuportável do real.

A neurose apresenta-se de muitas maneiras na clínica: em sintomas histéricos e obsessivos, que, muitas vezes, se confundem entre eles. Mas há, em contraste com a psicose, seja obsessiva ou histérica, que implica da “instalação da função paterna”, uma assimilação necessária à uma estrutura essencial da linguagem.

Na neurose há a primazia das dúvidas com relação às certezas. Uma inibição considerável das pulsões, ficando o ato comprometido.

A neurótica faz das suas fantasias uma maneira de encontrar mais prazer do que no contato sexual. Mecanismo de recalçamento em contraste em relação à forclusão.

A neurótica recalca, ou seja, inibe seus desejos e pouco sabe deles, os quais abrigam, no inconsciente, todo o material psíquico contingente e insuportável. Desse modo, elas vivem entre aquilo que pode saber e aquilo que não pode saber, pois não é o permitido devido ao regimento da lei do Outro.

Todas as fantasias neuróticas são de completude. E a fantasia fundamental do neurótico histérico envolve a posição do sujeito em relação à demanda do Outro, e não em relação ao desejo do Outro.

Nos estudos de caso de Luiza e de Elena observamos que estas duas mulheres construíram fantasias, nas quais precisavam ser o falo reluzente: “*Eu era linda. Os homens corriam atrás de mim*”, dizia Elena; ou “*Eu era sua bonequinha*”, dizia Luiza. Elas buscavam ser o falo para agradar às demandas do Outro. E transformaram o desejo de seus companheiros numa demanda. Uma demanda endereçada ao sujeito que dá nomes ao objeto os quais elas se tornam, sem considerarem que o desejo é ausência de objeto.

Nesta ausência de objeto, estas mulheres movimentavam, incessantemente, em busca de oferecer um “corpo perfeito” aos seus amados, na intenção de ser objeto do desejo do Outro e que tudo ficasse “*como era antes*”. Mas nada ficava. E elas sofriam na tentativa de o serem o falo para terem o falo.

As neuróticas previnem-se da angústia associada ao desejo do Outro, incentivando, seduzindo ou forçando o Outro a fazer demandas: *Che vuoi?*, -- S D. E sobre isso, Luiza buscava em Jorge aquele que demanda:

*Ele me deixa louca com as suas imposições. Dizia que sem eu passar no concurso, ele não casa comigo. Eu não consigo passar. Agora ele me pressiona com estas cobranças, como exigindo que eu emagreça. Eu me sinto um fracasso com meu corpo e com a minha profissão.*

*mas comecei a perder o controle sobre tudo, principalmente sobre meu corpo. E comecei a engordar, engordar. E fazia dietas com medicamentos, inibidor de apetite... mas eu sentia que iria enlouquecer: minha cabeça girava, girava, e nenhuma dieta resolvia. Nem da lua, da sopa, do diabo. Nada fazia eu continuar a ser uma boneca como eu era antes, quando ele fazia tudo para mim.*

Era da ordem do insuportável para Luiza perceber que não conseguia ser, para sempre, um objeto fálico para Jorge. E sofria por não aceitar a falta no Outro, sua insatisfação e sua incompletude, sem ter o que oferecer como objeto às demandas do Outro.

Esse ponto também foi observado no discurso de Elena, quando:

*Ele me traía com várias mulheres. Mas sempre voltava para casa, destruído, depois de noitadas de farras e orgias com mulheres, a qual ele gastava todo o dinheiro do mês, a ponto de nos deixar sem comida, eu e meus filhos. E eu aguentava a barra de tudo. Só eu mesmo para aguentar isso. Nesta época eu achava que eu que tinha feito tudo errado, por ter engordado e ficado feia.*

Elena e Luiza se posicionam em relação à separação com o objeto perdido, do qual elas não podiam abrir mão, embora sofrendo numa relação mortífera e se fazendo de objeto para o Outro gozar.

Assim, na neurose não há separação do Outro como um objeto erótico de que se tem de abrir mão, mas em relação ao objeto que não mais preenche a falta do Outro, pois ela não quer abrir mão nem mesmo do sofrimento. **“Eu não quero perder. Não posso perder. Como salvo meu casamento”**, dizia Elena.

Assim caminharam Luiza e Elena nas suas relações amorosas. Percebiam elas a falta de seus parceiros e suas insatisfações com seus corpos reais, não mais de **“boneca”**, nem de **“troféu”**. Suas perguntas giravam em torno da falta, as quais se poderiam interpretar em questões como: “Eu tenho ou sou o significante fálico?”; Batalhas entre questões conflitantes no que o Outro desejava delas, do que elas precisavam ser, que objeto?, “Ser homem ou ser mulher?”; “O que o Outro quer?. Entre súplicas ao Outro para que ele demande, “mais, ainda”, para que elas pudessem saber se deviam “ser ou ter”

o falo, enquanto seus desejos ficavam na ordem do não-sabido, inconsciente e do insatisfeito.

Em análise foi possível observarmos um gozo manifestado na oralidade via fala, uma satisfação em dizer de seu sofrimento quanto à insatisfação do Outro, ou seja, falar e salientar a falta no Outro possibilitava, em fantasias de completude, uma chance de “ainda” conseguirem ser o objeto do desejo do Outro.

Elas certificam-se do gozo de se manter em falta com o Outro, de estar insatisfeita com sua posição frente ao Outro, para poder, “ainda mais e mais”, ser causa de desejos, pois caso seus desejos fossem satisfeitos não manifestariam a falta no Outro, e assim perderiam o valor primordial de ser um objeto para seus amados. Dessa forma, viviam entre enxurradas de lamúrias e gozo.

Vale considerarmos que para o homem, a mãe é, e sempre será, o objeto de seu desejo. A castração não interdita o desejo pela mãe. Apenas o ato. Desse modo, o desejo é deslocado para a mulher. Mas para que o homem possa se relacionar com este desejo sexual sem cometer incesto e infringir as proibições do pai, ele divide o corpo da mulher em pedaços, sendo tão comum a predileção dos homens por bunda, peito, boca, pés... e por aí seguem as listas de predileções.

É insuportável para o homem ver uma mulher inteira, porque a inteireza da mulher transborda além, muito mais além do falo. A mulher atinge um gozo Outro incompreensível para o homem. O que excita um homem não são os pedaços, as postas de mãe, mas um arsenal de semblantes, roupinhas, retalhos que recobrem o corpo da mulher. Lacan, (1957-1958/1999) observou isso ao analisar o caso do pequeno Hans (Freud, 1906-1909). Homens gostam mais de calcinhas do que de genitálias. As mulheres sabem disso. E pelos semblantes elas “fingam” os homens com seus adereços, subterfúgios e bugigangas fálicas.

Ainda bem que “A” mulher não existe, pois não cabe as mulheres a sustentação fálica do homem, e muito menos, salvarem-nos da castração constitutiva do sujeito da linguagem do Outro.

Nos dois casos clínicos analisados nesta pesquisa conseguimos observar que, entre arrazoadas de lamúrias e sofrimento, Luiza e Elena, ao longo dos seus relacionamentos, paulatinamente compreenderam que foram traídas por suas próprias fantasias de completude, de inteireza, em que dois não fazem Um, não fazem o príncipe imaginário, que não se sustenta nas suas pernas e cai, como um resto de semblantes. O príncipe vira

sapo. A potência evapora. O desejo apequena. E o que fica é o lugar de mãe de seus filhos dentro do cenário fálico.

Ser mãe, esposa ou puta, todas estas posições agradam aos homens. Todos os homens precisam ter o falo para ser homem. E a mulher é o falo do homem. Por isso, quando a mulher engorda e perde sua condição de sedução (observamos este fato tanto em Luiza quanto em Elena), o homem tende a entrar em uma “angústia do proprietário”, ao ver sua “riqueza” ser depredada, tendo então que correr e procurar outra que lhe ofereça o que a esposa lhe oferecera outrora.

Conseguimos compreender que existem diferenças marcantes nas formas de amar e gozar entre homens e mulheres e que, embora sendo a alienação um destino para o sujeito da linguagem do Outro e a separação uma escolha singular, não existem encaixes possíveis e relação sexual entre dois sujeitos.

Luiza e Elena procuraram seus pedaços, objeto *a*, desesperadamente em seus companheiros. Mas o que encontraram foi a angústia e o vazio, ao perceberem que suas fantasias não davam conta do real. Por isso sofriam, imaginando não poderem conseguir ser felizes.

O objeto do desejo para sempre inexistirá. Aquilo que efetivamente as mulheres desejam são semblantes, valores, o que é atribuído à camada grossa de fantasias que revestem os objetos, que reveste o homem amado. Assim, Luiza e Elena, real-mente, não se relacionaram com o Outro, mas com as fantasias que criaram sobre Jorge e Tomás, o que confirma o aforismo de Lacan: “A relação sexual não existe”. Mas, ainda de acordo com o autor, em seu raciocínio “Se existe um objeto de teu desejo, ele não é outro senão tu mesmo” (1962-1963/2005, p. 185).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brousse, M. H. (2019). *Mulheres e seus discursos*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Capanema, C. A., & Vorcaro, A. M. (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos da Clínica*, 22(2), 388-495.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gaspard, J.-L., Silva Junior, N., Dunker, C. I. L., Assadi, T. C., & Doucet, C. (2010). Psicanálise e análise do discurso: elementos para uma investigação clínica futura. *A Peste*, 2(2), 361-378.
- Feldstein, R., Fink, B., & Jaanus, M. (Orgs.). (1997). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Fluentes, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes*. Belo Horizonte: Scriptum Livros
- Freud, S. (1893-1895/2016). In *Obras completas: Estudos sobre a histeria*. (Vol. II). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1900/2019). In *Obras completas: A interpretação dos sonhos*, (Vol. IV). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1901-1905/2016). In *Obras completas: Três ensaios sobre a sexualidade*. (Vol. VI). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1912-1914/2012). In *Obras completas: Totem e Tabu*. (Vol. XI). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914-1916/2010). In *Obras completas: Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos*. (Vol. XII). São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud, S. (1915/2017). *In Obras incompletas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, S. (1923-1925/2011). *In Obras completas: O eu e o id*. (Vol. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1932-1936/1996). *In Obras completas: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia, R. L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana, vol. 1: Afasia (1891); O projeto (1895)*. Rio de Janeiro: Zahar
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Jorge, C. A. M. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. (Vol. 2: A clínica da fantasia). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1955-1956/1988). *O Seminário, Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1956-1957/1995). *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1957-1958/1999). *O Seminário, Livro 5: As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1958-1959/2016). *O Seminário, Livro 6: O desejo e suas interpretações*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1960-1961/2010). *O Seminário, Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O Seminário, Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964/2008). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1964-1965/2006). *O Seminário, Livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise*. Recife: Centro de estudos freudiano de Recife.
- Lacan, J. (1966/2003). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Lacan, J. (1968-1969/2008). *O Seminário, Livro 16: De um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1969-1970/1992). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1971/2009). *O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1971-1972/2012). *O Seminário, Livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1972/2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973/2008). *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1974-1975/s.d). *O Seminário, Livro 22: R.S.I.* [PDF]. Disponível em: <https://m.facebook.com/lacanempdf>
- Miranda, E. R. (2017). *Desarrazoada: devastação e êxtase*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Peixoto, J. A. C. (2003). Do narcisismo ao amor primário: Balint e a gênese dos processos de subjetivação. *Psychê*, 11(11), 13-28.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar

## Anexos

### Anexo 1: Parecer do Comitê de Ética do Conep (Plataforma Brasil)

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
CHRISTUS - UNICHRISTUS



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ENLACES E DESENLACES DO AMOR: O sofrimento entre o insuportável do amor e o impossível da separação. Dois estudos de casos à luz da teoria psicanalítica de Freud e Lacan

**Pesquisador:** SANDRA MARA LOPES DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 33497720.5.0000.5049

**Instituição Proponente:** Universidade Fernando Pessoa/Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.383.585

##### Apresentação do Projeto:

Há mais de um século a psicanálise vem desenvolvendo trabalhos de investigação sobre o tema amor e toda complexidade que este apresenta na saúde mental. A partir de estudos com pacientes histéricas Sigmund Freud apresentou a estruturação do aparelho psíquico (primeira e segunda tópica), como também revelou a existência da sexualidade infantil e que no percurso do desenvolvimento infantil o sujeito vivencia experiências traumáticas, em seu relacionamento com o Outro, que ficam reprimidas a nível inconsciente, sendo eventualmente convertidas em sintomas e dificuldades afetivas na fase adulta. Nesta linha do quadro-epistemológico da psicanálise, propomos um estudo sobre o tema amor no feminino, sob o olhar da mulher frente as suas emoções e amores, como também a relação com o gênero feminino, a partir da interface entre: Por um lado, a observação analítica e estudo de casos de mulheres acompanhadas na prática da investigadora, e por outro lado, as interrogações que se articulam, designadamente, ao ensino de Lacan e que aqui parafraseamos: "A mulher não existe"(1901/1981), "Amar é dar o que não se tem, a alguém que não quer"(1960/2010, Seminário 8), "Não existe relação sexual"( 1957/1999, Seminário 5). Assim, a problemática que giram em torno do tema amor apontam questões sobre os casos particulares que envolvem a falta, (Frustração, Privação, castração), falta esta que em ato possibilita o surgimento e deslocamento do desejo, entretanto operador de angústias e

**Endereço:** Rua Joao Adolfo Gurgel, 133  
**Bairro:** Cocó **CEP:** 60.190-060  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3265-6668 **Fax:** (85)3265-6668 **E-mail:** fc@fchristus.com.br

Continuação do Parecer: 4.383.585

sofrimento, aonde o amor produz fantasiosamente a imagem do encontro com o Outro uma forma de completude, e o surgimento do Um na relação, como forma de tamponar a falta, podendo levar à manifestações de sintomas e gozo inconsciente. Assim na busca desta completude, pelo sujeito psíquico que é em essência um sujeito da falta, leva nos as questões em que se apresentam de modo singular na experiência amorosa e psíquica das mulheres, que ao se alienar ao desejo de seus parceiros adoecem, podendo apresentarem dificuldades de separação nesta operação em que na soma se faz o Um da relação.

**Objetivo da Pesquisa:**

Compreender em termos conceituais o desenvolvimento da constituição psíquicas do sujeito no contexto afetivo da infância, como se organiza o nascimento e desenvolvimento do amor (modelações da libido narcísicas e objetais);

6

Entender a importância da fase do complexo edípico a partir das histórias de vida e pôr em perspectiva as escolhas amorosas da fase adulta como maneira de resgatar o objeto primordial de amor infantil;

Compreender a ausência de um significante feminino e a lógica do Não – Todo fálico presente na sexualidade da mulher;

Analisar a mulher como causa do desejo do homem e suas formas de gozo;

Mostrar de maneira a compreender a forma erotomaniaca de amar no feminino e a forma fetichista do amor no masculino;

Analisar a busca do Outro como forma de proporcionar completude em que o amor se faz semblante e tampona sentimentos de angústia e de abandono;

Estudar no processo de constituição subjetiva do sujeito o momento de alienação e separação presentes no desenvolvimento afetivo e amoroso e recorrentes conflitos e sofrimentos;

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

O percurso de trabalho realizado na clínica analítica tem como pressuposto a preocupação sobre questões que possam vir dar prejuízo e sofrimento

psíquico ao sujeito, no processo de subjetivação;

Assim a psicanálise, linha teórica de atendimento utilizado pela pesquisadora num percurso de trinta anos de trabalho em consultório analítico, visa

ter o ser humano como ponto nodal, buscando na prática analítica os cuidados que cercam

**Endereço:** Rua Joao Adolfo Gurgel, 133  
**Bairro:** Cocó **CEP:** 60.190-060  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3265-6668 **Fax:** (85)3265-6668 **E-mail:** fc@fchristus.com.br

Continuação do Parecer: 4.383.585

qualquer prejuízo ao bem estar do analisando como também preocupações referente a ética profissional.

**Benefícios:**

Através da investigação dos conflitos psíquicos do amor no feminino poderemos obter maior compreensão sobre as estruturas psíquicas a qual irá

possibilitar- nos melhorias aos atendimentos clínicos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Itens de natureza obrigatória apresentados e sem pendências.

**Recomendações:**

\* Enviar Relatório Parcial e Final, via Plataforma Brasil.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa apresentada segue as recomendações da Resolução 466/12.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Recurso do Parecer	recurso.pdf	06/10/2020 16:44:22		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	recurso CONEP 06 10 2020.pdf	06/10/2020 16:44:09	SANDRA MARA LOPES DE	Aceito
Outros	projeto_sandraoliveira.pdf	06/10/2020 16:29:36	SANDRA MARA LOPES DE	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1544849.pdf	08/09/2020 14:56:58		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhadobrochurainvestigador_sandraoliveira.pdf	30/05/2020 18:58:29	SANDRA MARA LOPES DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_sandraoliveira.pdf	30/05/2020 18:52:03	SANDRA MARA LOPES DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	orcamento_sandraoliveira.pdf	30/05/2020 18:42:27	SANDRA MARA LOPES DE	Aceito
Cronograma	cronograma_sandraoliveira.pdf	30/05/2020	SANDRA MARA	Aceito

**Endereço:** Rua Joao Adolfo Gurgel, 133  
**Bairro:** Cocó **CEP:** 60.190-060  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3265-6668 **Fax:** (85)3265-6668 **E-mail:** fc@fchristus.com.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO  
CHRISTUS - UNICHRISTUS



Continuação do Parecer: 4.383.585

Cronograma	cronograma_sandraoliveira.pdf	18:42:03	LOPES DE	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_sandraoliveira.pdf	30/05/2020 18:40:34	SANDRA MARA LOPES DE	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FORTALEZA, 06 de Novembro de 2020

Assinado por:

**OLGA VALE OLIVEIRA MACHADO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Joao Adolfo Gurgel, 133  
**Bairro:** Cocó **CEP:** 60.190-060  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3265-6668 **Fax:** (85)3265-6668 **E-mail:** fc@fchristus.com.br

## **Anexo 2: Parecer da Orientadora Professora Doutora Marta Matos**

### PARECER DO ORIENTADOR DO PROJECTO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAUDE DE SANDRA LOPES DE OLIVEIRA

Na qualidade de orientadora da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da aluna **Sandra Mara Lopes de Oliveira (nº 39315)** sobre o tema de investigação **“Enlaces e desenlaces do amor: o sofrimento entre amor impossível e o impossível da separação. Dois estudos de caso à luz da teoria psicanalítica de Freud e Lacan”**, declaro ter conhecimento do seu projecto de investigação e dissertação e ter vindo a acompanhar a elaboração do mesmo a nível teórico e metodológico.


Posso acrescentar que o trabalho versa sobre um tema muito interessante e pertinente, tanto do ponto de vista clínico e da intervenção, como do ponto de vista conceptual, contribuindo deste modo para o conhecimento sobre a vida afectiva, relações amorosas e seus reveses, nomeadamente sob o ângulo da experiência feminina, interrogando se as suas modalidades apontam alguns elementos diferenciais quanto ao género.

O trabalho de pesquisa encontra-se numa fase inicial, tendo a investigadora já organizado um plano de trabalho e cujo resumo se apresenta no formulário enviado.

Por tudo isto, declaro o meu apoio e parecer muito favorável à sua realização.

Porto, 29 de Setembro de 2019

A orientadora,



Marta Matos

**Anexo 3: Parecer do Coorientador Professor Doutor Leonardo José Barreira  
Danziato**

**PARECER SOBRE O PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM  
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE DE SANDRA LOPES DE OLIVEIRA**

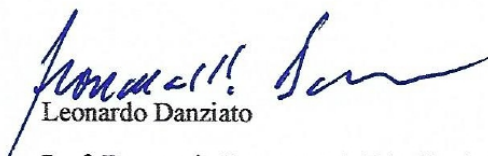
Declaro ter conhecimento e que venho acompanhando o projeto de mestrado em psicologia clínica e da saúde intitulado “ENLACES E DESENLACES DO AMOR: O sofrimento entre o insuportável do amor e o impossível da separação. Dois estudos de casos à luz da teoria psicanalítica de Freud e Lacan”, de Sandra Lopes de Oliveira.

Trata-se de um tema da maior relevância para o campo psicanalítico, muito especialmente para sua prática clínica, já que articula o feminino, o amor e as relações de gênero entre homem e mulher.

A escrita e a pesquisa estão em sua fase inicial, mas o planejamento para sua execução já se encontra pronto para ser aplicado.

Considero, portanto, um trabalho importante para ser encaminhado pela autora, e declaro meu parecer favorável à sua realização.

Fortaleza, 08 de maio de 2020



Leonardo Danziato

Prof. Doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unifor  
Co-Orientador

## **Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

### **Termo de consentimento livre e esclarecido ao sujeito de pesquisa**

Gostaríamos de convidá-la a participar do projeto de pesquisa “ENLACES E DESENLACES DO AMOR: o sofrimento entre o insuportável do amor e o impossível da separação. Dois estudos de casos à luz da teoria psicanalítica de Freud e Lacan,” desenvolvido como projeto do mestrado em psicologia clínica da Universidade Fernando Pessoa, Portugal. O objetivo geral deste projeto é identificar as crenças oriundas de um pensar e sentir da mulher naquilo que se refere ao desejo de completude nos enlacedores amorosos, em que o desejo da mulher, alienado ao desejo do Outro, busca uma forma de tamponar o insuportável da falta, sendo esta, peculiar do sujeito inconsciente, assim a falta e a alienação ao desejo do Outro, tornam-se fatores relevantes àquilo que se caracteriza sofrimento psíquico frente a separação entre o eu-Outro.

A pesquisa será realizada através de dois estudos de caso, de mulheres que foram atendidas pela a investigadora e que tiveram seus tratamentos findados há no mínimo dois anos, e que após ao término não recorreram contatos com a investigadora, para dar continuidade ao tratamento. Assim utilizaremos do discurso analítico, como ato e dispositivo que enquadre a constituição subjetivas por intermédio das falas descritas nos dois estudos de caso.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos oferecem riscos mínimos as participantes.

Antes do seu preenchimento serão prestadas informações a respeito do objetivo do estudo, aquilo que serão relevantes serem destacados no discurso analítico, a importância da sua participação, garantindo o anonimato e confidencialidade dos dados obtidos. Estaremos a qualquer momento disponíveis para esclarecer dúvidas da participante, referente ao estudo de casos, durante todo o processo da pesquisa.

A participação nesta pesquisa é voluntária e os participantes não receberão nenhuma compensação financeira para participar do estudo, sendo a elas permitido a desistência de sua participação em qualquer momento do estudo. Os benefícios que podem ser gerados, são no sentido de aumentar o conhecimento científico no que se refere aos enlacedores e desenlacedores dos relacionamentos afetivos de mulheres, favorecendo as intervenções clínicas no momento analítico, contribuindo para benefícios que minimizem o sofrimento psíquico.

As informações coletadas do estudo de casos serão analisadas em conjunto com outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade, resguardando o nome das participantes.

Declaro que li e entendi os objetivos deste estudo, e que as dúvidas que tive foram esclarecidas pelo pesquisador responsável. Estou ciente que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar a permissão para participar da mesma, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Nome do sujeito de pesquisa

---

Assinatura do sujeito de pesquisa

---

Declaro que expliquei ao sujeito de pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos/desconfortos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Sandra Mara Lopes De Oliveira